

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

CAROLINA DE CAMPOS

**CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA
ESCALA DE AUTOEFICÁCIA PARA ATLETAS BRASILEIROS**

CAMPINAS

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

CAROLINA DE CAMPOS

**CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA
ESCALA DE AUTOEFICÁCIA PARA ATLETAS BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

153.93 Campos, Carolina de.
C198c Construção e investigação de evidências de validade de uma escala de autoeficácia para Atletas Brasileiros/Carolina de Campos.- Campinas: PUC-Campinas, 2023
198 f.

Orientador: Tatiana de Cássia Nakano.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Testes psicológicos. 2. Psicometria. 3. Esportes – Aspectos psicológicos. I. Nakano, Tatiana de Cássia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

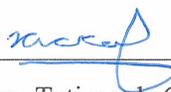
CDD - 22. ed. 153.93

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

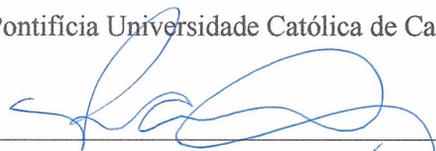
CAROLINA DE CAMPOS

**CONSTRUÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA
ESCALA DE AUTOEFICÁCIA PARA ATLETAS BRASILEIROS**

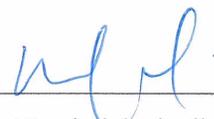
Tese defendida e aprovada em 07 de fevereiro de 2023 pela Comissão
Examinadora



Prof. Dra. Tatiana de Cássia Nakano
Orientadora da Tese e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão
Universidade São Judas Tadeu (USJT)



Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Universidade São Francisco (USF)

Aos meus amados pais, Varnei e Regina,

E à minha querida irmã, Mariana.

“As pessoas que acreditam que têm o poder de exercer algum grau de controle sobre suas vidas são mais saudáveis, mais eficazes e mais bem-sucedidas do que aquelas que não têm fé em sua capacidade de fazer mudanças em suas vidas.”

Albert Bandura

*“A luta pela vida nem sempre é vantajosa aos fortes e aos espertos
Mais cedo ou mais tarde, quem cativa a vitória é aquele que crê
plenamente.
Eu conseguirei.”*

Napoleon Hill

AGRADECIMENTOS

Sempre fui uma pessoa atenta aos meus sentimentos e acredito que consiga expressá-los sem maiores problemas, principalmente quando se trata de amor e gratidão. Por isso, achei que fosse ser mais fácil escrever aqui todos os agradecimentos, mas confesso que quando parei para pensar sobre esses quatro anos e todas as pessoas que participaram para que essa tese fosse escrita, as lágrimas rolaram e as palavras ficaram embargadas.

Não consigo imaginar iniciando esses agradecimentos sem manifestar o quão sou grata a *Deus* e aos *Guias Espirituais*, meus amigos de outra dimensão que, em toda a minha vida, sempre tem uma palavra amiga e um abraço aconchegante; seja em momentos bons ou naqueles em que preciso de um empurrão para continuar a caminhar. Deus, gratidão por ser tão generoso comigo e colocar tantos presentes em forma de gente em meu caminho.

Esses quatro anos foram incríveis e leves graças à ‘cabeça’ do nosso grupo de pesquisa, *Professora Dra. Tatiana Nakano*. Tati, me lembro como se fosse ontem a primeira vez que te encontrei e você, com um sorriso enorme, me abraçou e já me fez sentir parte dessa família que você criou com todos seus filhos acadêmicos. Todas as nossas conversas me fizeram evoluir como profissional e pessoa. Você é um exemplo de docente a ser seguido; doce, meiga, divertida, amiga e, acima de tudo, tão humana a ponto de nos mostrar as suas fraquezas e dificuldades, o que me faz te ver como uma mulher ainda mais forte e admirável. Obrigada pela orientadora e professora maravilhosa que é e, principalmente, obrigada pela amiga que se tornou ao longo desses anos!

Agradeço também aos professores que gentilmente aceitaram participar da banca examinadora e contribuir com seus conhecimentos para esse trabalho. Obrigada aos professores *Dr. Rodolfo Ambiel* e *Dr. Wanderlei de Oliveira*, docentes dessa renomada universidade, por

prontamente aceitarem o convite feito e disponibilizarem seu tempo me ajudando a pensar de maneira mais integral sobre o trabalho.

Agradeço também os professores convidados que fazem parte da minha trajetória profissional desde o início. *Professor Dr. Evandro Peixoto*, saiba que desde a primeira aula que assisti você falando de avaliação psicológica no esporte, em 2014, você plantou uma sementinha da curiosidade em mim que me fez querer estudar ainda mais esse tema. Sou grata por me conduzir até a PUC-Campinas e me acolher no grupo de pesquisa no qual você fez (e ainda faz, ok?) parte. Saiba que tenho grande admiração pelo profissional que você é e sou orgulhosa em poder te chamar de amigo.

Professora Dra. Regina Brandão, me faltam palavras para demonstrar o quão sou grata por nossas vidas terem se cruzado. Afinal, se hoje eu estou no mundo da psicologia do esporte é porque a senhora, ainda na minha graduação, me mostrou que ele existia e me conduziu até ele, me abrindo portas e me orientando sempre. Que sorte a minha ter um ícone do esporte ao meu lado e poder aprender contigo. Gratidão por ser minha guia e minha orientadora do mestrado, a quem sempre chamarei carinhosamente de ‘mãe acadêmica’. Fiquei imensamente feliz em poder contar com a senhora e sua colaboração nessa banca examinadora.

Agradeço aos meus colegas e amigos do grupo de pesquisa que passaram tantos perrengues comigo, mas também participaram de momentos muito mais numerosos que foram alegres e inesquecíveis como as nossas festas. Afinal, estarmos juntos sempre foi uma festa e toda terça-feira era motivo de comemoração. Obrigada *Bel, Allan, Laís, Jana, Mari e Tati* por fazerem, do nosso grupo de pesquisa, o mais feliz e produtivo da universidade. Obrigada também às veteranas do grupo, *Karina, Pri e Carol* por sempre me transmitirem calma e me orientarem quando necessário.

Durante esse percurso também houve obrigações burocráticas, como preenchimento de formulários, relatórios e entregas de documentos, que só ficaram mais fáceis graças à *Elaine* e

Maria Amélia. Meninas, muito obrigada por sempre me ajudarem quando preciso e me ligarem lembrando dos prazos a serem cumpridos. Vocês descomplicam as nossas vidas e são de suma importância para a existência do programa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001*. Sem esse apoio não seria possível a realização desta tese, por isso, minha gratidão a esta instituição.

Agradeço muito aos *atletas* que participaram dos estudos e fizeram com que essa pesquisa acontecesse. Gratidão especial aos atletas que trabalho diariamente e que me ajudaram, não só como participantes da pesquisa, mas também como pessoas que me fazem evoluir todos os dias como profissional. Vocês são demais e me orgulho em acompanhar a trajetória de vocês no esporte. Gratidão à *Confederação de Desportos de Deficientes Visuais* e ao *Centro de Formação de Atletas da Sociedade Esportiva Palmeiras* por me permitirem coletar os dados da pesquisa nas instituições; principalmente ao *Kelvin Barros* e ao *João Paulo Sampaio*, gestores que sempre me permitiram ter autonomia durante o meu trabalho nessas instituições e que apoiam a psicologia do esporte.

Essa pesquisa não seria possível sem a ajuda de amigos e colegas de profissão. Por isso, obrigada *Thiago, Rafa, Fernanda e Cris* por me ajudarem a coletar os dados com os atletas que vocês trabalham. Sou grata por poder ter vocês como amigos e parceiros de trabalho; cada um à sua maneira, me inspira e me ensina a cada conversa e ‘troca de figurinhas’ sobre esse mundo da psicologia do esporte. Preciso aqui fazer um agradecimento especial à *Aninha*, quem ajudou a fazer essa tese acontecer não só coletando dados com os atletas mais novos do CFA Palmeiras, mas também ‘segurou a barra’ atendendo a maioria das demandas desse ano para que eu pudesse ter mais tempo livre para escrever a tese. Anna, como sempre digo, você é meu braço esquerdo e direito na rotina doida que temos no futebol, muito obrigada por existir e ser minha amiga e parceira de trabalho.

Também agradeço aos colegas de clube que me ajudaram a coletar dados com outras equipes e modalidades. Obrigada *Dra. Julia, Matheus Firmo, Gilmey e Daniel Paduan*. Vocês mostraram grande empatia e colaboraram de maneira ativa para a produção da tese.

Parafrazeando Emicida: “quem tem um amigo tem tudo”! Sou felizada de ter amigos tão especiais que fui fazendo ao longo da vida e hoje são como irmãos que acompanharam todo o processo de elaboração dessa tese. Os primeiros amigos chegaram logo no Jardim II e na Pré-Escola e até hoje estão ao meu lado em todos os momentos; *Família Desde Sempre*, gratidão por estarem literalmente sempre comigo e perguntarem como estava o processo de elaboração da tese, se oferecendo inclusive a ajudar quando necessário. Amo vocês!

Outros amigos foram chegando ao longo do caminho, como minhas amigas irmãs *Angélica e Val*, e seus esposos *Rafa e Thiago*. Gratidão por sempre estarem presentes nos principais momentos da minha vida, por me permitirem participar das famílias de vocês e por sempre estarem disponíveis quando eu me ‘descabelava’ e precisava de um ombro amigo para chorar. Vocês são anjos que fazem a minha vida melhor. Também amo vocês!

Gratidão ao meu primo, *Jonas*, que mesmo estando em terras canadenses faz questão de estar presente em minha vida e sempre tem uma palavra de incentivo quando as coisas ficam difíceis. Agradeço também ao *Jorge*, que durante esse último ano, por muitas vezes, me fez questionamentos que me instigaram a pensar e aprimorar o texto desta tese, além de me incentivar a continuar na caminhada acadêmica.

Agradeço também à *Miss Elis* e à *Jozi*, que durante todo esse tempo estiveram comigo na missão de aprimorar meu inglês, tirando dúvidas e ajudando na escrita de textos na língua estrangeira. Thank you so much!

Também agradeço aos meus irmãos de fé e amigos do *Templo de Umbanda Caboclo Oxóssi Rei da Mata* que, com os abraços calorosos e cheios de amor, me ajudavam a renovar as energias a cada semana. Vocês são a melhor família espiritual que eu poderia ter!

Há pessoas em nossas vidas que nos inspiram de diversas maneiras. Pois bem, não poderia deixar de agradecer ao *Roberto* e à *Nilza* que, desde criança, me inspiraram para que eu seguisse na profissão que amo e me ajudaram a descobrir a minha missão de vida. Sou grata por cada conversa, cada abraço e cada orientação que me deram. Saibam que considero vocês mais do que amigos; são a família que aprendi a amar e respeitar, e que faço questão de estarem comigo em minha jornada. Amo vocês!

Por fim, quero agradecer às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais, *Varnei* e *Regina*, e minha irmã, *Mariana*. Posso dizer que não poderia ter escolhido família melhor para viver essa vida. Obrigada por me darem a vida e fazerem sentido a ela. Obrigada por me apoiarem em tudo. Obrigada por serem meus exemplos e me passarem os melhores valores de vida. Obrigada por comemorarem e participarem comigo de minhas vitórias. Obrigada por me abraçarem enquanto eu chorava quando as coisas estavam difíceis. Obrigada por sempre me fazerem lembrar das minhas competências. Obrigada por me instruírem. Obrigada por serem meu porto seguro e, ao mesmo tempo, minha melhor alavanca de encorajamento e evolução. Enfim, obrigada por serem vocês e me fazerem a pessoa mais amada do mundo. Amo vocês incondicionalmente!!!

RESUMO

A autoeficácia é considerada um mediador de comportamentos e influenciador dos esquemas cognitivos. Está também diretamente relacionada com a motivação das ações humanas e com a persistência e esforço para as realizações de tarefas, sendo um constructo importante para se estudar no contexto esportivo, por se tratar de um ambiente de superação diária de resultados e desempenho. Apesar dessa importância, nota-se a escassez de instrumentos validados para avaliar e mensurar a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro. Por esse motivo, a presente tese teve como objetivo geral desenvolver e verificar as evidências de validade das propriedades psicométricas de uma Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros. Para isso, foram realizados cinco estudos. O primeiro refere-se à construção de uma versão inicial do instrumento, composta por 84 itens, baseados na literatura da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura. No segundo estudo investigou-se evidências de validade de conteúdo do instrumento através da verificação da adequação do instrumento junto ao público-alvo a partir de um estudo piloto junto a 15 atletas divididos em três grandes grupos (adultos, adolescentes com 14 anos e paratletas); além disso, também foi feita uma análise por cinco juízes especialistas em avaliação psicológica e psicologia esportiva. Os juízes consideraram adequados 81 itens, os quais tiveram suas evidências de validade com base na estrutura interna e precisão investigadas no estudo 3. Participaram do estudo 379 atletas brasileiros com idades entre 13 e 51 anos, nascidos nas cinco regiões do país e praticantes de diferentes modalidades esportivas. A análise fatorial confirmatória comprovou a estrutura fatorial de quatro fatores: Experiências Diretas de Domínio, Experiências Vicárias, Persuasão Verbal e Estados Fisiológicos e Emocionais. As cargas fatoriais variaram de 0,238 a 0,732. Após a exclusão de cinco itens com cargas fatoriais negativa, a versão final da escala ficou composta por 76 itens,. A precisão, por meio da consistência interna, também se mostrou satisfatória ($\hat{\Omega}$ McDonald $\leq 0,82$). No estudo quatro, os resultados na escala foram comparados com outros instrumentos que avaliavam motivação e saúde mental, a fim de investigar as evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados. Participaram desta etapa 117 atletas, todos homens, com idades entre 13 e 20 anos e praticantes de modalidades coletivas. O instrumento apresentou correlações positivas e significativas com a maioria das dimensões de motivação e com o instrumento de saúde mental. Por fim, o estudo cinco se propôs a avaliar a influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala. Notou-se que apenas os critérios ‘tempo de prática’ e ‘gênero’ apresentaram diferenças entre as médias nos fatores Experiências Diretas de Domínio (médias superiores em atletas com mais de seis anos de prática) e Estados Fisiológicos e Emocionais (médias superiores em homens e atletas com mais de seis anos de prática). Os demais critérios sociodemográficos avaliados (nível de escolaridade, modalidade, região de moradia, nível competitivo e se o atleta possuía ou não alguma deficiência) não demonstraram diferença significativa em suas médias, permitindo inferir que a escala pode ser utilizada com atletas com características distintas. De maneira geral, acredita-se que o objetivo da presente tese foi atingido satisfatoriamente, podendo afirmar que a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros possui propriedades psicométricas adequadas para o uso junto a atletas brasileiros.

Palavras-chave: avaliação psicológica, psicometria, psicologia esportiva

ABSTRACT

Self-efficacy is considered a mediator of behaviors and an influencer of cognitive schemas. It is also directly related to the motivation of human actions and the persistence and effort to accomplish tasks. Due to the sport context being an environment of daily overcoming of results and performance, it is an important construct of study to be explored in this world. Even though this is extremely important, there is a lack of validated instruments to assess and measure self-efficacy in the Brazilian sports context. Therefore, the general aim of this thesis was to develop and verify the validity evidence of the psychometric properties of a Self-Efficacy Scale for Brazilian Athletes. For this, five studies were accomplished. The first one refers to the construction of a first version of the instrument, consisting of 84 items, based on the literature of Albert Bandura's Social Cognitive Theory. In the second study, evidence of content validity of the instrument was investigated by verifying the adequacy of the instrument with the target audience based on a pilot study with 15 athletes divided into three large groups (adults, 14-year-old adolescents and parathletes); in addition, an analysis was also accomplished by five expert judges in psychological assessment and sports psychology. The judges considered 81 items suitable, which had their evidence of validity based on the internal structure and accuracy investigated in study 3. This study included 379 Brazilian athletes aged between 13 and 51 years old, born in the five regions of the country and practitioners from different sports modalities. Confirmatory factor analysis confirmed the factor structure of four factors: Direct Experiences of Mastery, Vicarious Experiences, Verbal Persuasion and Physiological and Emotional States. Factor loadings ranged from 0.238 to 0.732. After excluding five items with negative factor loadings, the final version of the scale consisted of 76 items. Accuracy, through internal consistency, was also satisfactory ($\Omega_{\text{McDonald}} \leq 0.82$). In study four, the scale results were compared with other instruments that assessed motivation and mental health, to investigate validity evidence based on tests that assess related constructs. 117 athletes participated in this stage, all men, aged between 13 and 20 years old and practitioners of collective sports. The instrument showed positive and significant correlations with most of the motivation dimensions and with the mental health instrument. Finally, study five proposed to assess the influence of sociodemographic variables on the scale result. It was noted that only the criteria 'practice time' and 'gender' showed differences between the means in the factors Direct Experiences of Mastery (higher average in athletes with more than six years of practice) and Physiological and Emotional States (higher average in men and athletes with more than six years of practice). The other sociodemographic criteria evaluated (level of education, modality, region of residence, competitive level and whether the athlete had a disability) showed no significant difference in their averages, allowing to infer that the scale can be used with athletes with different characteristics. In general, it is believed that the aim of this thesis was satisfactorily achieved, and it can be stated that the Self-Efficacy Scale for Brazilian Athletes has adequate psychometric properties to use with this population.

Keywords: psychological assessment, psychometrics, sports psychology

RESUMEN

La autoeficacia es considerada un mediador de comportamientos e influenciador de esquemas cognitivos. También está directamente relacionada con la motivación de las acciones humanas y la persistencia y el esfuerzo para realizar tareas, siendo un constructo importante para estudiar en el contexto deportivo, por ser un ambiente de superación diaria de resultados y rendimiento. A pesar de esta importancia, faltan instrumentos validados para evaluar y medir la autoeficacia en el contexto deportivo brasileño. Por eso, el objetivo general de esta tesis fue desarrollar y verificar las evidencias de validez de las propiedades psicométricas de una Escala de Autoeficacia para Atletas Brasileños. Para ello se realizaron cinco estudios. El primero se refiere a la construcción de una versión inicial del instrumento, compuesta por 84 ítems, basada en la literatura de la Teoría Social Cognitiva de Albert Bandura. En el segundo estudio, se investigó la evidencia de validez de contenido del instrumento verificando la idoneidad del instrumento con el público-objetivo a partir de un estudio piloto con 15 atletas divididos en tres grandes grupos (adultos, adolescentes de 14 años y paraatletas); además, también se llevó a cabo un análisis por parte de cinco jueces expertos en evaluación psicológica y psicología del deporte. Los jueces consideraron adecuados 81 ítems, que tuvieron su evidencia de validez a partir de la estructura interna y precisión investigada en el estudio 3. Participaron 379 atletas brasileños con edades entre 13 y 51 años, nacidos en las cinco regiones del país y practicantes de diferentes modalidades deportivas. El análisis factorial confirmatorio confirmó la estructura factorial de cuatro factores: Experiencias Directas de Maestría, Experiencias Vicarias, Persuasión Verbal y Estados Fisiológicos y Emocionales. Las cargas factoriales oscilaron entre 0,238 y 0,732. Luego de excluir cinco ítems con cargas factoriales negativas, la versión final de la escala constaba de 76 ítems. La precisión, por consistencia interna, también fue satisfactoria (Ω McDonald $\leq 0,82$). En el estudio cuatro, los resultados de la escala se compararon con otros instrumentos que evaluaron la motivación y la salud mental, para investigar evidencias de validez basadas en pruebas que evalúan constructos relacionados. En esta etapa participaron 117 atletas, todos hombres, con edades comprendidas entre los 13 y los 20 años y practicantes de deportes colectivos. El instrumento mostró correlaciones positivas y significativas con la mayoría de las dimensiones de motivación y con el instrumento de salud mental. Finalmente, el estudio cinco se propuso evaluar la influencia de las variables sociodemográficas en el resultado de la escala. Se observó que solo los criterios 'tiempo de práctica' y 'género' presentaron diferencias entre las medias en los factores Experiencias Directas de Maestría (medias más altas en deportistas con más de seis años de práctica) y Estados Fisiológicos y Emocionales (medias más altas en hombres y deportistas con más de seis años de práctica). Los demás criterios sociodemográficos evaluados (nivel de estudios, modalidad, región de residencia, nivel competitivo y si el atleta tenía o no discapacidad) no mostraron diferencia significativa en sus promedios, lo que permite inferir que la escala puede ser utilizada con atletas con diferentes características. En general, se cree que el objetivo de esta tesis fue alcanzado satisfactoriamente y se puede afirmar que la Escala de Autoeficacia para Atletas Brasileños tiene propiedades psicométricas adecuadas para ser utilizada con atletas brasileños.

Palabras clave: evaluación psicológica, psicometría, psicología del deporte

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Focos de avaliação da autoeficácia e instrumentos disponíveis	56
Tabela 2. Instrumentos com estudos de evidências de validade para investigar a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro	62
Tabela 3. Definição das fontes de autoeficácia	69
Tabela 4. Itens que compuseram a primeira versão do instrumento de acordo com a dimensão a ser avaliada	73
Tabela 5. Exemplos de alterações dos itens após o estudo-piloto	81
Tabela 6. Coeficiente Kappa	87
Tabela 7. Estados em que os atletas nasceram e treinam	93
Tabela 8. Modalidades esportivas praticadas pelos participantes	94
Tabela 9. Itens que apresentaram cargas fatoriais negativas na avaliação da Análise Fatorial Confirmatória	96
Tabela 10. Estrutura fatorial da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros	99
Tabela 11. Estados em que os atletas nasceram e treinam atualmente	110
Tabela 12. Média e desvio padrão para as dimensões avaliadas nos três instrumentos	114
Tabela 13. Correlações de Spearman entre as dimensões da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros e a Escala de Motivação para o Esporte II e Escala de Saúde Mental Positiva ..	115
Tabela 14. Resultados do teste de Mann Whitney de acordo com os gêneros dos participantes	124
Tabela 15. Resultados do teste de Mann-Whitney de acordo com os participantes com e sem deficiência	125
Tabela 16. Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Experiências Diretas de Domínio	126
Tabela 17. Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Experiências Vicárias	127
Tabela 18. Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Persuasão Verbal	128
Tabela 19. Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Estados Fisiológicos e Emocionais	129

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1. Instrumentos utilizados para investigar autoeficácia	49
Quadro 2. Alteração dos itens que apresentaram concordância substancial entre as avaliações das juízas no primeiro momento	86

SUMÁRIO

Agradecimentos	VII
Resumo	XII
Abstract	XIII
Resumen	XIV
Lista de Tabelas	XV
Lista de Figuras	XVI
CAPÍTULO 1. APRESENTAÇÃO	20
CAPÍTULO 2. INTRODUÇÃO: AUTOEFICÁCIA	23
Autoeficácia: definições e importância	23
Construtos associados à autoeficácia ou que a influenciam	29
Autoeficácia no contexto esportivo	35
Revisão de literatura sobre autoeficácia no esporte	41
CAPÍTULO 3. AVALIAÇÃO DA AUTOEFICÁCIA	52
Avaliação da autoeficácia: pontos importantes	52
Instrumentos disponíveis	55
Avaliação psicológica no contexto do esporte brasileiro	60
CAPÍTULO 4. OBJETIVOS	66
CAPÍTULO 5. ESTUDOS	67
Estudo 1 – Desenvolvimento do instrumento	67
O modelo teórico selecionado	67
O instrumento	70
Estudo 2 – Evidências de validade com base no conteúdo	75
<i>Etapa 1 – Estudo Piloto</i>	75
Objetivo	76
Hipótese	76
Método	76
Participantes	76
Critérios de Inclusão e Exclusão	78
Instrumentos	78

Procedimentos	79
Resultados	81
<i>Etapa 2 – Análise de juízes especialistas</i>	82
Objetivo	83
Hipótese	83
Método	83
Participantes	83
Critérios de Inclusão	84
Instrumento	84
Procedimentos	84
Análise de Dados	85
Resultados	86
Discussão	88
Estudo 3 - Evidências de validade com base na estrutura interna e precisão	91
Objetivo	91
Hipóteses	91
Método	92
Participantes	92
Instrumentos	95
Procedimentos	96
Análise de Dados	97
Resultados	98
Discussão	101
Estudo 4 - Evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados	109
Objetivo	109
Hipótese	110
Método	110
Participantes	110
Instrumentos	112
Procedimentos	113
Análise dos Dados	113

Resultados	114
Discussão	116
Estudo 5 – Investigação da influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala .	121
Objetivo	122
Hipótese	122
Método	122
Participantes	122
Instrumentos	122
Procedimentos	123
Análise dos Dados	123
Resultados	124
Discussão	130
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	176
Anexo 1 - Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros	177
Anexo 2 - Carta de Autorização da Instituição	178
Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (maiores de 18 anos)	180
Anexo 4 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (menores de 18 anos)	182
Anexo 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de 18 anos – Estudo Piloto.....	184
Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Juízes	186
Anexo 7 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas (maiores de 18 anos)	188
Anexo 8 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas (menores de 18 anos)	190
Anexo 9 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de 18 anos	192
Anexo 10 - Parecer Consubstanciado do CEP	194

Capítulo 1

Apresentação

A motivação para a escrita da presente tese teve início logo nos primeiros anos de atuação da pesquisadora como psicóloga esportiva de uma equipe paralímpica de judô. Durante essa experiência, a pesquisadora se deparou com diferenças intrigantes entre as falas de atletas e comissão técnica sobre as percepções de desempenho atlético em competições e treinamentos. Durante sua investigação através de entrevistas individuais, era nítida a diferença entre a percepção de competência esportiva, a percepção de possíveis limitações físicas e técnicas e até mesmo de expectativas de resultados de atletas e comissão técnica.

Essa divergência instigou a pesquisadora a iniciar uma investigação durante o seu mestrado sobre a crença de autoeficácia tripartida entre atletas e treinador (Habeb, 2020). A investigação sobre o constructo de autoeficácia tripartida, permitiu que todos os aspectos divergentes nas falas de treinador e de atletas fossem avaliados, uma vez que estudava tanto as crenças de autoeficácia dos atletas e como a crença que o treinador da equipe tinha sobre as competências dos atletas que ele liderava (Lent & Lopes, 2002). Isso permitiu uma comparação entre as avaliações e proporcionou aspectos interessantes que foram trabalhados em intervenções futuras para que as divergências de percepções fossem o mais reduzidas possível, aumentando a possibilidade de melhores resultados esportivos, tal como recomendado na literatura (Jackson et al., 2009).

Apesar desta pesquisa ter apresentado informações para aplicações práticas interessantes e que contribuíram para importantes intervenções com a equipe, o processo da investigação foi frustrante, uma vez que a pesquisadora se deparou com a limitação de não encontrar instrumentos com evidências de validade que pudessem consolidar a pesquisa de maneira quantitativa e, dessa forma, poder ter uma investigação de autoeficácia no esporte que

pudesse ser generalizada para outras equipes competitivas. Como forma de mensuração, a pesquisadora criou um instrumento no qual atletas e treinador pudessem fazer suas avaliações. No entanto, como o instrumento não tinha propriedades psicométricas avaliadas, os resultados foram tratados de maneira qualitativa durante as intervenções.

Uma vez encontrada a dificuldade de avaliar o constructo da autoeficácia no esporte através de instrumentos com evidências de validade, a pesquisadora deu continuidade à sua trajetória acadêmica com objetivo de produzir um instrumento que permitisse investigar tal constructo em diversas modalidades esportivas. Isso porque, dentre os atuais instrumentos com evidências de validade para o contexto esportivo no Brasil, alguns são específicos para determinadas modalidades esportivas, como vôlei (Carmo, 2006; Machado, 2013, 2018) e dança (Silva et al., 2015), outro específico para avaliar autoeficácia de treinadores (Pesca, 2013), para investigar autoeficácia metacognitiva (Correa, 2009) e outro focado para avaliar autoeficácia coletiva (Paes, 2014), podendo ser usado apenas em modalidades esportivas coletivas. Quando surge a necessidade de o psicólogo esportivo investigar autoeficácia em outras modalidades, nota-se que muitos profissionais acabam por fazer uso de instrumentos mais generalistas (Leonardi et al., 2019; Senna et al., 2016) que não são indicados para avaliar a autoeficácia esportiva. Ainda, outros profissionais repetem a estratégia utilizada pela pesquisadora em sua dissertação, acabando por construir instrumentos que permitam auxiliá-los em uma análise mais qualitativa (Jacinto, 2017; Matos, 2016; Vieira et al., 2018).

No esporte de alto rendimento, a autoeficácia está relacionada diretamente com a persistência dos atletas em cumprirem a rotina de treinos (Bandura, 2012; Butt et al., 2018), com a motivação para a prática esportiva (Ribeiro, 2019; Rossi et al., 2020), com a expectativa de resultados em competições (Schunk & DiBenedetto, 2019), com a sensação de prazer na prática diária (Bandura, 2010), bem como com o desempenho esportivo desses atletas (Machado et al., 2014; Sivrikaya, 2019). Por esse motivo, acredita-se que se trata de um

constructo importante de investigação e de cuidado para os psicólogos que atuam nesse contexto. Dessa forma, pressupõe-se que construir um instrumento com investigações psicométricas favoráveis poderá ajudar no avanço da psicologia do esporte no país.

Devido à importância da investigação desse constructo no esporte e à escassez de instrumento para analisá-lo, o objetivo geral deste trabalho foi desenvolver e verificar as evidências de validade das propriedades psicométricas de uma Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros. Para atender a este objetivo na presente tese, as avaliações das propriedades psicométricas foram divididas em cinco estudos distintos.

No primeiro estudo foi apresentado o método de construção e do instrumento, bem como a literatura na qual foi baseado o desenvolvimento da escala. O segundo estudo foi dividido em duas etapas para atingir o objetivo de investigar a validade de conteúdo do instrumento; no primeiro momento foi realizada a adequação do instrumento junto ao público-alvo em um estudo piloto e, no segundo momento, a avaliação por juízes especialistas. No terceiro estudo foi realizada a investigação das evidências de validade com base na estrutura interna e precisão; enquanto as evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados foram investigadas no estudo quatro. Já no quinto e último estudo foi feita a investigação da influência de variáveis sociodemográficas nos resultados dos participantes, como base para a elaboração da normatização da escala.

Espera-se que com a construção e investigação das propriedades psicométricas desse instrumento, a presente tese possa contribuir para o avanço da avaliação psicológica no contexto da psicologia esportiva. Além disso, também pretende-se colaborar para a atuação de psicólogos que atuam na prática da psicologia do esporte, auxiliando-os no processo de avaliação de um importante constructo para o esporte de alto rendimento.

Capítulo 2

Introdução: Autoeficácia

Autoeficácia: definições e importância

Construtos associados à autoeficácia ou que a influenciam

Autoeficácia no contexto esportivo

Revisão de literatura sobre autoeficácia no esporte

Autoeficácia: definições e importância

A autoeficácia é compreendida como um dos construtos primários da Teoria Social Cognitiva. Considerada um dos aspectos do *self*, pode-se dizer que esse construto está diretamente relacionado com os esquemas cognitivos do sujeito e suas percepções (Schultz & Schultz, 2002). Tal construto começou a ser estudado por Bandura em 1977 e, desde então, recebe importante atenção dos estudiosos da Teoria Social Cognitiva, cujo modelo foi adotado como base teórica para o trabalho aqui apresentado (Pajares & Olaz, 2008). A última definição fornecida por Bandura para este construto está em seu livro “*Self-efficacy: the exercise of control*”. Nessa obra, o autor define a autoeficácia como sendo as “crenças sobre a capacidade pessoal para organizar e executar cursos de ação, requisitados para produzir dadas realizações”¹ (Bandura, 1997, p. 3).

De forma mais direta, a autoeficácia pode ser compreendida como uma variável psicológica que todo indivíduo possui e que representa sua crença em sua capacidade de obter

¹ Trecho traduzido do original: “Perceived self-efficacy refers to beliefs in one’s capabilities to organize and execute the courses of action required to produce given attainments.”

sucesso em uma tarefa específica (Hussain & Khan, 2022). Envolve a forma como o sujeito confia em suas habilidades para enfrentar um desafio pessoal, acadêmico ou profissional e alcançar sucesso (Gamboa et al., 2021). Segundo os autores, as situações que apresentaram bons resultados aumentam a autoeficácia sendo que, por outro lado, situações de fracasso podem levar a pessoa a uma autoeficácia negativa e, como resultado, negatividade, medo e frustração, os quais refletem na desistência da realização de uma tarefa, inclusive antes de começá-la.

Bandura (1986) enfatiza que a autoeficácia pode ser o aspecto psicológico mais relacionado ao autoconhecimento. Considerando-se que a autoeficácia é a crença da capacidade pessoal de um indivíduo, ela acabaria por influenciar, diretamente, os comportamentos desse sujeito. Neste sentido, além de intervir nas escolhas de uma pessoa para fazer ou não determinadas tarefas, a autoeficácia também pode influenciar, diretamente, a motivação, persistência e esforço desempenhados pelo sujeito durante a execução destas (Bandura, 1997; Bandura et al., 1977).

De modo geral, a probabilidade de um sujeito escolher tarefas que ele se sente capaz de executar é muito maior do que aquelas em que ele se percebe incapaz. Para Bandura (1989), quando a pessoa acredita ser capaz de fazer algo, ela realiza mais esforços para conseguir cumprir desafios que aparecem. Já quando a pessoa tem um desempenho abaixo do padrão esperado e/ou tem dúvida de suas capacidades, ela não se esforça para cumprir a tarefa e pode desistir de fazê-la mais precocemente.

É importante esclarecer que a autoeficácia varia de acordo com a tarefa a ser realizada. Assim, é possível que uma pessoa se sinta eficaz para executar determinada tarefa e se sinta em dúvida em relação a outra ação (Gamboa et al., 2021). É importante ressaltar que a crença de autoeficácia é modificada de acordo com a tarefa, pois uma pessoa que joga futebol, por exemplo, pode se sentir eficaz para realizar uma cobrança de falta durante um treino, mas não

capaz de bater um pênalti em final de campeonato. Apesar de serem, aparentemente, tarefas semelhantes, há diferenças situacionais nos dois momentos exemplificados que devem ser levadas em consideração.

Dentro dessa concepção, a autoeficácia seria formada por quatro fontes diferentes de informação (Bandura, 2006b): experiências diretas de domínio, experiências vicárias, persuasão social e estados físicos/emocionais do sujeito. Tal modelo teórico foi adotado como base para o presente estudo e como fundamentação para o desenvolvimento do instrumento aqui relatado.

A primeira fonte de construção de autoeficácia são as próprias experiências do indivíduo, denominada de *Experiências Diretas de Domínio*; ou seja, quando o sujeito realiza, com bom desempenho, determinada tarefa (consequentemente ele se sente capaz de fazer tarefas iguais ou similares no futuro) (Bandura, 1997). Segundo Hussain e Khan (2022), essa é a fonte mais influente de desenvolvimento da autoeficácia porque se refere à experiência que o sujeito obtém quando completa, com sucesso, tarefas anteriores. A realização de uma tarefa atua de modo a reforçar, positivamente, o senso de autoeficácia, sendo que, o fracasso na tarefa pode enfraquecê-la. Nesse sentido, apesar de todas as fontes influenciarem mutuamente a crença de autoeficácia, esta pode ter mais influência nessas crenças, uma vez que se baseia em experiências autênticas de sucesso ou fracasso do indivíduo (Bandura, 1982).

A segunda fonte são as *Experiências Vicárias*. Em suas obras, Bandura (1986, 1997) enfatiza muito a importância da observação de pessoas-modelos para o aprendizado de novos comportamentos (pessoas que o sujeito tem alguma identificação e são observadas por ele realizando determinada tarefa). Algumas vezes, as pessoas não têm confiança para tentar algo, mas conseguem aprender observando os demais fazendo aquela atividade. Esse processo é chamado de aprendizagem observacional e é a base dessa fonte de autoeficácia visto que

fornece, ao observador, estratégias e técnicas úteis para alcançar o resultado desejado (Hussain & Khan, 2022).

Essa observação também influencia as crenças de autoeficácia pois, quando uma pessoa observa outra que tenha habilidades semelhantes às suas, realizando determinada tarefa, ela passa a acreditar que também é capaz de efetuá-la (Bandura, 1997). Usualmente, quanto maior a semelhança entre as atividades, maior o nível de autoeficácia nessa fonte, visto que, ao observar outras pessoas concluindo a tarefa com sucesso, pode pensar que também são capazes (Hussain & Khan, 2022).

A terceira fonte de autoeficácia é denominada, por Bandura, de *Persuasão Social ou Persuasão Verbal*. Ela ocorre quando o indivíduo escuta pessoas que lhe são importantes falando frases encorajadoras sobre ele ser capaz de cumprir uma tarefa. Essa fonte apenas é eficaz se o indivíduo que está persuadindo for considerado um modelo para o sujeito, e se as falas forem realistas com as habilidades desse sujeito (Bandura, 1986, 1997). Segundo essa fonte, as palavras podem ter um papel vital no desenvolvimento da autoeficácia de um indivíduo, incluindo persuasões positivas e negativas. As positivas atuarão de modo a encorajar os indivíduos a aumentarem suas crenças de autoeficácia, enquanto as negativas podem diminuí-las (Hussain & Khan, 2022).

A quarta fonte de autoeficácia são os *Estados Físicos e Emocionais do Sujeito*. Para Bandura (1986, 1997), é necessário que a pessoa esteja em um estado de ativação emocional equilibrado para se perceber capaz de realizar determinada tarefa. Respostas individuais e estados emocionais como ansiedade, excitação, estresse, preocupação, medo de falhas, também desempenham um papel vital na autoeficácia (Hussain & Kahn, 2022).

Dessa forma, a percepção de autoeficácia é situacional. Por exemplo, uma pessoa que acabou de aprender a dirigir pode se sentir capaz de dirigir com um passageiro calmo, mas não conseguir se perceber capaz de dirigir com pessoas nervosas ao seu lado (Bandura, 1986, 1997).

Durante a execução de uma tarefa, se a pessoa percebe que alguém o está observando, podem ficar ansiosas e reduzir sua autoeficácia para aquela tarefa (Gamboa et al., 2021). Ressalta-se que todas essas fontes podem influenciar, isolada ou concomitantemente, para a formação das crenças de autoeficácia (Moreira et al., 2018).

Observando as quatro fontes de autoeficácia relatadas anteriormente e, levando em consideração que as crenças de autoeficácia são formadas pela autopercepção do sujeito, é possível afirmar que este construto é cíclico, e envolve “as habilidades cognitivas, sociais e comportamentais (...) organizadas em cursos integrados de ação”² (Bandura, 1982, p. 122) possibilitando que o sujeito se perceba como um ser capaz de realizar uma ação específica em determinado momento de sua vida, podendo, no entanto, essa percepção ser alterada de acordo com suas experiências futuras.

Como, para a Teoria Social Cognitiva, o ser humano é um ser agente (que modifica e é modificado pelo mundo em que vive) e não vive isoladamente, as fontes de autoeficácia também não devem ser compreendidas e estudadas de maneira isolada. Levando em consideração essa influência social nas crenças de autoeficácia, Lent e Lopez (2002) propõem, por exemplo, o estudo da autoeficácia através das relações interpessoais de um indivíduo. Esses autores enfatizam que as relações sociais influenciam diretamente as crenças e percepções que o sujeito tem sobre si próprio. Isso porque, segundo esses autores, relações sociais entre duas ou mais pessoas são interdependentes, ou seja, as percepções, os comportamentos e os sentimentos de ambos são interrelacionados de maneira mútua e causal (Jowet & Pocwardowski, 2007; Lent & Lopez, 2002).

Esta interdependência causa expectativas interpessoais, pois é através destes relacionamentos que a pessoa cria percepções sobre a própria eficácia e sobre as habilidades de seu parceiro, gerando expectativas de comportamentos mútuos (Snyder & Stukas, 1999). Dessa

² Trecho traduzido do texto original: “*cognitive, social, and behavioral skills must be organized into integrated courses of action*” (retirado de Bandura, 1982, p. 122).

forma, Lent e Lopez (2002) sugerem que a autoeficácia sempre seja estudada através da ‘eficácia tripartida’ que, além da avaliação da autoeficácia da pessoa, também envolve a avaliação da percepção de terceiros sobre a eficácia desse sujeito (crença de eficácia de terceiros) e investigação sobre como o sujeito acredita que seus parceiros avaliam a sua eficácia (crença de autoeficácia inferida na relação).

Além da necessidade de avaliar as relações intergrupais para compreender, de maneira mais completa a autoeficácia individual, Bandura (2008) enfatiza que, devido ao ser humano ser um ser social, além da crença individual de autoeficácia explanada até aqui, há coisas que a sociedade pode alcançar apenas através de um esforço coletivo e socialmente interdependentes, a chamada eficácia coletiva. A eficácia coletiva não é simplesmente a soma de autoeficácias individuais de seus membros (Bandura, 2000), mas sim a percepção que esses membros são capazes de executarem ações conjuntas para atingirem um objetivo em comum (Bandura, 1997).

Para Bandura (1986) é o senso de eficácia coletiva que permite que as pessoas acreditem que podem resolver os problemas grupais e/ou sociais através de um esforço em conjunto das pessoas que pertencem àquele grupo em questão. O grupo em si não é uma entidade à parte de seus membros, de modo que a percepção da eficácia coletiva desse grupo depende das crenças e das ações das pessoas que o compõe (Bandura, 2000). Essa percepção influencia “o que as pessoas escolhem fazer como um grupo, quanto esforço colocam nele e seu poder de permanecer quando os esforços do grupo falham em produzir resultados”³ (Bandura, 1986, p. 449). Dessa forma, é possível ampliar o estudo da autoeficácia para compreender questões sociais e culturais de uma equipe, de uma organização, ou até mesmo de uma nação, sendo necessário, para isso, compreender as diferenças socioeconômicas, geracionais, educacionais e tecnológicas entre os membros da cultura a ser avaliada (Bandura, 2001, 2008).

3 Trecho traduzido do texto original: “*Perceive collective efficacy will influence what people choose to do as a group, how much effort they put into it, and their staying power when group efforts fail to produce results*”

É importante ressaltar que, por ser uma crença, a autoeficácia (tanto coletiva quanto individual) nem sempre corresponde às habilidades reais do indivíduo e/ou do grupo (Bandura, 1997; Knapp & Beck, 2008). Apesar da autoeficácia influenciar a persistência do sujeito em permanecer realizando determinada tarefa, se ele não tiver conhecimentos, competências e aptidões necessárias para cumprir tal tarefa, não atingirá um desempenho satisfatório (Gouvêa, 2003). Como exemplo, Bandura et al. (2001) afirmam que as percepções de autoeficácia dos pais, os sonhos que esses pais têm para as carreiras de seus filhos e a situação socioeconômica da família influenciam diretamente as percepções de autoeficácia acadêmica dos filhos e suas escolhas de carreira, as quais, nem sempre, poderão corresponder à percepção, interesse ou crenças do próprio sujeito.

Construtos associados à autoeficácia ou que a influenciam

Quando se fala em desempenho real durante o estudo da autoeficácia, com frequência aparece um outro conceito relacionado a esse construto, o conceito de expectativa de resultados (Schunk & DiBenedetto, 2019). Enquanto a autoeficácia é definida como a crença de capacidade para se fazer determinada tarefa, a expectativa de resultado são “resultados desejados de ações intencionais nas quais os indivíduos escolhem se engajar”⁴ (Fouad & Guillen, 2006, p. 131). A expectativa de resultado é construída pelas observações das relações condicionais entre os eventos do ambiente em que o sujeito está inserido. Quando o sujeito regula seus comportamentos pelas expectativas de resultado, tende a assumir comportamentos que já tenha observado como precursores dos resultados que almeja atingir, descartando comportamentos que tiveram, como consequências, resultados que ele não quer alcançar (Bandura, 2001).

⁴ Trecho traduzido do texto original: “(...) *outcome expectations are the results or desired outcomes of intentional actions in which individuals choose to engage.*”

Apesar de saber que autoeficácia e expectativas de resultado estão relacionadas e, juntas, podem prever interesses, motivações, objetivos, ações e desempenho de um indivíduo em determinado contexto (Fouad & Guillen, 2006; Schunk & Usher, 2012), não é possível afirmar que há uma ligação automática entre autoeficácia e expectativa de resultado (Gouvêa, 2003). Schunk e DiBenedetto (2016) reafirmam essa informação explicando que, no contexto educacional, por exemplo, a percepção de autoeficácia normalmente tende a influenciar as expectativas de resultado que o estudante tem para suas avaliações de conhecimento.

Porém, quando o sujeito também acredita que o resultado em se envolver nesse comportamento (estudar para conseguir a nota, por exemplo) pode ter efeitos indesejados (como deixar de fazer alguma atividade de lazer para poder estudar), os comportamentos podem não ser consistentes com a crença e autoeficácia elevada. Os autores esclarecem que isso pode acontecer devido às variáveis externas envolvidas no processo de conseguir ser bem avaliado no contexto educacional. Fez-se necessária ressaltar essa diferença entre a crença de autoeficácia e as expectativas de resultado, pois, apesar de não ignorar as relações entre esses dois conceitos, o presente trabalho se restringirá em discutir apenas o conceito de autoeficácia.

A autoeficácia tem o papel de mediar os comportamentos das pessoas por ter uma relação diretamente proporcional com a motivação. Dessa forma, quanto mais um indivíduo acredita que é capaz de realizar determinada tarefa, mais ele se empenhará para executá-la e a probabilidade de conseguir fazê-la aumenta (Azzi & Polydoro, 2006; Bandura, 1982). É possível dizer que crença de autoeficácia contribui para a qualidade do funcionamento psicossocial pois influencia as pessoas em seus padrões de comportamento, pensamento e emoções sentidas em situações adversas, realizações de desempenho e bem-estar emocional (Bandura, 1986, 2010). Dessa forma, pode-se destacar uma série de aspectos da vida do ser humano sobre os quais a crença de autoeficácia influencia e é influenciada. Dentre esses

aspectos, estão alguns construtos psicológicos que são costumeiramente estudados junto com a autoeficácia exatamente por essa relação.

A motivação é um desses construtos (talvez o principal deles) e a sua relação com a autoeficácia tem sido intensamente estudada (Aguilar, 2018; Duarte & Faria, 2016; Marques, 2018; Matos, 2016; Ribeiro, 2019; Rossi et al., 2020). Motivação e autoeficácia são dois construtos psicológicos relacionados proporcionalmente (Bandura, 1983), visto que a motivação para fazer algo tende a ser maior quando o sujeito acredita que é possível realizá-lo (Bandura, 1997). Nesse sentido, a autoeficácia é um antecedente fundamental de qualquer ação motivada (Bandura, 2012; Cook & Artino Jr., 2016), podendo, a autoeficácia positiva, ser um preditor de motivação independentemente das circunstâncias e do desempenho do sujeito ao realizar uma tarefa, ou ainda do desempenho e da energia dispensada para conseguir realizar a tarefa (Zimmerman, 2000).

Outro construto que tem sua relação muito estudada com a autoeficácia é a persistência e o esforço do sujeito em desempenhar determinada tarefa. Bandura (1982) afirma que, quanto maior a crença de autoeficácia, maior é a tendência de as pessoas persistirem em seus esforços até almejam o resultado esperado. Isso porque o “aumento da crença das pessoas em suas capacidades promove a autorregulação eficiente e aprimora a motivação, a persistência diante das dificuldades e as realizações de desempenho⁵” (Bandura, 2012, p. 24). Entretanto, em 1986, o mesmo teórico ressalta que essa relação diretamente proporcional só acontece quando se trata de habilidades já adquiridas, pois, quando o sujeito está aprendendo algo novo e se avalia como altamente eficaz sobre o tema em questão, pode sentir pouca necessidade de se esforçar em tal aprendizagem, tornando a relação entre autoeficácia, esforço e persistência inversamente proporcionais em situações assim.

⁵ Trecho traduzido do texto original: “*Increasing people’s beliefs in their capabilities fosters efficient self-regulation and enhances motivation, persistence in the face of difficulties, and performance attainments*”

Além dos construtos anteriormente citados, Bandura (1982, 1989) enfatiza que a autoeficácia positiva está relacionada proporcionalmente com outros construtos psicológicos positivos, como resiliência, estratégias de *coping* e crescimento de interesse intrínseco por determinado assunto. Pessoas que se julgam incapazes em enfrentarem situações desafiadoras (baixa autoeficácia) potencializam as dificuldades da situação e acabam por desistir de encará-las (Bandura, 1986).

O autor explica que, quando uma pessoa tem um problema a ser resolvido e se percebe com alta autoeficácia para solucioná-lo, caso não consiga ter essa solução na primeira tentativa, sua tendência é que julgar que talvez não tenha se esforçado tanto nessa resolução de problema, e continuará tentando até achar a sua solução. Por outro lado, pessoas com baixa autoeficácia possivelmente irão acreditar que a falha tenha acontecido devido a sua incapacidade na resolução do problema, desistindo de tentar saná-lo (Bandura, 1986). Além disso, as crenças de autoeficácia se mostram influenciadas se as diferenças entre uma expectativa de desempenho e o desempenho real do sujeito serão motivadoras ou desencorajadoras para que este sujeito continue fazendo determinada tarefa (Bandura, 1983).

O que se verifica é que construtos psicológicos que podem ser patológicos e/ou causar sofrimento psíquico ao sujeito estão relacionados, inversamente, com as crenças de autoeficácia positiva, como estados deprimidos e níveis de estresse vivenciados pelo indivíduo em situações alarmantes e/ou ameaçadoras (Bandura, 1989). Para exemplificar como essa relação pode ocorrer, Maciejewski et al. (2000) fizeram acompanhamento de três anos de uma amostra da população norte americana para verificar as relações entre autoeficácia, situações de estresse e depressão. Os resultados da pesquisa demonstraram as pessoas deprimidas tinham vivenciado situações estressantes anteriormente e, os sintomas de depressão eram inversamente proporcionais aos altos níveis de autoeficácia em todos os sujeitos. Já relação da autoeficácia e estresse era inversamente proporcional apenas nos sujeitos que desenvolveram a depressão; as

peessoas que vivenciaram experiência estressantes, mas não tinham depressão, conseguiam manter seus níveis de autoeficácia. Isso pode ser explicado pelo fato de a autoeficácia estar relacionada com a maneira como as pessoas enfrentam situações desafiadoras/estressantes (Bandura, 1982).

Os esquemas cognitivos e as crenças do sujeito também podem influenciar e serem influenciados pelo nível de autoeficácia. Bandura (1989) enfatiza que quando o indivíduo acredita ser capaz de resolver problemas diários, seu pensamento analítico sobre situações mais complexas é mais claro e sua tomada de decisão tende a ter mais eficiência na resolução de problemas, uma vez que o pensamento analítico influencia diretamente o nível de desempenho de realizações. Além disso, o autor também explica que pessoas com baixos níveis de autoeficácia tendem a ter pensamentos mais catastróficos e avaliam suas experiências de maneira mais deprimida, fugindo de desafios que lhe são expostos.

Outro aspecto cognitivo que Bandura (1989) afirma que a autoeficácia pode influenciar é a memória. Uma vez que a autoeficácia interfere diretamente na motivação e nas emoções, a crença de autoeficácia pode ajudar ou prejudicar a capacidade de memorização do sujeito. Entretanto, é preciso pontuar que a relação entre a autoeficácia e os esquemas cognitivos são influenciados mutuamente. Dessa forma, quando o sujeito consegue quebrar crenças limitantes sobre si e o ambiente em que vive, a tendência é que a autoeficácia aumente (Bandura, 1982).

Uma vez que a autoeficácia influencia nos esquemas cognitivos, ela também interfere diretamente como preditora de comportamentos, como já explicitado anteriormente (Bandura, 1982). As pessoas têm tendência em escolher tarefas que sentem que são capazes de lidar, enquanto evitam situações que acreditam demandar mais habilidades que são possíveis de exercer (Bandura, 1986). Ainda segundo esse teórico, o fato da pessoa se engajar para desempenhar as atividades que se percebe capaz de realizar, contribui para o desenvolvimento e aprimoramento de competências necessárias para essa execução.

Dentre os comportamentos investigados pelo teórico, ele notou interdependência da autoeficácia e do estabelecimento de metas dos sujeitos. O estabelecimento de metas reais e de curto prazo pode influenciar diretamente na crença de autoeficácia e na motivação do indivíduo e, ao contrário, quanto mais positiva for a autoeficácia, mais desafiadoras as metas tendem a ser (Bandura, 1989). Bandura e Schunk (1981) fizeram um experimento com 40 crianças de sete a dez anos, promovendo um programa de intervenção com estabelecimento de metas para o aprendizado da matemática. Ao final do programa, eles notaram que as crianças, além de terem mais motivação e interesse para aprender matemática, ao perceberem mais proximidade de seus objetivos, melhoraram seu autoconhecimento e suas capacidades para aprender a matéria, o que aumentou a congruência entre o desempenho e a crença autoeficácia para essa tarefa.

Outro comportamento que a autoeficácia positiva influencia diretamente é a adoção de práticas saudáveis na rotina das pessoas (Bandura, 2005). Dentre essas práticas chamadas saudáveis é possível compreender a adoção de exercícios físicos em seu dia a dia, alimentação saudável e abstinência de álcool e cigarro (Williams & Rhodes, 2016). Além disso, Bandura (1986) também ressalta a importância da percepção de eficácia física positiva na recuperação de cardiopatas pós operações cardíacas. Segundo ele, a recuperação física da cirurgia é rápida quando adotados os procedimentos indicados por médicos e profissionais da educação física, mas, a recuperação psicológica é mais demorada (e, conseqüentemente, exerce influência importante no tempo de retorno às atividades) quando o paciente acredita que as tarefas diárias que fazia, antes da doença, são impossíveis de serem feitas com seu coração pós cirúrgico.

Devido à importância da autoeficácia para a compreensão dos pensamentos e comportamentos humanos, como demonstrado até aqui, nota-se na literatura que a autoeficácia é estudada em diferentes contextos, como o educacional (Alhadabi & Karpinski, 2020; Bzuneck, 2017; Honicke & Broadbent, 2016; Iaochite et al., 2016; Morris et al., 2017; Panadelo

et al., 2017; Skaalvik & Skaalvik, 2017), saúde (Almeida et al., 2019; Hampton & Newcomb, 2018; Machado, 2017; Nader et al., 2020; Pace et al., 2017), organizacional (Cardoso & Baptista, 2019; Ismayilova & Klassen, 2019; Loiola & Martins, 2019; Salvador & Ambiel, 2019; Shoji et al., 2016) e esportivo (Cantón et al., 2019; Castro et al., 2018; Kyrillos, 2016). Devido ao fato de a presente tese investigar a autoeficácia neste último contexto, torna-se necessário exemplificar de maneira mais detalhada as características desse contexto e os motivos pelo qual a autoeficácia é estudada pelos profissionais da psicologia esportiva.

Autoeficácia no contexto esportivo

Investigar esse construto no contexto do esporte de alto rendimento, que requer performance excelente a todo o momento, e exige que o atleta se reinvente em um espaço de tempo muito curto para uma maximização das suas capacidades, tem se mostrado essencial (Angelo, 2019). Os primeiros estudos sobre a autoeficácia no contexto esportivo datam da década de 1980 (Lázaro & Villamaín, 2007). Desde então, tal construto vem sendo estudado em diferentes modalidades e tem se instituído como um dos fatores importantes que determinam o rendimento esportivo, por influenciar a motivação, adesão e manutenção da persistência, assim como na superação de obstáculos durante a participação na prática esportiva (Bandura, 1997; Butt et al., 2018; Machado et al., 2014). Dessa forma, é possível afirmar a existência de relação entre a crença de autoeficácia positiva do atleta e seu desempenho (Afonso & Enumo, 2015; Weinberg & Gold, 2017) sendo, tal construto, considerado um acionador chave para o bom desempenho dos atletas (Machado et al., 2014).

Sivrikaya (2019) afirma que, além da influência no desempenho, na motivação e na persistência do atleta, a autoeficácia no contexto esportivo interfere na capacidade de lidar com o estresse promovido pelos treinos e pressões por resultados, na saúde física e mental do atleta, na minimização dos efeitos nocivos e no aumento das sensações de prazer durante a prática

esportiva. Além disso, o autor afirma ainda que as habilidades técnicas, as aptidões físicas e mental, a aparência física, a liderança, o apoio social e sensação de superioridade situacional ajudam no aumento da autoeficácia no esporte. Anstiss, Meijen e Marcora (2018) também enfatizam que a relação positiva de autoeficácia e desempenho na prática esportiva pode acontecer devido à influência da autoeficácia na tolerância à dor e na diminuição da percepção de esforço durante os treinos e competições.

A autoeficácia no esporte tem as mesmas fontes de autoeficácia em outros contextos (experiências direta de domínio, experiências vicárias, persuasão verbal e estados físicos e emocionais) (Bandura, 1997, 1986). No entanto, dada a importância do construto para a manutenção do desempenho do atleta de alto rendimento, é importante compreender como cada uma dessas fontes atuam sobre a autoeficácia, nesse contexto, para que seja possível a promoção de um ambiente que facilite a percepção de autoeficácia positiva.

Os autores Anstiss, Meijen e Marcora (2018) afirmam que a importância das fontes de autoeficácia pode variar de acordo com a modalidade esportiva. Mesmo assim asseguram que as experiências diretas de um atleta se mostram a fonte que mais vai influenciar na crença de autoeficácia deste. Butt et al. (2018) confirmam essa afirmação e enfatizam que os desempenhos mais recentes dos atletas é que decidirão o quanto os *feedbacks* e outras fontes de persuasão social, por exemplo, influenciarão a autoeficácia do atleta. Entretanto, Saville e Bray (2016) destacam que, para a iniciação esportiva, as relações sociais e os incentivos verbais são a fonte de autoeficácia mais relevantes, uma vez que, normalmente, nesse período, as crianças ainda não tem experiências esportivas anteriores que lhe sirvam como fontes diretas de domínio de autoeficácia.

Já sobre as fontes vicárias, Bandura (1997) afirma que, quando uma pessoa observa a persistência de outra pessoa cumprindo uma tarefa desafiadora (como um programa de treinos exaustivo, por exemplo), a tendência é que ela aumente sua percepção de capacidade em

persistir e realizar a mesma tarefa. Além disso, Corbett et al., (2012) verificaram que ciclistas que competiam coletivamente tendiam a ter desempenho melhor (menos tempo de prova) do que ciclistas que pedalavam sozinhos. Os autores acreditam que isso tenha acontecido exatamente pelos atletas observarem uns aos outros e se desafiarem a serem, todo o tempo, melhores que os colegas. Anstiss et al. (2018) explicam que isso ocorre devido ao fato de as tomadas de decisão serem baseadas na observação de experiências de terceiros, sendo, dessa forma, as experiências vicárias consideradas uma fonte importante em esportes de resistência, por exemplo.

A fonte de autoeficácia denominada estados fisiológicos também é importante para o esporte de alto rendimento, aparecendo como a mais importante, por exemplo, para os atletas corredores de maratona (Samson, 2014). Esse resultado pode ser explicado pela inferência de Bandura (1997) sobre a relação proporcional entre a importância dos estados fisiológicos para a autoeficácia em tarefas que exigem mais esforços para serem realizadas. Assim, modalidades que exijam maiores esforços físicos, tendem a ter essa fonte como uma de suas principais matrizes para a crença de autoeficácia (Anstiss et al., 2018).

Além dos estados fisiológicos, os estados emocionais também influenciam na crença de autoeficácia (Bandura, 1986, 1997). O esporte de alto rendimento, é um contexto que proporciona a vivência de diversas emoções no momento competitivo (Miguel, 2008). Essas emoções podem ser energizantes ou debilitantes para as crenças de autoeficácia, a depender da maneira como o atleta lida com elas (Valiante & Moris, 2013).

A última fonte de autoeficácia no contexto esportivo, a de persuasão verbal, está muito relacionada aos *feedbacks* que os atletas recebem de treinadores e colegas da equipe (Samson, 2014). Treinadores que tem o hábito de fornecerem mais informações sobre desempenho, após bons resultados de seus atletas e/ou os incentivam após um desempenho abaixo do esperado,

tendem a ter, em sua equipe, atletas com crenças de autoeficácia positiva e que preferam atividades mais desafiadoras (Vargas-Tonsing & Guan, 2007).

É perceptível que as pesquisas que falam sobre a fonte de persuasão de eficácia em esporte tendem a se concentrar no treinador como sendo o principal emissor de persuasão do atleta (Anstiss et al., 2018; Butt et al., 2018; Saville & Bray, 2016). Isso pode acontecer devido às relações treinador-atletas serem caracterizadas pelo alto grau de proximidade e confiança entre eles, por conviverem por muitas horas de trabalho e apresentarem um objetivo em comum: o sucesso do atleta (Jackson et al., 2008; Marcos et al., 2010). Essas características da relação treinador-atleta fazem com que essa seja uma relação social com alto grau de interdependência (sentimentos, pensamentos e comportamentos de ambos são mutualmente e casualmente conectados), o que pode apresentar consequências positivas ou negativas de acordo com a qualidade da relação (Jowett & Poczwardowski, 2007).

A qualidade dessa relação pode ser avaliada através de quatro propriedades conhecidas como “3+1Cs da relação treinador-atleta” (Jowett & Shanmugam, 2016). Essas propriedades são: *proximidade*, que reflete o vínculo afetivo, a confiança, o respeito mútuo, o cuidado e apoio emocionais que um tem com o outro; *comprometimento*, que são as intenções que treinador e atleta tem em manter um vínculo a longo prazo para alcançar as metas de desempenho e resultado que ambos traçaram; *complementariedade*, que abordam os comportamentos de treinador e atleta de serem complementares e/ou cooperativos (como o atleta seguir as instruções passadas pelo treinador, por exemplo); e *co-orientação*, que reflete os sentimentos, pensamentos e comportamentos dos treinadores e atletas que são co-orientados e/ou interdependentes, ou seja, a parceria esportiva de ambos. A eficácia da avaliação dessas propriedades para averiguar a qualidade do relacionamento treinador-atleta independe de cultura, modalidade esportiva, nível de competição, idade e gênero dos atletas (Jowett et al., 2017).

O estudo da qualidade da relação treinador-atleta se faz importante, uma vez que, como já explicado, essa relação influencia diretamente os comportamentos, emoções, valores orientações, motivações e sentido de vida dos atletas (Guiramand, 2017). Pode-se dizer então, que a qualidade da relação e a comunicação entre treinador-atleta pode influenciar as crenças de autoeficácia desse atleta (Zourbanos et al., 2016).

Uma vez apresentada a importância da autoeficácia no esporte de alto rendimento e suas fontes, é possível criar estratégias que ajudem a aumentar a autoeficácia de atletas (Butt et al., 2018). Estes autores enfatizam que determinadas ações, como proporcionar experiências bem-sucedidas, observar sucessos dos colegas de treino, receber *feedback* positivo específico na forma de encorajamento verbal e ter acesso à um programa de Treinamento de Habilidades Psicológicas⁶ ajudam os atletas a aumentarem a sua crença de autoeficácia. Villani et al., (2017) comprovaram a êxito no aumento da autoeficácia de atletas de basquete que participaram de um programa de treinamento de habilidades psicológicas de sete semanas, baseado nas quatro fontes de autoeficácia.

Além dessas estratégias, dada a importância do treinador nesse processo, Butt et al. (2018) também ressaltam algumas ações específicas desse profissional que, quando adotadas por ele, auxiliam no aumento da autoeficácia dos atletas de sua equipe. Dentre essas ações está o estabelecimento de metas de curto prazo que sejam desafiadoras, mas possíveis de serem alcançadas pelos atletas; planejamento de estratégias junto aos atletas para que essas metas sejam alcançadas e o auxílio na criação de outras soluções quando o planejamento inicial não for bem-sucedido.

A qualidade da relação entre atletas e treinadores, não só influencia a autoeficácia individual dos atletas na equipe como também a percepção de eficácia coletiva (Hampson &

⁶ O Treinamento de Habilidades Psicológicas é definido como “prática sistemática e consistente de habilidades mentais ou psicológicas com o objetivo de melhorar o desempenho, aumentar o prazer ou alcançar maior satisfação na atividade esportiva e física” (Weinberg & Gould, 2017, p. 231).

Jowett, 2014; Vieira et al., 2015). A crença da capacidade da equipe, em alcançar objetivos coletivos, auxilia esta equipe, em sua unidade, a persistir em momentos desafiadores (Bandura, 1986). O treinador, por ser um líder nesse contexto, tem uma função chave na promoção dessa motivação e persistência. Dessa forma, ele é considerado uma fonte importante da promoção da percepção de eficácia coletiva (Sudha et al., 2016).

Pode-se dizer que uma equipe esportiva é uma organização social com objetivos bem estipulados (resultados positivos de desempenho) que são possíveis de serem alcançados através de um trabalho coletivo e não individual; por isso, as crenças dos atletas em relação à capacidade coletiva em alcançar tais objetivos é de suma importância (Garivani et al., 2016). Essas crenças de eficácia coletiva no esporte também apresentam relações positivas com outros aspectos importantes para esse contexto, tais como a performance da equipe e os resultados alcançados (Lago-Peñas et al., 2016), a inteligência emocional grupal (Garivani et al., 2016), a coesão de equipe e a satisfação do atleta em permanecer naquela equipe esportiva (Jowett et al., 2012).

Diante dos motivos apontados, o que se verifica é que a autoeficácia, coletiva e individual vem sendo muito estudada no contexto esportivo em diferentes modalidades, como futebol (García-Angulo et al., 2020), vôlei (Machado, 2018; Nogueira et al., 2019), basquete (Leonardi et al., 2019), ginástica rítmica (Cantón et al., 2019), judô paralímpico (Campos, 2017), triatlo (Matos, 2016), taekwondo (Estevan et al., 2014), dança (Silva et al., 2015), entre outros.

Buscando conhecer os estudos voltados à investigação da autoeficácia no esporte, uma revisão sistemática da literatura foi realizada com o objetivo de ampliar os resultados encontrados em revisões anteriores. É possível verificar a importância do estudo desse construto no contexto esportivo, ao serem encontradas diferentes revisões sobre esse tema no esporte. A primeira delas (Feltz & Lirgg, 2001) examinou artigos internacionais sobre a autoeficácia no

esporte, havendo um total de 25 pesquisas analisadas de acordo com amostra estudada, objetivo, medidas de autoeficácia e de performance utilizadas e resultados encontrados.

A segunda revisão encontrada (Machado et al., 2014) avaliou os instrumentos utilizados para mensurar autoeficácia e suas propriedades psicométricas; os autores encontraram 13 estudos sobre a autoeficácia, mas na maioria deles, os pesquisadores construíram seus próprios instrumentos para avaliar a autoeficácia, sem utilizar, portanto, escalas com estudos de evidências de validade. Mais recentemente, Hutzler et al. (2019) buscaram avaliar a autoeficácia de professores de educação física, em relação à inclusão de estudantes com deficiência. Setenta e cinco artigos foram analisados, buscando identificar variáveis básicas (atributos dos professores, da escola e da deficiência), variáveis moderadoras (atitude e autoeficácia) e comportamento dos professores em relação à inclusão.

Revisão de literatura sobre autoeficácia no esporte

Como uma continuação dessas revisões sistemáticas, o estudo teve, como principal objetivo, compreender como a autoeficácia está sendo estudada no contexto esportivo brasileiro, através do levantamento de publicações entre os anos de 2010 e 2020 em cinco bases de dados. Como objetivos específicos, as autoras procuraram investigar informações sobre ano de publicação, base de dados para indexação, tipo de instituição na qual a pesquisa foi realizada, formato das publicações, autoria, predominância de metodologia de pesquisa, objetivos e resultados das investigações, constructos psicológicos investigados junto à autoeficácia, perfil dos participantes, modalidades mais investigadas e instrumentos utilizados para mensuração da autoeficácia.

Durante o mês de novembro de 2020 foi realizado um levantamento de trabalhos que investigavam autoeficácia no contexto esportivo publicados nas bases ScieLo (*Scientific Electronic Library Online*), Redalyc Brasil (Rede de Revistas Científicas da América Latina

e Caribe, Espanha e Portugal), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, PepSic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico. As bases foram escolhidas devido à sua importância e volume de publicações realizadas no Brasil.

Os descritores de busca utilizados foram “autoeficácia”, “esporte” e “atleta”. Escritos em português e inglês, tais descritores foram combinados entre si, com o operador booleano AND entre eles. Dessa forma, foram utilizadas seis combinações: 1. “autoeficácia” AND “esporte” AND “atleta”; 2. “autoeficácia” AND “esporte”; 3. “autoeficácia” AND “atleta”; 4. "*self-efficacy*" AND "*sport*" AND "*athlete*"; 5. "*self-efficacy*" AND "*sport*"; 6. "*self-efficacy*" AND "*athlete*".

Ressalta-se que, apesar do objetivo de o trabalho ser avaliar o cenário atual de pesquisas que investigassem a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro, optou-se por utilizar a combinação de descritores para busca também no idioma inglês, uma vez que há pesquisas realizadas no Brasil e publicadas nesse idioma. Entretanto, na base de dados ‘Google Acadêmico’ foram utilizadas apenas as combinações em português, devido ao número de trabalhos encontrados com os descritores em inglês ser muito exuberante (16.300 pesquisas encontradas com a combinação "*self-efficacy*" AND "*sport*" AND "*athlete*"; 35.100 trabalhos encontrados através da combinação "*self-efficacy*" AND "*sport*"; e 17.100 resultados para a busca realizada com a combinação "*self-efficacy*" AND "*athlete*"⁷)

Ainda no momento de busca, em todas as bases foi utilizado, como filtro, o período de publicação, sendo selecionados apenas trabalhos publicados a partir de 2010 até o momento da busca (novembro de 2020). Desse modo, foram encontrados 3.478 resultados. Foram excluídos trabalhos repetidos e sem acesso livre à integra

Como critério de inclusão, foram selecionados trabalhos que apresentassem coleta de dados envolvendo amostras do contexto esportivo de alto rendimento no Brasil, publicados

⁷ Resultados encontrados com o filtro de ano ≥ 2010 .

entre 2010 e 2020 nos formatos de artigo, dissertação, tese ou trabalho de conclusão de curso, com acesso ao texto completo. Foram excluídos aqueles que, não tinham a palavra “autoeficácia” pelo menos no título, resumo ou palavras-chave, pesquisas que não tinham o objetivo de investigar autoeficácia no contexto esportivo e trabalhos que, embora publicados nas bases nacionais, tivessem sido conduzidos em amostras não brasileiras. Após a aplicação de tais critérios, foram selecionadas 31 pesquisas, as quais foram lidas na íntegra e analisadas de acordo com os objetivos da presente revisão.

Com objetivo de compreender como a autoeficácia está sendo investigada no contexto esportivo na última década, foram avaliadas 11 informações distintas sobre os trabalhos investigados apresentadas como resultados desta revisão. São elas: ano de publicação, base de dados para indexação, instituição na qual a pesquisa foi realizada, formato das publicações, autoria, predominância de metodologia de pesquisa, objetivos e resultados das investigações, constructos psicológicos investigados junto à autoeficácia, perfil dos participantes e modalidades mais investigadas e instrumentos utilizados para mensuração da autoeficácia.

Inicialmente, o ano de publicação dos trabalhos foi identificado. Foi possível notar que o Google Acadêmico é a base de dados com maior número de publicações (n=15) seguido pelas bases ScieLo e Teses e Dissertações da Capes (ambas com n=6). Além dos trabalhos contabilizados como sendo encontrados no Google Acadêmico na Tabela 1, tiveram mais seis trabalhos contabilizados em outras bases que também estavam disponíveis no Google Acadêmico, aumentando ainda mais a predominância de trabalhos publicados nessa base de dados.

Sobre os anos de publicação, destaca-se que, com exceção dos anos de 2010 e 2020, todos os outros anos tiveram, pelo menos, uma publicação nas bases de dados investigadas que pesquisou autoeficácia no contexto esportivo, sendo o ano de 2016 o que apresentou maior número de publicações (n=7), seguido por 2019 (n=5). A análise do período considerado não

permite verificar tendências relacionadas ao interesse pela temática, visto que há bastante oscilação no número de produções entre os anos avaliados.

Quando analisada a autoria dos trabalhos contemplados nesta revisão, notou-se predominância do sexo masculino (51,19%). Um total de 84 autores foram encontrados nas pesquisas, divididos entre 14 trabalhos de autoria única (43,75%), dois trabalhos com dois autores (6,25%), outros dois com três autores (6,25%), oito trabalhos escritos por quatro autores (25%) e cinco trabalhos escritos por cinco ou mais autores (18,75%). Todos os trabalhos publicados em formato de artigo (n=17) foram escritos por pelo menos dois pesquisadores; já os trabalhos publicados em formato de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso (n=3), dissertações de mestrado (n=7) e teses de doutorado (n=4) tinham todos autoria única. Além disso, apenas cinco dos 31 trabalhos encontrados foram publicados na língua inglesa, havendo predominância de trabalhos publicados na língua portuguesa (n=26).

A maioria desses autores é vinculada a instituições/universidades públicas (70,37%), destacando-se as publicações realizadas por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (n=7) e a Universidade Estadual de Maringá (n=5). Também foram identificadas instituições públicas de outros países, sendo três instituições espanholas e duas portuguesas. Mesmo essas instituições sendo estrangeiras, os trabalhos realizados por elas investigavam o contexto esportivo brasileiro e, por isso, foram contemplados na presente revisão. Dentre as instituições privadas às quais os pesquisadores eram vinculados (29,09%), destacam-se a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a Universidade São Judas Tadeu, ambas com três publicações cada.

Em seguida, a metodologia de pesquisas utilizada nos estudos levantados foi analisada. Os resultados indicaram a predominância de pesquisas quantitativas (83,87%), de delineamento descritivo (87,10%) e com estratégia de pesquisa transversal (77,42%). Essa predominância de

pesquisas quantitativas com estratégia transversal, pode estar relacionado ao objetivo predominante das pesquisas, conforme analisado a seguir.

As pesquisas investigadas tiveram, como objetivo principal, avaliar a autoeficácia (n=12), correlacionar a autoeficácia com outro construto psicológico e/ou outro aspecto esportivo (n=7), validar um instrumento (n=5), verificar causa e efeito (n=4), comparar grupos (n=1) e fazer revisões da literatura (sistemática ou teórica) (n=5). A soma dos objetivos equivale a 34, pois a dissertação de Kyrillos (2016) tinha três estudos diferentes com objetivos distintos e contabilizados separadamente, assim como o artigo de Balbim et al. (2015) que tinha dois objetivos diferentes (correlacionar e avaliar).

Dentre os trabalhos que avaliaram a autoeficácia, houveram trabalhos que verificaram a influência do tempo sobre a autoeficácia, como o de Campos (2017), que verificou que o tempo de treinamento aumenta a concordância da percepção de autoeficácia entre treinador e atleta; o trabalho de Silva (2019) que verificou aumento da autoeficácia em atletas de categoria de base após a estreia em um campeonato, e o trabalho de Leonardi et al. (2019) que verificou que níveis de autoeficácia de atletas não mudaram ao longo da temporada. Outros trabalhos contabilizados nessa categoria foram os de Lima et al. (2012), que analisaram que o nível de autoeficácia influencia em como o atleta percebe a presença de torcida e o de Nogueira, Bara Filho e Lourenço (2019) que identificaram que a Teoria da Zona Individual de Desempenho Ideal (IZOF) pode ser utilizada para compreender a autoeficácia. Os demais trabalhos contabilizados na categoria 'avaliar' pretendiam identificar os níveis de autoeficácia em populações e/ou modalidades específicas como paratletas (Teixeira & Lins, 2018), treinadores (Iaochite & Vieira, 2013), profissionais da dança (Lazier-Leão, 2016), árbitros de natação (Balbim et al., 2015) e o trabalho de Kyrillos (2016) que verificou diferentes níveis de autoeficácia entre diversas modalidades esportivas individuais.

Já sobre os trabalhos que tinham como objetivo correlacionar a autoeficácia com outro construto, encontrou-se, por exemplo, relação positiva entre autoeficácia e desempenho esportivo (Senna et al., 2016), relação positiva entre autoeficácia e tempo de prática na modalidade investigada (Lazier-Leão, 2016; Jacinto, 2017), relação positiva entre autoeficácia e o estado de fluxo (Gomes et al., 2012) relação positiva entre expectativa de resultado, ansiedade e desempenho (Vieira et al., 2011), relação inversamente proporcional entre autoeficácia e cinesiofobia (Silva, 2019) e inexistência de correlação significativa entre autoeficácia e perfeccionismo em árbitros de natação (Balbim et al., 2015).

Na categoria “validar instrumento” foram contabilizados os trabalhos de Machado (2018) e Silva et al. (2015), que construíram e validaram os instrumentos Escala de Autoeficácia no Voleibol e Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI), respectivamente, para a população brasileira. Também foram contabilizados outros três trabalhos que adaptaram e validaram instrumentos específicos para a investigação da autoeficácia no contexto esportivo brasileiro, sendo eles: Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (Machado, 2013), Escala de Eficácia de Treinamento - *Coaching Efficacy Scale* (Pesca, 2013) e Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte - *Collective Efficacy Questionnaire for Sports (CEQS)* (Paes, 2014).

Três dos quatro trabalhos que investigaram causa e efeito tiveram resultados de maior autoeficácia decorrentes do cumprimento de programas de preparação e/ou treinamento psicológico. Matos (2016) verificou aumento de autoeficácia após implementação de intervenção baseada na estratégia de diálogo interno entre os atletas. Kanthack et al. (2014) confirmaram eficácia da intervenção de treinamento mental para o aumento das crenças de autoeficácia positivas; e Silva (2016) encontrou aumento de autoeficácia em bailarinos que foram submetidos a um programa de intervenção para dor. O quatro trabalho classificado na categoria ‘causa e efeito’ (Vieira et al., 2018) não apresentou um programa psicológico. Os

autores avaliaram que, na modalidade ciclismo, a presença de um adversário mais rápido diminuiu a crença de autoeficácia dos atletas avaliados.

O trabalho de Kyrillos (2016) tinha mais de um objetivo e, além de ser contabilizado na categoria ‘avaliar’, também foi contabilizado na categoria ‘comparar’, pois verificou que a crença de autoeficácia altera em grupos de atletas que recebem bolsa e grupos de atletas que não recebem auxílio financeiro. Entre os cinco trabalhos contabilizados na categoria ‘revisão’, três eram revisões sistemáticas, sendo duas delas com objetivo de avaliar os instrumentos de medida utilizados (Machado et al., 2014; Silva et al., 2014) e outra que pretendia compreender como a autoeficácia era estudada na modalidade do vôlei (Machado et al., 2019). Outras duas pesquisas tinham como objetivo fazer uma revisão teórica sobre os fatores que influenciam nos níveis de autoeficácia nos jogadores de futebol de campo contemporâneo (Silva, 2016) e sobre a mensuração da eficácia de treinamento (Pesca et al., 2018).

Aparentemente, é comum que as investigações em psicologia esportiva investiguem mais de um construto. Nos trabalhos encontrados notou-se que o construto mais estudado junto à autoeficácia foi a motivação (n=6), seguido por ansiedade (n=5), metacognição (n=2), resiliência (n=2), estresse (n=2) e eficácia coletiva (n=2).

Quando investigado o perfil dos participantes da pesquisa, notou-se que muitos autores não identificam o sexo dos sujeitos (48,71%), porém, dentre aqueles que forneceram tal informação, percebe-se uma predominância de homens (29,90%) em comparação com mulheres (21,4%). Ainda sobre o perfil dos participantes, foi possível identificar que a maioria das pesquisas investigaram atletas de diferentes modalidades (n=17), mas também foram encontradas pesquisas com bailarinos (n=4), com atletas paralímpicos (n=2), treinadores (n=2) e árbitros (n=1), além das cinco pesquisas de revisão sistemática que não tinham sujeitos. Em todas essas pesquisas, os sujeitos eram jovens e/ou adultos, não havendo pesquisas com crianças ou idosos no contexto esportivo.

Sobre as modalidades esportivas investigadas, verificou-se que nove pesquisas estudaram a autoeficácia no vôlei, cinco investigaram o constructo no basquete e outras cinco no futebol. As modalidades de dança e handebol apareceram, ambas em quatro trabalhos, enquanto a modalidade futsal foi investigada por três pesquisas diferentes. Já as modalidades triatlo, tênis, atletismo, judô e natação apareceram duas vezes dentre os trabalhos avaliados. E outras modalidades apareceram apenas uma vez nas investigações, como judô paralímpico, ciclismo, futebol americano, jiu-jitsu, karatê, tênis de mesa, modalidades paralímpicas e MMA. Muitas pesquisas investigaram mais de uma modalidade esportiva e, por isso, a contabilização das modalidades investigadas foi 51 entre os trabalhos avaliados.

Por fim, os instrumentos utilizados para avaliação da autoeficácia foram identificados. Informações sobre o nome do instrumento, bem como sobre a existência de evidências de validade são apresentadas no Quadro 1. É importante destacar a que, apesar da grande diversidade de instrumentos utilizados, visto que 20 instrumentos foram identificados nas pesquisas brasileiras, apenas as escalas de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP) (em ambos os estudos de validação), a de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI), a Escala de Autoeficácia Individual para o Voleibol e o Questionário de Auto-Eficácia Metacognitiva para Atletas – QAEMA foram usadas em mais de um estudo contemplado na presente revisão; o restante dos instrumentos foi usado apenas uma vez. Dos 20 instrumentos encontrados, 13 deles apresentam estudos de validação e sete não tinham investigação de evidências de validade, sendo criados e utilizados pelos próprios pesquisadores sem investigação de propriedades psicométricas.

Instrumentos	Validação instrumento	Validada por	Vezes em que foi usada nas pesquisas aqui levantadas	Objetivo	Evidências de validade investigadas	Quantidade de fatores	Precisão
Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP)	Sim	Souza e Souza (2004)	4	Adaptar	Validade externa baseada em testes que avaliam constructos convergentes e discriminante	Não informado	Consistência interna
Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP)	Sim	Leme, Coimbra, Gato, Fontaine e Del Prette (2013)	2	Adaptar	Validade com base na estrutura interna (AFC) Validade externa baseada em testes que avaliam constructos convergentes e discriminantes	1	Consistência interna
General Self-Efficacy Scale	Sim	Bosscher & Smit (1998)	1	Adaptar	Validade com base na estrutura interna (AFC)	3	Consistência interna
Escala de Autoeficácia Geral Percebida	Sim	Teixeira e Dias (2005) *	1	-	-	-	-
Escala de Auto-eficácia para Bailarinos (AEBAI)	Sim	Silva et al (2015)	3	Construir	Validade de Conteúdo Validade com base na estrutura interna (AFE)	2	Consistência interna
Escala de Autoeficácia Individual para o Voleibol	Sim	Carmo (2006)	2	Adaptar	Validade de Conteúdo Validade com base na estrutura interna (AFC)	Não informado	Consistência interna
Questionário de Auto-Eficácia Metacognitiva para Atletas – QAEMA	Sim	Correa (2009)	2	Construir	Validade de Conteúdo	4	Consistência interna Teste-reteste
Escala de autoeficácia do técnico esportivo (Coaching Efficacy Scale–CES)	Sim	Feltz, Chase, Moritz e Sullivan (1999)*	1	-	-	-	-
Escala de Autoeficácia Geral Percebida Reduzida	Sim	Sbicigo, Teixeira, Dias e Dell’Aglia (2012) *	1	-	-	-	-

Escala de autoavaliação do saque do voleibol	Sim	Machado (2013)	1	Adaptar	Validade de Conteúdo Validade com base na estrutura interna (<i>AFC / AFE</i>) Validade de Critério	4	Consistência interna Teste-reteste
Escala de Eficácia de Treinamento	Sim	Pesca (2013)	1	Adaptar	Validade com base na estrutura interna (<i>AFC</i>)	4	Consistência interna
Collective Efficacy Questionnaire for Sports (CEQS)	Sim	Paes (2014)	1	Adaptar	Validade de Conteúdo Validade com base na estrutura interna (<i>AFC</i>) Validade externa baseada em testes que avaliam constructos convergentes e discriminantes Validade de critério	5	Consistência interna Estabilidade temporal
Escala de Autoeficácia no Voleibol	Sim	Machado (2018)	1	Construir	Validade de Conteúdo Validade com base na estrutura interna (<i>AFC / AFE / Análise paralela</i>) Validade externa baseada em testes que avaliam constructos convergentes Validade de critério	3	Consistência interna
Questionamento sobre expectativa de resultado	Não	-	1	-	-	-	-
Autoeficácia de Desempenho na Natação	Não	-	1	-	-	-	-
Escalas de autoeficácia para o judô (desenvolvida pelo autor)	Não	-	1	-	-	-	-
Pesquisa qualitativa - entrevista	Não	-	1	-	-	-	-
Auto-Eficácia (escala do tipo Likert de 5 pontos) com base na percepção em atingir o objetivo proposto	Não	-	1	-	-	-	-
Instrumento feito pelos pesquisadores	Não	-	1	-	-	-	-
Questionário de Autoeficácia	Não	-	1	-	-	-	-

Nota: Os instrumentos sinalizados com * não foram encontrados.

Quadro 1. *Instrumentos utilizados para investigar autoeficácia.*

Dentre os instrumentos encontrados, as escalas que investigavam autoeficácia geral foram as mais utilizadas, em oito das pesquisas contempladas nessa revisão. Além disso, foram encontradas quatro versões de escalas de autoeficácia geral com diferentes propriedades psicométricas. Dentre essas versões, três delas tiveram suas propriedades psicométricas investigadas na população brasileira (Leme et al., 2013; Souza & Souza, 2004; Teixeira & Dias, 2005;) e a outra foi inicialmente estudada na população dos Países Baixos (Bosscher & Smit, 1998), mas utilizada em uma pesquisa brasileira posteriormente.

A quantidade representativa de uso de escalas de autoeficácia geral dentre os trabalhos contemplados nessa revisão reforça a existência de importantes lacunas em relação aos instrumentos com evidências de validade para a investigação da autoeficácia no contexto esportivo (Machado et al., 2014). Assim, se faz necessária a discussão sobre a avaliação da autoeficácia, envolvendo aspectos relacionados aos instrumentos utilizados pelos pesquisadores do construto, primeiramente em diferentes contextos e, depois, no contexto esportivo.

Capítulo 3

Avaliação da Autoeficácia

Avaliação da autoeficácia: pontos importantes

Instrumentos disponíveis

Avaliação psicológica no contexto do esporte

Avaliação da autoeficácia no contexto esportivo

Avaliação da Autoeficácia: pontos importantes

A avaliação da autoeficácia normalmente é realizada através de investigações utilizando escalas que “medem as crenças das pessoas em suas capacidades para atender a diferentes níveis de demanda de tarefas dentro do domínio psicológico selecionado para o estudo” (Bandura, 1989, p. 730). Para que as escalas sejam construídas de maneira apropriada para avaliação desse construto, o próprio Bandura (2006c) escreveu um guia para pesquisadores que queiram construir e/ou adaptar escalas de autoeficácia. Nessa obra, o autor enfatiza alguns detalhes importantes de serem considerados antes mesmo da construção da escala. O primeiro deles é que o instrumento não deve ser generalista, pois não há uma crença de autoeficácia geral para vários tipos de funcionamento e tarefas. Quando o instrumento tem o objetivo generalista, normalmente tem um preditivo limitado, uma vez que itens gerais tem, normalmente, pouca ou nenhuma relevância para o funcionamento cognitivo da autoeficácia (Bandura, 2006c).

Outro detalhe importante que Bandura (2006c) instrui o pesquisador a considerar ao construir um instrumento, é o fato de a autoeficácia ser multifacetada e, por isso, deve-se considerar as diferentes fontes que a compõe durante a construção do teste. Para ele, ao

construir uma escala multifacetada, o pesquisador amplia a possibilidade de que o respondente tenha *insights* sobre o *modus operandi* do autogerenciamento de seus comportamentos. Por outro lado, o autor chama atenção para o co-desenvolvimento desse construto, uma vez que a autoeficácia pode ser generalizada em competências desenvolvidas conjuntamente. Por exemplo, uma pessoa pode se perceber capaz de estudar para a prova de história depois de conseguir estudar para a prova de geografia, uma vez que as habilidades para ambas as tarefas são similares apesar do conhecimento específico da prova ser diferente, e isso também deve ser considerado pelo pesquisador. Para poder considerar esses dois aspectos (multifaceta e co-desenvolvimento) o pesquisador precisa, antes de tudo, compreender os aspectos relevantes do funcionamento da autoeficácia no contexto que quer investigar (Bandura, 2006c).

A autoeficácia se correlaciona com outros construtos psicológicos positivos, como locus de controle (Lima et al., 2018), auto-estima (Machado et al., 2020) e expectativa de resultados (Schunk & DiBenedetto, 2019) e, no momento da construção da escala para investigar a autoeficácia, é necessária atenção dos pesquisadores para que o instrumento avalie realmente a autoeficácia e não esses outros construtos relacionados (Bandura, 2006c). Para isso, se faz necessário que, nas instruções da escala, esteja claro que o respondente deve avaliar o que ele “pode fazer” e não o que ele “vai fazer” nas situações apresentadas nos itens do instrumento. Além disso, a instrução deve enfatizar que a pessoa julgue a capacidade em realizar a tarefa no exato momento da avaliação e não em momentos passados e/ou futuros (Bandura, 2006c).

Apesar das claras instruções de Bandura (2006c) sobre questionar o respondente da escala sobre o que ele ‘pode fazer’, Williams e Rhodes (2016) alertam que os itens considerados padrões para investigar autoeficácia não se diferenciam conceitualmente de itens que investigam motivação. Quando se pede ao respondente que ele avalie o que ‘pode fazer’ é possível que ele interprete o que tem vontade de fazer e, dessa forma, o instrumento estaria mensurando a motivação desse respondente para executar o comportamento investigado e não

a sua crença de autoeficácia para fazê-lo (Williams et al., 2020). Para diminuir a possibilidade de confusão do julgamento do respondente, os autores sugerem duas possíveis alterações na introdução da escala. A primeira delas seria, ao invés de questionar o que o respondente ‘pode fazer’, perguntar sobre a sua capacidade e/ou competência para executar os comportamentos investigados nos itens independentemente da motivação que tenha para isso. Já a segunda alternativa, seria garantir que as respostas sejam independentes de fatores motivacionais através da diferenciação de significados das palavras ‘pode’ e ‘vontade’ descrita logo na introdução do instrumento.

Além do cuidado com a introdução do instrumento, o pesquisador também deve se atentar ao tipo de escala que utilizará. Bandura (2006c) instrui que a autoeficácia deve ser avaliada através de escalas do tipo *likert* de 10 pontos pois escalas com mais opções de respostas, segundo o autor, além de serem mais sensíveis na avaliação, evitam posições extremas dos respondentes. Além disso, as escalas utilizadas devem ser unipolares, pois, a pessoa que se julgar incapaz de realizar a tarefa questionada no item escolherá a opção ‘zero’ na escala, não havendo possibilidade menor do que essa para ser escolhida (Bandura, 2012).

Sobre os itens construídos na escala, é importante ressaltar que instrumentos que permitem a avaliação mais expandida, apresentando uma gama ampla de tarefas relacionadas ao desempenho a ser avaliado, são mais sensíveis que instrumentos que apresentam apenas um determinado tipo de tarefa, considerado mais difícil e desafiador para o respondente (Bandura, 1989). Isso porque é errôneo dizer que a autoeficácia se limita a tarefas restritas que servirão para o indivíduo julgar sua eficácia apenas devido ao desempenho nessas tarefas (Bandura, 2012), uma vez que as crenças de autoeficácia se diferenciam em generalidade, força e nível (Bandura, 2006c).

As autoras Feltz e Lirgg (2001) definem o nível de autoeficácia como sendo a crença sobre a possível magnitude (nível) de desempenho a ser atingido em um contexto; já como

força, as autoras entendem que é a certeza que o sujeito tem em poder atingir um determinado nível de desempenho e, sobre generalidade, compreendem como sendo o número de domínios que um indivíduo acredita que é eficaz. A generalidade da autoeficácia acontece sob algumas condições específicas e “é mais bem avaliada por escalas multidimensionais de autoeficácia vinculadas a domínios relevantes da atividade do que por uma escala multifuncional” (Bandura, 2012, p. 30), o que reforça a ideia de que escalas mais generalistas são menos sensíveis à avaliação da autoeficácia (Bandura, 2006c).

Instrumentos Disponíveis

É comum ver escalas que investigam autoeficácia enquanto um construto geral, como por exemplo a *Self-Efficacy Scale* validada por Sherer et al. (1982), que, apesar de afirmarem que queriam validar uma escala de autoeficácia sem situações e/ou comportamentos específicos tiveram, como participantes do processo de validação, apenas estudantes americanos de psicologia. Como resultado, os autores precisaram dividir a escala em duas subescalas: uma de autoeficácia geral (com 17 itens) e outra chamada de autoeficácia social (com seis itens). Uma nova Escala de Autoeficácia Geral (*New General Self-efficacy Scale* - NGSE) foi desenvolvida por Chen et al. (2001) baseada na escala de Sherer et al. (1982). Esta escala é composta por oito itens e o processo de validação dessa nova versão também foi feito com a participação de estudantes de psicologia de uma universidade americana.

A *Multidimensional scales of perceived self-efficacy* - MMPSE (Bandura, 1989b) também apresenta uma revisão de estudos à investigação das suas qualidades psicométricas, incluindo precisão e estrutura fatorial (Miller et al., 1999). O instrumento inclui 57 itens baseados na teoria social cognitiva e é respondido sob a forma de uma escala do tipo Likert com 7 pontos (nada bem a muito bem). O MMPSE abrange nove dimensões distintas: (1) Autoeficácia na mobilização de recursos sociais (ESR; 4 itens); (2) Autoeficácia para o

Desempenho Acadêmico (AAE; 9 itens); (3) Autoeficácia para Aprendizagem Autorregulada (SRL; 11 itens); (4) Autoeficácia para habilidades de lazer e atividades extracurriculares (LEI; 8 itens); (5) Eficácia Autorregulatória (SRE; 9 itens); (6) Autoeficácia para atender às expectativas dos outros (EXP; 4 itens); (7) Autoeficácia Social (SOC; 4 itens); (8) Eficácia Auto-Afirmativa (SAE; 4 itens); e (9) Autoeficácia para Recrutar o Apoio dos Pais e da Comunidade (EPS; 4 itens).

Também é possível encontrar escalas de autoeficácia geral validadas em outros países como na Estônia - *General Self-Efficacy Scale* (Rimm & Jerusalém, 1999), China - *General Self-Efficacy Scale* (Cheung & Sun, 1999), Brasil – *Escala de Autoeficácia Geral Percebida* (Souza & Souza, 2004), Turquia - *General Self-Efficacy Scale-Turkish Form* (Yildirim & Ilha, 2010), Portugal - *Escala de Auto-eficácia Geral* (Araújo & Moura, 2011), Suécia - *General Self-Efficacy Scale* (Löve, Moore, & Hensing, 2012), Catar - *General Self-Efficacy Scale* (Crandall, Rahim, & Youn, 2015) e Equador – *Escala de Autoeficácia Geral - EAG* (Moreta-Herrera et al., 2019). Em 1993, uma escala alemã de autoeficácia geral (*General Self-Efficacy Scale*) foi desenvolvida por Schwarzer; apesar de não ser fácil o acesso aos estudos de evidências de validade dessa escala, sabe-se que, posteriormente a mesma escala foi adaptada para as populações espanhola e chinesa (Schwarzer et al., 1997).

No entanto, apesar da diversidade de instrumentos citada, não se pode afirmar que as escalas de autoeficácia geral são as mais usadas pelos pesquisadores em todo mundo, uma vez que é possível encontrar, na literatura, ampla gama de escalas validadas, no contexto internacional, para investigar a autoeficácia em contextos e/ou populações específicas, mais bem detalhadas no Quadro a seguir.

Tabela 1.

Focos de avaliação da autoeficácia e instrumentos disponíveis.

<i>Foco</i>	<i>Instrumentos</i>
-------------	---------------------

Autoeficácia em aderência de tratamentos de saúde	<p><i>Bipolar Self-Efficacy Scale – BPSES</i> (Smith et al., 2020)</p> <p><i>HIV Treatment Adherence Self-Efficacy Scale - HIV-ASES</i> (Johnson et al., 2007)</p> <p><i>Breastfeeding self-efficacy scale</i> (Dennis & Faux, 1999)</p> <p><i>Breastfeeding self-efficacy scale – short form</i> (Dennis, 2006)</p> <p>Pulmonary Rehabilitation Adapted Index of Self-Efficacy (Liacos et al., 2019)</p> <p>Self-Care Self-Efficacy Scale in Chronic Obstructive Pulmonary Disease (Matarese et al., 2020)</p> <p><i>Self-efficacy for Appropriate Medication Use Scale</i> (Risser et al., 2007)</p>
Autoeficácia em pessoas com patologias específicas	<p><i>Chronic Pain Self-Efficacy Scale - CPSS</i> (Anderson et al., 1995)</p> <p><i>PROMIS Self-Efficacy for Managing Chronic Conditions</i> (Gruber-Baldini et al., 2017)</p> <p><i>Self-Efficacy for Appropriate Medication Use Scale (SEAMS) in Low-Literacy Patients With Chronic Disease</i> (Risser et al., 2007)</p> <p><i>Pain Self-efficacy Questionnaire</i> (Nicholas et al., 2015)</p> <p><i>Self-efficacy for managing chronic disease 6-item</i> (Stanford Patient Education Research Center, 2011)</p> <p><i>HIV Medication Takig Self-efficacy scale</i> (Erlen et al., 2010)</p> <p>HIV Treatment Adherence self-efficacy scale (Johnson et al., 2007)</p> <p><i>High school chemistry self-efficacy scale</i> (Aydin & Uzuntiryaki, 2009)</p>
Autoeficácia em comportamentos de prevenção à saúde	<p><i>Condom Use Self-Efficacy Scale - CUSES</i> (Brafford & Beck, 1991)</p> <p><i>Smoking Self-Efficacy Questionnaire - SEQ-12</i> (Etter et al., 2000)</p> <p><i>SCI Exercise Self-Efficacy Scale</i> (Kroll et al., 2007)</p> <p>COVID-19 prevention, recognition, and home-management self-efficacy scale (Hernández-Padilla et al., 2020)</p>
Autoeficácia e habilidades socioemocionais	<p><i>Emotional Self-efficacy Scale</i> (Kirk, Schutte, & Hine, 2008)</p> <p><i>Scale of Perceived Social Self-Efficacy - PSSE</i> (Smith & Betz, 2000)</p>

	<p><i>Early Intervention Parenting Self-Efficacy Scale</i> (Guimond et al., 2008)</p> <p><i>Self-efficacy and performance in self-management support</i> (Duprez et al., 2015)</p>
Relação da autoeficácia para o desenvolvimento de habilidades tecnológicas	<p><i>Computer Self-efficacy Scale - CSE</i> (Murphy, Coover, & Owen, 1989)</p> <p><i>Internet Self-efficacy Scale</i> (Torkzadeh & Van Dyke, 2001)</p> <p><i>College Self-efficacy Inventory</i> (Solberg et al., 1993)</p>
Autoeficácia na educação	<p><i>College Self-efficacy Scale Inventory</i> (Solberg et al., 1993)</p> <p><i>Self-Efficacy for Self-Regulated Learning Scale</i> (Usher & Pajares, 2008)</p> <p><i>Academic Nurse Self-Efficacy Scale</i> (Bulfone et al., 2020)</p> <p><i>Mathematics self-efficacy scale</i> (Nielsen & Moore, 2003)</p> <p>Sources of self-efficacy in mathematics (Usher & Pajares, 2009)</p>
Autoeficácia em ambientes de trabalho	<p><i>Counselor Activity Self-Efficacy Scales</i> (Lent, Hill, & Hoffman, 2003)</p> <p><i>Nursing Profession Self-Efficacy Scale</i> (Caruso et al., 2016)</p> <p><i>Nursing competence self-efficacy scale</i> (Kennedy et al., 2015)</p> <p><i>Internet Entrepreneurial Self-Efficacy Scale</i> (Wang et al., 2019)</p> <p><i>Basic Resuscitation skills self-efficacy scale</i> (Hernández-Padilla et al., 2016)</p> <p><i>The Transcultural Self-Efficacy Tool</i> (Jeffreys, 2000)</p> <p><i>Occupational Self-efficacy Beliefs</i> (Brown et al., 2000)</p>
Autoeficácia na prática de atividades físicas e esportivas	<p><i>Physical Self-Efficacy Scale</i> (Ryckman et al., 1982)</p> <p><i>Physical Activity Self-Efficacy Scale – PASES</i> (Bartholomew et al., 2006)</p> <p><i>Exercise self-efficacy scale</i> (Bandura, 1997)</p>
Autoeficácia para decisão de carreira	<p><i>Career Decision-Making self-efficacy scale</i> (Luzzo, 1996)</p> <p><i>Career Decision-Making self-efficacy scale – short form</i> (Gaudron, 2011)</p> <p><i>Career Decision-making self-efficacy Beliefs Instrument</i> (Betz et al., 1996)</p>

Apesar do número de instrumentos disponíveis no contexto internacional, no Brasil, ao pesquisar no Sistema de Avaliação Psicológica (Satepsi), sistema que avalia e regulamenta os testes psicológicos utilizados no Brasil (Reppold & Noronha, 2018) é possível encontrar apenas um instrumento favorável que investiga a autoeficácia e um instrumento em processo de avaliação, por ocasião da consulta (julho de 2020). A Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) desenvolvida por Ambiel e Noronha (2012) é a única escala aprovada pelo Satepsi para auxiliar na avaliação de crenças de capacidade relacionadas ao engajamento da escolha profissional de jovens entre 14 e 21 anos. Além desta escala, está em avaliação outro instrumento relacionado ao trabalho, a Escala de Autoeficácia no Trabalho, que teve seus estudos de evidências de investigação das evidências de validade e precisão publicados por Cardoso e Baptista (2018).

Apesar de serem encontrados apenas esses dois instrumentos no site do Satepsi, é possível encontrar vários outros instrumentos que tiveram suas evidências de validade para o uso na população brasileira investigadas. Dentre eles, podemos destacar a Escala de Autoeficácia no Aconselhamento de Carreira (Oliveira et al., 2014) e a Escala de Autoeficácia na Tomada de Decisão de Carreira (Dantas & Azzi, 2015), ambos com o objetivo de investigar a autoeficácia no trabalho e carreira; a Escala de Autoeficácia Para Dirigir – Versão 2 (EADIR-V2) (Mognon, 2017), que avalia as crenças em habilidades para motoristas; Escala de Autoeficácia no Uso de Preservativos (Andrade et al., 2018) e a Escala de Autoeficácia Sexual - Função Erétil (Finotelli Júnior & Capitão, 2011), que estão relacionadas à saúde e hábitos saudáveis; a Escala de Autoeficácia de Professores (Silva Júnior et al., 2018), a Escala de Fontes de Autoeficácia de Docentes (Iaochite & Azzi, 2012) e a Escala de Autoeficácia Docente para o uso de Metodologias Ativas (Souza, 2020), todas relacionadas à crença das habilidades relacionadas à prática docente. Além dessas escalas, também é possível encontrar escalas de autoeficácia relacionada ao contexto esportivo e validadas para a população brasileira. Como a

presente tese tem como objetivo construir um instrumento que avalie a autoeficácia nesse contexto, se faz necessário se debruçar sobre esse tema mais especificamente no seguinte tópico.

Avaliação psicológica no contexto do esporte brasileiro

A avaliação psicológica no contexto do esporte tem como principal objetivo a “mensuração de condutas, atitudes e aptidões psicológicas, sejam elas de cunho afetivo e/ou cognitivo, dos atletas a fim de traçar suas habilidades e competências esportivas” (Pesca et al., 2019, p. 211). Dessa forma, a principal função da avaliação psicológica nesse contexto é servir de base para a elaboração de intervenções com foco na melhora do desempenho esportivo (Brown & Fletcher, 2017), uma vez que a avaliação permite compreender os mecanismos de funcionamento do atleta e, a partir daí, torna possível a elaboração de um plano de intervenção efetiva para auxiliar esse indivíduo a aprimorar suas habilidades psicológicas necessárias para a prática da modalidade (Santo, 2017).

A avaliação psicológica no contexto esportivo está presente desde o início da prática do psicólogo nessa área no Brasil, pois um dos marcos iniciais da área no país foi a atuação e os estudos realizados por João Carvalhaes, profissional com grande experiência em psicometria (Rubio, 2007). Carvalhaes utilizava testes de inteligência para avaliar atletas e árbitros e, mesmo sem evidências de validade do uso desses instrumentos para essas populações, através de estatística descritiva e observações empíricas, o psicólogo estipulava notas de corte para essas populações a fim de criar uma padronização e ter algum embasamento teórico em sua prática profissional já na década de 1950 (Hernandez, 2011).

Essa preocupação com embasamento teórico e padronização ainda é algo presente na prática dos psicólogos do esporte. Atualmente, a avaliação psicológica no contexto esportivo pode ser considerada como um dos procedimentos de maior visibilidade do trabalho do

psicólogo, uma vez que, através da mensuração de dados subjetivos, gera expectativa na comissão técnica e dirigentes sobre o trabalho a ser desenvolvido (Rubio, 2007). Entretanto, ainda há escassez de instrumentos com evidências de validade específicas para esse contexto, não existindo, por exemplo, instrumentos aprovados pelo Satepsi que sejam específicos para a área da psicologia esportiva (Nakano, 2019).

Devido ao déficit de instrumentos com evidências de validade para esse contexto, muitos profissionais utilizam outros métodos para avaliação, como observações e entrevistas (Pesca et al., 2019), instrumentos que não são específicos para o esporte, ou ainda aqueles que não são adaptados e/ou construídos para a população brasileira (Garcia & Borsa, 2016). Martin (2001) ressalta que o uso de instrumentos com evidências de validade para outras áreas acaba por não auxiliar efetivamente no trabalho do psicólogo esportivo com atletas de alto rendimento, por não investigar as habilidades psicológicas necessárias para a prática esportiva desse atleta.

As autoras Garcia e Borsa (2016) investigaram a importância e o modo como a avaliação psicológica é praticada por psicólogos esportivos no Brasil através de entrevista com seis profissionais da área. Estes profissionais ressaltaram a importância da avaliação psicológica no início do trabalho da equipe para conhecer não só os atletas, como também suas relações interpessoais e com o clube em que estão inseridos, enfatizando que a avaliação fornece um norte sobre o trabalho que irão realizar com a equipe. Os participantes da pesquisa também afirmaram, em sua maioria, usar testes psicológicos durante essa avaliação. Quando investigados quais eram os testes, foi possível perceber que há predominância de testes favoráveis no Satepsi, mas não com evidências de validade na área esportiva; em sua maioria investigam personalidade, ansiedade, estresse, estados de humor e nível de atenção. Silva et al. (2014) também avaliaram as opiniões de psicólogos brasileiros atuantes na área do esporte e perceberam a dificuldade desses profissionais em usar instrumentos com evidências de validade

em suas avaliações psicológicas; notaram até certa motivação dos psicólogos para construir instrumentos voltados para a área, mas estes profissionais alegam não ter conhecimento e tempo de dedicação hábeis para isso.

Ainda sobre o uso de instrumentos na área da psicologia esportiva, Silva et al. (2014) fizeram uma revisão para verificarem quais eram os instrumentos utilizados por psicólogos do esporte e suas propriedades psicométricas. As autoras, encontraram seis instrumentos específicos para a psicologia do esporte que foram traduzidos e/ou apresentavam estudos de evidências de validade para a população brasileira; no entanto, elas ressaltam limitações em suas propriedades psicométricas. Ao procurar instrumentos com estudos de evidências de validade para a população brasileira que investigasse autoeficácia no contexto esportivo, a autora da presente tese também não encontrou uma realidade muito diferente, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2.

Instrumentos com estudos de evidências de validade para investigar a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro.

<i>Nome do Instrumento</i>	<i>Autores</i>	<i>População</i>	<i>Tipo de estudo</i>	<i>Estudos Posteriores</i>
Escala de Autoeficácia Individual para o Voleibol	Carmo (2006)	Atletas	Adaptação	Gomes et al., 2012; Nogueira, 2016; Silva, 2019
Questionário de Autoeficácia metacognitiva para atletas (QAEMA)	Correa (2009)	Atletas Universitários	Construção	Senna et al., 2016
Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV)	Machado (2013)	Atletas	Adaptação	-

Escala de Eficácia de Treinamento	Pesca (2013)	Treinadores	Adaptação	-
Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte (CEQS)	Paes (2014)	Atletas	Adaptação	Ferreira et al., 2015; Silva, 2019; Vieira et al., 2015
Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI)	Silva et al. (2015)	Bailarinos	Construção	Lazier-Leão, 2016
Escala de Autoeficácia no Voleibol	Machado (2018)	Atletas	Construção	-

Como apresentado na Tabela 2, foram encontrados sete instrumentos que tem como objetivo investigar a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro, publicados entre 2006 e 2018. Destes sete estudos, quatro se voltaram ao relato dos procedimentos de adaptação de instrumentos internacionais para uso na população brasileira. Três relatavam o processo de construção de instrumento. É importante destacar que, em relação à população alvo, quatro tiveram suas evidências de validade investigadas para atletas de alto rendimento, um com atletas universitários, outro especificamente para bailarinos e há ainda um instrumento que investiga a autoeficácia de treinadores.

Outro aspecto de importante observação, é a especificidade das escalas encontradas, de modo a confirmar a preocupação apontada por Bandura (2006c) sobre a dificuldade de mensuração da autoeficácia com uso de escalas generalistas. Três dos instrumentos encontrados são específicos para a investigação da autoeficácia na modalidade de vôlei e outro específico para ser aplicados em bailarinos. O Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte (CEQS) com evidências de validade investigadas por Paes (2014) é mais abrangente e pode ser usado em diferentes modalidades esportivas coletivas, assim como a Escala de Eficácia de Treinamento (Pesca, 2013), validada para treinadores de diversas modalidades esportivas. Já o

Questionário de Auto-eficácia metacognitiva para atletas (QAEMA) (Correa, 2009) parece ser o mais abrangente dos instrumentos, uma vez que não foi encontrada definição sobre quais modalidades os atletas participantes da validação praticavam. A maioria instrumentos encontrados foram utilizados pelo menos uma vez em pesquisas futuras sobre autoeficácia, com exceção dos instrumentos “Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV)” e a “Escala de Autoeficácia no Voleibol”

Apesar das pesquisas conduzidas, aparentemente, estes instrumentos ainda não atendem às necessidades dos psicólogos esportivos e pesquisadores da área, uma vez que ainda é possível identificar: estudos que utilizam escalas específicas do esporte, mas não validadas para a população brasileira (Ferreira, 2008; Iaochite & Vieira, 2013), estudos que investigam a autoeficácia no contexto esportivo utilizando escalas de autoeficácia geral não específicas para esse contexto, mas validadas para população brasileira (Balbim et al., 2015; Kyrillos, 2016) ou ainda escalas de autoeficácia geral validadas para outros países e utilizadas no Brasil (Leonardi et al., 2019).

Também é possível encontrar estudos nos quais os próprios pesquisadores construíram um instrumento para ser usado em sua investigação, sem nenhuma propriedade psicométrica posterior investigada (Campos, 2017; Ferreira et al., 2011; Gouvêa, 2003). Por fim, convém destacar uma série de estudos investigando a autoeficácia no contexto do esporte campo envolvendo aspectos relacionados, por exemplo, ao manejo da carreira (Lumpkin et al., 2017), liderança (Machida-Kosuga et al., 2016), sua influência na prática de atividade física de indivíduos com deficiências (Te Velde et al., 2018; Wickman et al., 2018), tomada de decisão (Hepler, 2016), dentre outros.

Tal situação aponta para uma importante lacuna relacionada à avaliação da autoeficácia no contexto do esporte, especialmente considerando-se a disponibilidade de instrumentos construídos para esse fim e para uso nessa população específica. Neste contexto, o presente

estudo foi organizado, cujos objetivos, que envolvem basicamente o processo de construção de um instrumento para essa finalidade e a investigação de suas qualidades psicométricas, são apresentados a seguir.

Capítulo 4

Objetivos

Objetivo Geral

Desenvolver e investigar as qualidades psicométricas de uma Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros.

Objetivos Específicos

- Construir um instrumento baseado na literatura da Teoria Social Cognitiva sobre autoeficácia;
- Investigar evidências de validade de conteúdo do instrumento através da verificação da adequação do instrumento junto ao público-alvo em um estudo piloto e da análise feita por juízes especialistas;
- Verificar as evidências de validade com base na estrutura interna e precisão;
- Investigar as evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados à autoeficácia;
- Avaliar a influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala.

Capítulo 5

Estudos

Estudo 1 – Desenvolvimento do instrumento

Estudo 2 – Evidências de validade de conteúdo

Estudo 3 - Evidências de validade com base na estrutura interna e precisão

Estudo 4 - Evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados

Estudo 5 – Investigação da influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala

Estudo 1 – Desenvolvimento do instrumento

Os primeiros passos durante o desenvolvimento de um instrumento envolvem uma série de procedimentos teóricos, uma vez que, para construir um instrumento de avaliação psicológica é preciso, primeiro, conhecer a teoria em que o teste será pautado para, depois, construir itens que possam realmente avaliar o construto que este se propõe a investigar (Pacico, 2015). Para Pasquali (2009), a escolha da teoria é um passo essencial e desafiador, uma vez que há diferentes teorias que explicam os fenômenos psicológicos. Por esse motivo, além de explanar sobre como o instrumento será construído, nota-se a necessidade de expor, com clareza, o modelo teórico escolhido para o desenvolvimento desse instrumento.

O modelo teórico selecionado

O modelo teórico escolhido para fundamentar a construção do instrumento é a Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura. Esta teoria considera que os comportamentos humanos são

aprendidos e, para a compreensão desses comportamentos e seus aprendizados, é necessário considerar o homem como um ser pensante e social, que influencia e é influenciado por suas relações sociais e pelo meio em que vive (Schultz & Schultz, 2002). O ser humano é, assim, um ser ‘agente’, capaz de influenciar intencionalmente o que acontece em sua vida e não apenas um produto criado pelo ambiente em que vive (Bandura, 2006a). Dessa forma, a Teoria Social Cognitiva rejeita o dualismo entre indivíduo e estrutura social, uma vez que o ser humano cria os sistemas sociais e é, por outro lado, influenciado por este sistema em um dinamismo mútuo entre eles (Bandura, 2006b).

O aprendizado de novos comportamentos é influenciado pelo determinismo da *reciprocidade triádica* entre os fatores ambientais e sociais, fatores pessoais (processos cognitivos, emocionais e biológicos) e fatores comportamentais (Pajares & Olaz, 2008; Schultz & Schultz, 2002). Os três fatores influenciam, igualmente, o aprendizado e a manutenção de comportamentos humanos.

Nesse modelo, as pessoas influenciam seus próprios funcionamentos e o meio em que vivem de acordo com suas ações (Bandura, 2001), cujas características fundamentais envolvem a *intencionalidade* (as intenções das pessoas são formadas por planos de ações e estratégias para realizá-las), a *antecipação* (as pessoas se comportam a fim de alcançar um objetivo futuro, uma vez que conseguem prever acontecimentos e modificar as suas ações no presente para conseguir consequências mais favoráveis para si; essa agência está relacionada diretamente com a motivação), a *autorreflexão* (que permite que o ser humano regule seus atos e planeje um curso de ações para obter consequências satisfatórias) e a *autorregulação* (que se refere à capacidade do indivíduo em examinar as funções de suas próprias ações e o quão estas são ou não eficazes) (Bandura, 2006a, 2008). De todas as capacidades humanas, a autorregulação é a que está mais intimamente relacionada com o construto da autoeficácia (Pajares & Olaz, 2008).

Entre estes mecanismos, Bandura (2011) afirma que nenhum é mais central que a crença de autoeficácia. Isso porque a autoeficácia (crenças sobre a capacidade pessoal) é a crença base para a motivação, para a perseverança diante de dificuldades e para o bem-estar de todos os seres humanos, devendo ser considerada para a compreensão das ações humanas (Bandura, 1997, 2011). Tal construto compreende que “(...) as pessoas tendem a evitar tarefas e situações que acreditam exceder suas capacidades, mas realizam e executam com segurança atividades que julgam capazes de lidar”⁸ (Bandura, 1986, p. 393).

Como o instrumento a ser construído na presente tese teve como objetivo avaliar especificamente as crenças de autoeficácia de atletas brasileiros, a base para a elaboração da escala foram as fontes de autoeficácia definidas por Bandura (1986, 1997), apresentadas na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3.

Definição das fontes de autoeficácia.

Fonte	Definição
<i>Experiências Diretas de Domínio</i>	Experiência autêntica do sujeito; quando o indivíduo vive com sucesso uma experiência, tem a tendência de generalizar sua crença de autoeficácia positiva para situações futuras semelhantes.
<i>Experiências Vicárias</i>	Observar o desempenho positivo de pessoas com características similares, ajuda a aumentar a percepção de autoeficácia do observador.
<i>Persuasão Verbal</i>	Uma terceira pessoa verbaliza e/ou demonstra para o sujeito que ele é capaz de fazer determinada tarefa

⁸ Trecho traduzido do texto original: “(...) *People tend to avoid tasks and situations they believe exceed their capabilities, but they undertake and perform assuredly activities they judge themselves capable of handling.*” (Bandura, 1986, p. 393)

Estados

Fisiológicos e Emocionais do Percepção do estado de ativação emocional equilibrado para que a pessoa acredite ser capaz de fazer algo

Sujeito

O instrumento

A construção do instrumento foi fundamentada no “Guia para construção de escalas de autoeficácia” elaborado por Bandura (2006c). Seguindo as orientações desse guia, o processo foi baseado em cuidados para que a escala não fosse generalista e que se atentasse para o fato de a autoeficácia ser multifacetada e co-desenvolvida, ou seja, composta por competências desenvolvidas conjuntamente. Lembrando que o instrumento é do tipo autorrelato, ou seja, aquele que acessa o construto desejado por meio do relato do próprio avaliando sobre si mesmo (Carvalho & Ambiel, 2017).

A redação dos itens seguiu as recomendações de Pasquali (1998), as quais afirmam que o item deve expressar um comportamento, expor uma única ideia, ser facilmente compreendido pela população alvo, e o instrumento deve apresentar equilíbrio entre o número de itens presentes em cada dimensão a ser avaliada. Desse modo, a primeira versão da escala foi composta de 84 itens (20 itens para a dimensão ‘experiências direta de domínio’, 22 para a dimensão ‘experiências vicárias’, 20 para a dimensão ‘persuasão verbal’ e 22 para a dimensão ‘estados fisiológicos e emocionais’), a serem respondidos dentro de uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, na qual um significa “acredito que não posso fazer” e cinco representa “acredito que posso fazer”.

Se faz necessário explicar que, no guia escrito por Bandura (2006c) e utilizado como base para a construção do presente instrumento, o autor sugere o uso de escalas do tipo *likert* de 10

pontos. Apesar de concordarem com Bandura (2006c) que uma maior quantidade de opções de respostas implica em maior variabilidade de mensuração do construto, Nunes et al. (2008), ressaltam o cuidado com o uso de escalas com maior amplitude de pontuação, uma vez que podem gerar diferentes interpretações dos respondentes quanto às gradações de intensidade do construto avaliado. Ao investigar a influência do número de itens para o uso de escalas do tipo *likert* e o efeito da disposição do instrumento, Dalmoro e Vieira (2013) encontraram que escalas com cinco pontos eram precisas e, ao mesmo tempo, mais fáceis e rápidas de serem respondidas quando comparadas com escalas de maiores pontuações. Assim posto, optou-se por utilizar, no presente estudo, uma escala de cinco pontos, pois, além de diminuir a possibilidade de diferentes interpretações e julgamentos dos respondentes, permite que a escala seja precisa e, ao mesmo tempo, de fácil compreensão e rápida avaliação.

Essas características do instrumento são de suma importância uma vez que ele foi construído para avaliar atletas de alto rendimento que tem uma rotina muito atribulada e dinâmica entre treinos e competições (Angelo, 2019), além de ser necessário levar em consideração as diferentes idades e características dos atletas para os quais a escala está sendo estudada. Desse modo, nas instruções da escala foi solicitado que o respondente avalie o quão acredita ser capaz de executar os itens da escala no exato momento da avaliação. No entanto, para minimizar a possibilidade de a escala ser respondida de acordo com a motivação situacional do atleta e não sua crença de autoeficácia (Williams et al., 2020), também na instrução, discriminou-se a diferença entre o que o sujeito “pode” e o que ele “quer” (vontade) fazer no momento da avaliação.

Assim, a introdução do instrumento ficou redigida dessa maneira: “Por favor, em uma escala de um a cinco, onde um significa “acredito que não posso fazer” e cinco representa “acredito que posso fazer”, avalie o quão você acredita ser capaz de fazer NESTE EXATO

MOMENTO as afirmações a seguir. *Atenção:* avalie o quanto você acredita ser capaz de fazer agora (posso fazer) e não o que você gostaria (tem vontade) que acontecesse”.

Os itens foram construídos contemplando situações vivenciadas rotineiramente por atletas em treinos e competições. De maneira empírica, através da experiência da pesquisadora com a prática da psicologia esportiva em uma rotina de acompanhamento de atletas brasileiros, durante a construção dos itens, levou-se em consideração situações mais frequentes no dia a dia desses atletas e que são consideradas importantes.

Um ponto de atenção durante a elaboração dos itens envolveu o vocabulário utilizado, uma vez que se pretendeu validar o instrumento para atletas em formação (a partir de 14 anos), atletas profissionais de diferentes modalidades esportivas e atletas paralímpicos, todos eles residentes em diversas regiões brasileiras. Dessa forma, buscou-se que os itens fossem descritos de maneira clara e respeitando a heterogeneidade da população brasileira.

Além da observação das pesquisadoras quanto à rotina de atletas, a construção dos itens também foi organizada de acordo com as fontes de autoeficácia descritas anteriormente. Dessa maneira, cada uma das fontes de autoeficácia originou uma dimensão do instrumento construído, de modo a contemplar quatro dimensões (Bandura, 1986, 1997):

1. *Experiências diretas de domínio:* experiências autênticas do sujeito; quando o indivíduo vive, com sucesso, uma experiência, apresentando tendência de generalizar sua crença de autoeficácia positiva para situações futuras semelhantes;
2. *Experiências vicárias:* envolve observações do desempenho positivo de pessoas com características similares às do avaliando, que ajudam a aumentar a percepção positiva de autoeficácia do observador;
3. *Persuasão verbal:* quando uma terceira pessoa verbaliza e/ou demonstra para o sujeito que ele é capaz de fazer determinada tarefa; e

4. *Estados fisiológicos e emocionais do sujeito*: definida como a percepção do um estado de ativação emocional equilibrado que permite que a pessoa acredite ser capaz de fazer algo.

Alguns exemplos dos itens formulados para a primeira versão da escala estão apresentados na Tabela 4 de acordo com as dimensões que representam. É importante destacar que os itens pertencentes a cada uma das dimensões foram apresentados de forma misturada, visando-se que não fosse possível identificar a dimensão por agrupamento ou ordem de apresentação.

Tabela 4.

Itens que compuseram a primeira versão do instrumento de acordo com a dimensão a ser avaliada

DIMENSÃO		ITEM
Experiências Diretas de Domínio (20 itens)	2	Encarar adversários que já venci anteriormente
	3	Executar, em competição, algumas técnicas que treinei pouco
	13	Fazer treinos novos
Experiências Vicárias (21 itens)	4	Aprender comportamentos quando vejo meus colegas treinando
	8	Melhorar meu desempenho vendo vídeos de meus adversários competindo
	10	Competir com bom rendimento quando assisto novos adversários competindo
Persuasão Verbal (21 itens)	5	Fazer algo novo quando sou incentivado pelos meus colegas de treino
	15	Melhorar meu desempenho após orientação do meu empresário (ou pessoa importante para minha carreira)
	20	Colocar em prática as orientações de meu preparador físico
Estados fisiológicos e emocionais (22 itens)	1	Competir com motivação
	6	Fazer movimentos técnicos com tranquilidade em treinos
	7	Manter a minha motivação, mesmo se não atingir grandes resultados

Essa primeira versão da escala com 84 itens seguiu para estudos posteriores, visando, especialmente, a verificação da sua adequação junto ao público-alvo e, em seguida, a análise realizada pelos juízes especialistas (investigação das evidências de validade com base no conteúdo). Os resultados são apresentados no Estudo 2.

Estudo 2 – Evidências de validade com base no conteúdo

Após a construção da primeira versão da escala, as evidências de validade com base no conteúdo foram investigadas. Esse tipo de evidência de validade corresponde à avaliação da representatividade dos itens sobre os aspectos a serem investigados pelo instrumento, ou seja, sua relação e abrangência com os constructos investigados (Peixoto & Ferreira-Rodrigues, 2019).

Investigar as evidências de validade com base no conteúdo é uma das etapas essenciais que permite associar os constructos psicológicos investigados com indicadores observáveis e mensuráveis (Alexandre & Coluci, 2011), aferindo que os itens construídos são uma amostra representativa de comportamentos do domínio a ser investigado (Pasquali, 2009). Para atender esse objetivo foram realizadas duas etapas distintas que são descritas separadamente neste estudo, a saber: estudo piloto e análise de juízes especialistas.

Etapa 1 – Estudo Piloto

Durante o processo de construção dos itens, a análise semântica dos itens é de extrema relevância, de acordo com Pasquali (2010), pois busca verificar se os itens são compreensíveis para todos os membros da população para a qual o instrumento se destina.

Assim, a primeira etapa envolveu a aplicação do instrumento em um número restrito de participantes, visando-se verificar sua adequação através de um estudo piloto feito com um número reduzido de sujeitos que caracterizem a amostra-alvo (Pacico, 2015). O objetivo dessa etapa envolveu verificar se a amostra para qual a escala está sendo validada consegue compreender os itens elaborados, avaliando ainda a clareza das instruções e formato de resposta do instrumento (Fonseca et al., 2015).

Nesse processo, Pasquali (2010) salienta que tal procedimento tem, como finalidade, levantar, junto aos participantes, eventuais dúvidas que os itens suscitarem. A esse grupo

apresenta-se item por item, pedindo que seu conteúdo seja explicado pelos membros do grupo, solicitando aos participantes que verbalizem o que entenderam do item, o que ele pergunta, bem como verificar se todos o compreendem da mesma forma (Pacico, 2015). Através dos dados coletados, espera-se que o pesquisador identifique a adequação semântica do instrumento ao público-alvo, verifique possíveis lapsos do instrumento, como erros gramaticais e ortográficos e analise a adequação dos tipos de respostas que pretende obter (Fonseca et al., 2015).

Dessa forma, o estudo piloto, além de permitir antecipar os resultados que serão obtidos com a amostra final (Pacico, 2015), também pode auxiliar na assertividade do instrumento, possibilitando melhor compreensão da amostra-alvo sobre os itens e diminuindo, assim, a possibilidade de vários tipos de interpretação para o mesmo item (Silva et al., 2012).

Objetivo

Investigar evidências de validade com base no conteúdo do instrumento através da verificação da sua adequação ao público-alvo.

Hipótese

Os itens da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros são adequados e compreendidos sem dificuldades pelo público-alvo.

Método

Participantes

Não há um consenso na literatura sobre a quantidade ideal de participantes no estudo-piloto durante o processo de validação de um instrumento psicológico (Fonseca et al., 2015). No entanto, Pasquali (2010) recomenda que tal estudo envolva participantes que pertencem a diferentes que estão sendo investigados. Nesse caso, optou-se pela participação de atletas em

formação (com idade mínima para a qual a escala foi construída), atletas adultos e atletas com deficiência, características de atletas que abarcam a amostra-alvo da pesquisa. Ao todo, participaram do estudo 15 atletas de alto rendimento, sendo cinco atletas com 14 anos, cinco atletas adultos e sem deficiência e cinco atletas adultos com deficiência.

Esses atletas foram divididos em três grupos distintos. O primeiro grupo correspondia aos cinco atletas adultos e com deficiência. Neste grupo, quatro atletas eram mulheres e um homem, com idades entre 25 e 40 anos e originários de diferentes estados brasileiros (três mulheres nasceram em São Paulo, uma no Rio de Janeiro e o homem era paraibano). Quanto ao grau de escolaridade, dois atletas tinham o ensino médio completo, outros dois tinham graduação completa e o quinto participante estava cursando uma graduação. Todos os atletas competiam a modalidade de judô paralímpico há mais de 10 anos e tinham experiências de competições internacionais como Campeonatos Mundiais e Jogos Paralímpicos. Quanto à deficiência desses atletas, todos eram deficientes visuais, sendo que todas as mulheres tinham baixa visão e o homem era deficiente visual total (cego). A escolha dos atletas deficientes visuais foi proposital, uma vez que a pesquisadora, por já ter trabalhado como psicóloga em modalidades paralímpicas, identificou que esse tipo de deficiência poderia ter maior dificuldade de compreensão e acesso à escala.

O grupo 2 foi composto pelos cinco atletas menores de idade. Todos eles tinham 14 anos completos no momento da coleta de dados, eram do sexo masculino e provenientes do estado de São Paulo. Quatro atletas cursavam o ensino fundamental e um dos participantes já estava cursando o ensino médio. Todos os participantes praticavam a modalidade de futebol de campo, sendo que um deles, além do futebol, também praticava futsal. Sobre a experiência na prática esportiva, esses atletas já estavam em formação há, pelo menos, três anos (sendo que um deles já tinha oito anos de experiência esportiva), e dois deles participaram de competições de níveis nacionais, enquanto os outros três tinham experiências em competições internacionais.

Já o grupo 3, foi formado pelos atletas adultos sem deficiência. Compunham o grupo quatro mulheres e um homem, com idades entre 18 e 31 anos, sendo três deles oriundos do estado de São Paulo, um do Rio de Janeiro e um de Minas Gerais. Sobre o grau de escolaridade, dois participantes tinham ensino médio completo, outros dois estavam cursando a faculdade e outro já havia finalizado a graduação. Quanto à experiência esportiva, três participantes jogavam basquete, um participante praticava futsal e outro handebol; todos eles tinham pelo menos três anos de experiência na modalidade, sendo que dois atletas já tinham participado de competições de nível internacional, outros dois de competições nacionais e um de competições de nível estadual.

Crítérios de Inclusão e Exclusão

Sobre os critérios de inclusão e exclusão, os atletas deveriam apresentar algum vínculo federativo, praticar a modalidade esportiva que competem atualmente há, no mínimo, três anos e ter participado de, pelo menos, uma competição de nível regional na última temporada competitiva.

Instrumentos

Os atletas responderam à primeira versão da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros. Esta primeira versão correspondia à versão inicial do instrumento construída e apresentada de acordo com o que foi descrito no Estudo 1 da presente tese.

Além disso, os atletas também respondiam a um questionário sociodemográfico que identificava características da amostra de acordo com sua idade, gênero, nível acadêmico, cidade e estado em que treina, tipo de vínculo federativo e identificação da federação esportiva, tempo de prática da modalidade, nível competitivo mais alto disputado durante a carreira, data da última competição e data da próxima competição a ser disputada. No caso dos atletas com

deficiência, também eram investigadas as informações sobre qual era a deficiência apresentada pelo atleta, o tipo da deficiência (congenita ou adquirida) e há quanto tempo o atleta tinha o atual grau da deficiência descrita no questionário.

Procedimentos

Após a submissão e aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, as pesquisadoras entraram em contato com os atletas de alto rendimento que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão para a composição da amostra no estudo-piloto. Após a explicação do procedimento e aceitação dos atletas para a participação, todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Estudo Piloto (Anexo 3).

Ressalta-se que, no caso dos atletas menores de idade, os responsáveis por esses jovens foram contatados anteriormente e autorizaram a participação de seus filhos na pesquisa, concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de 18 anos – Estudo Piloto (Anexo 5). Posteriormente, quando se entrou em contato com os atletas, todo o processo de participação da pesquisa também foi explicado e eles e foram assinados os Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (menores de 18 anos) (Anexo 4).

Devido à pandemia do COVID-19, a coleta de dados e os contatos com os participantes foram todos *on-line*. Houve três momentos distintos de coleta de dados entre os meses de julho e setembro de 2021. No primeiro momento, participaram da coleta os atletas paralímpicos (grupo 1); no segundo momento foi realizada a coleta com os atletas de 14 anos (grupo 2) e, no terceiro e último momento de coleta, estavam presentes os atletas adultos e sem deficiência (grupo 3).

De acordo com Pasquali (2010), uma técnica que tem se mostrado bastante eficaz na avaliação da compreensão dos itens envolve a formação de pequenos grupos de sujeitos (três ou quatro), dentro de uma situação de *brainstorming*. A esse grupo apresenta-se item por item, pedindo que sua compreensão seja apresentada pelos membros do grupo. Se a reprodução do item contiver a ideia principal que guiou sua construção, não deixando nenhuma dúvida, podemos verificar que o item foi corretamente compreendido. Se surgirem divergências na reprodução do item ou se o pesquisador perceber que está sendo entendido diferentemente do que ele julga que deveria ser entendido, atenção deve ser dada a esse item. No caso, o pesquisador pode explicar ao grupo o que ele pretendia dizer com tal item, sendo solicitado que os participantes façam sugestões de melhoria (Pasquali, 2010). Tal método foi adotado no presente estudo.

As coletas de dados foram feitas através de reuniões *on-line* utilizando a plataforma *Google Meet*. Tanto o questionário sociodemográfico quanto à primeira versão da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros, foram inseridos na plataforma *Google Forms*. Assim, quando o atleta recebia o link com o convite para participar da pesquisa, ele já tinha acesso ao TCLE (podendo baixá-lo e salvá-lo caso julgasse necessário) e só poderia responder aos questionários a partir do momento em que clicava na opção “aceito participar da pesquisa”, apresentada ao final do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, no caso específico do Grupo 1, os atletas também puderam julgar a facilidade de acesso tanto da escala quanto do questionário sociodemográfico através do *software* de leitura para deficientes visuais utilizados pelos participantes para realizar leitura de documentos e aplicativos em aparelhos celulares e computadores.

Resultados

Nos três grupos houve sugestões de alterações dos itens, sendo que, o Grupo 1 foi o que mais sugeriu modificações dos itens que correspondiam à dimensão ‘experiências vicárias’, quando estes usavam verbos como ‘observar’ e ‘ver’, uma vez que os atletas eram todos deficientes visuais. Como exemplo, por exemplo, o item 10 da escala que, originalmente era “competir com bom rendimento quando assisto novos adversários competindo”, após a avaliação do grupo 1, foi alterado para “competir com bom rendimento quando recebo informações de novos adversários competindo”. Alguns exemplos são mostrados na Tabela 5.

Tabela 5.

Exemplos de alterações dos itens após o estudo-piloto.

ITEM	PRIMEIRA VERSÃO DA ESCALA	SEGUNDA VERSÃO DA ESCALA
4	Aprender comportamentos quando vejo meus colegas treinando	Aprender coisas novas quando vejo meus colegas treinando
5	Fazer algo novo quando sou incentivado pelos meus colegas de treino	Fazer algo novo quando sou incentivado(a) pelos meus colegas de treino
6	Fazer movimentos técnicos com tranquilidade em treinos	Fazer, com tranquilidade, movimentos técnicos mais difíceis em treinos
8	Melhorar meu desempenho vendo vídeos de meus adversários competindo	Melhorar meu desempenho estudando meus adversários em competição

Além disso, através da coleta de dados realizada com o grupo 1, também foram alteradas maneiras de apresentação de perguntas do questionário sociodemográfico no *Google Forms* para que facilitasse a leitura do *software* para deficientes visuais. Como, por exemplo, ao invés das perguntas com respostas previamente descritas, como as opções de Estados brasileiros na pergunta ‘qual o Estado que você nasceu?’, estarem em formato ‘escolha pendente’ (julgado pelos atletas sem deficiência dos grupos 2 e 3, como sendo o formato de mais fácil compreensão), foi alterado para o formato ‘múltipla escolha’ para os atletas com deficiência, uma vez que o software de leitura usado por esses atletas lia melhor nesse formato.

Após a aplicação do instrumento com a amostra da população-alvo, a escala passou por revisão gramatical e semântica de acordo com as sugestões e dificuldades apresentadas pelos atletas quanto à compreensão. Ao todo, 15 dos 84 itens tiveram alterações gramaticais (17,86% dos itens), sem, no entanto, sofrerem alterações semânticas. Além disso, em outros 13 itens (15,48% dos itens) foram acrescentadas opções de gêneros descritos no item, como, por exemplo, o item 14 que de “ficar tranquilo em estreia de campeonato” passou a ser “ficar tranquilo(a) em estreia de campeonato”. Alguns exemplos das alterações gramaticais realizadas após a finalização dessa etapa do estudo podem ser verificados na Tabela 5.

Após o estudo-piloto, nenhum item foi excluído, sendo mantidos os 84 itens originais, corroborando com a hipótese deste estudo de que os itens da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros estão adequados ao público-alvo. Desse modo, o instrumento seguiu para a segunda etapa.

Etapa 2 – Análise de juízes especialistas

A análise de juízes envolve um “processo qualitativo, no qual pessoas que já tenham estudado muito um assunto ou teoria dão seu parecer em relação à correspondência dos itens com a teoria” (Ambiel & Carvalho, 2017, p. 118). Tal procedimento, chamado de busca por evidências de validade de conteúdo consiste na verificação do instrumento feita por um comitê de juízes especialistas que avalia o quão os itens construídos são relevantes e representativos para avaliar o constructo psicológico investigado (Cunha et al., 2016).

As avaliações deste comitê representam avaliações independentes sobre a adequação do instrumento para mensurar o constructo psicológico que se propõe a investigar (Sireci & Sukin, 2013) através da avaliação da definição, representação e relevância de domínio, bem como a adequação dos procedimentos de construção do instrumento (Sireci & Faulkner-Bond, 2014).

A concordância dos especialistas é calculada por meio do coeficiente de validade de conteúdo, o qual consiste no estudo da adequação de cada item à teoria que o embasa. Além disso, o coeficiente Kappa também é utilizado com o objetivo de descrever a intensidade de concordância inter observador. Tais métodos buscaram refinar a escala, de modo a uma melhor compreensão e identificação dos seus pontos fortes e fracos.

Objetivo

Investigar evidências de validade do instrumento com base no conteúdo através da estimativa da porcentagem de concordância entre juízes e análise do Coeficiente Kappa.

Hipótese

Os juízes apresentam concordância adequada na análise do conteúdo dos itens da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros.

Método

Participantes

Na literatura também não há um consenso referente à quantidade necessária de juízes para compor o comitê de avaliação (Cunha et al., 2016). Lynn (1986), por exemplo, sugere o mínimo de cinco juízes especialistas e o máximo de dez juízes, já Cassepp-Borges et al. (2010) sugerem, como número ideal, a participação de três e, no máximo, cinco especialistas. Desse modo, optou-se pela seleção de cinco juízes, de modo a seguir as duas recomendações.

Portanto, participaram desta etapa de validação cinco juízes especialistas, sendo dois juízes psicólogos especialistas em avaliação psicológica, um psicólogo especialista em psicologia esportiva e dois juízes que são especialistas nas duas áreas (psicologia do esporte e avaliação psicológica). Por se tratar de uma avaliação subjetiva que os juízes participantes

fazem, é recomendado que os critérios de seleção desses juízes considerem suas experiências e qualificações (Alexandre & Coluci, 2011).

Todos os juízes eram mulheres e trabalham em suas especialidades há mais de cinco anos. Sobre o grau acadêmico dessas juízas, quatro delas eram doutoras e tiveram suas teses relacionadas à avaliação psicológica; já a quinta juíza é especialista em psicologia do esporte. As três participantes que tem especialização em psicologia do esporte, atuam na área aplicada em clubes esportivos nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Crítérios de Inclusão

Os critérios de inclusão consistiam em ser graduado em psicologia, possuindo, no mínimo, o nível acadêmico de especialista em psicologia esportiva, avaliação psicológica e/ou áreas correlatas e ter, pelo menos, três anos de atuação em suas especialidades.

Instrumento

As juízas avaliaram a segunda versão da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros, que corresponde à versão da escala já com as alterações sugeridas pelos atletas participantes do estudo piloto. Para essa análise, junto à escala, foi entregue uma síntese sobre o objetivo da pesquisa, definição do constructo da autoeficácia de acordo com a Teoria Social Cognitiva (teoria base escolhida para a construção do instrumento), bem como a definição das dimensões avaliadas contempladas durante a construção dos itens do instrumento.

Procedimentos

Após a submissão e aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, as juízas foram convidadas a participarem da etapa de validação de conteúdo por *e-mail*. Nesse *e-mail* foi enviado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido

(Anexo 6) e outro arquivo com os itens a serem avaliados, as definições do constructo e dimensões avaliadas. Todo o procedimento foi feito de maneira *on-line* e as avaliações completadas de forma individual.

O grupo de juízas foi convidado a ler a escala e julgar a qual dimensão cada um dos 84 itens pertenciam (experiências diretas de domínio, experiências vicárias, persuasão social, estados físicos e emocionais do sujeito). Após a primeira avaliação das juízas, um banco de dados foi criado contendo as respostas dadas por cada uma das participantes, para cada item, bem como uma coluna intitulada “juiz ideal”, que correspondia à dimensão para a qual o item foi formulado durante o processo de elaboração da escala. Através desse banco de dados, foi possível analisar o grau de concordância entre as avaliações dos juízes. Os itens que tiveram concordância abaixo de 0,80 foram reformulados e, posteriormente, as juízas foram convidadas a avaliar estes itens novamente. Apenas após esse segundo momento de avaliação, foi realizada a análise do Coeficiente Kappa e tomada a decisão de quais itens se manteriam ou não no instrumento.

Análise de Dados

O software estatístico JASP foi utilizado cálculo da porcentagem de concordância inter avaliadores e do Coeficiente Kappa para analisar o grau de concordância entre as avaliações realizadas pelos juízes (Peixoto & Ferreira-Rodrigues, 2019). A porcentagem de concordância é um dos procedimentos mais simples de avaliação; cada juiz avalia os itens do instrumento e aponta para qual dimensão do constructo investigado aquele item compõe e, posteriormente, é calculada a porcentagem de concordância entre eles (Alexandre & Coluci, 2011).

Foram tomados como critérios para interpretação dos resultados, valores sugeridos na literatura. A porcentagem de concordância entre as avaliações dos juízes pode ser classificada como: concordância quase perfeita (de 0,80 a 1,00), concordância substancial (de 0,60 a 0,80),

concordância moderada (de 0,40 a 0,60), concordância regular (de 0,20 a 0,40) e concordância discreta (de 0,00 a 0,20) (Peixoto & Ferreira-Rodrigues, 2019). Em relação ao coeficiente Kappa, valores acima de 0,75 indicariam uma concordância excelente; entre 0,40 e 0,75, uma concordância satisfatória; e abaixo de 0,40, uma concordância insatisfatória, recomendados por Fleiss (1981).

Resultados

Após as juízas avaliarem pela primeira vez os 84 itens do instrumento, verificou-se que 79 deles tiveram concordância quase perfeita (sendo 59 deles concordância de 1,00 e 20 deles apresentaram concordância de 0,80) e cinco itens apresentaram concordância substancial (quatro itens com nível de concordância 0,60 e apenas um item com concordância 0,40). Esses cinco itens que apresentaram concordância substancial, foram reformulados e avaliados novamente pelo comitê de juízes especialistas. A identificação de exemplos dos itens, bem como suas alterações realizadas após a primeira avaliação dos juízes, está apresentada no Quadro 2.

<i>Item</i>	<i>% concordância na primeira rodada de avaliação</i>	<i>Versão 1</i>	<i>% concordância na segunda rodada de avaliação</i>	<i>Versão 2</i>
7	60	Manter a minha motivação, mesmo se não atingir grandes resultados	60	Ficar motivado para competir, mesmo após não atingir grandes resultados
57	60	Me abalar quando sou criticado(a) pelo(a) treinador(a)	60	Me abalar emocionalmente quando sou criticado(a) pelo(a) treinador(a)
62	60	Melhorar meu rendimento ao conversar com atletas com características parecidas com as minhas	100	Melhorar meu rendimento ao treinar com atletas com características parecidas com as minhas

Quadro 2. *Alteração dos itens que apresentaram concordância substancial entre as avaliações das juízas no primeiro momento.*

Após a segunda avaliação das juízas sobre os cinco itens, decidiu-se manter os itens 62 e 76, pois apresentaram concordância quase perfeita (1,00 e 0,80, respectivamente), e excluir os itens 7, 57 e 72, uma vez que continuaram apresentando concordância substancial (todos com 0,60). Na versão original do instrumento, dois desses itens pertenciam à dimensão “estados fisiológicos e emocionais” (itens 7 e 72) e outro à dimensão “persuasão verbal” (item 57). Após a exclusão desses três itens, a escala passou a ser composta por 81 itens.

Usando essa terceira versão do instrumento, foi realizado o cálculo do coeficiente Kappa, que pode ser definido como a avaliação de concordância entre os juízes comparada com o ‘juiz ideal’, que é a classificação original do item (Peixoto & Ferreira-Rodrigues, 2019). O coeficiente Kappa varia de -1 (ausência total de concordância) a 1 (concordância total) e pode ser definido como sendo “a razão da proporção de vezes que os juízes concordam (corrigido por concordância devido ao acaso) com a proporção máxima de vezes que os juízes poderiam concordar (corrigida por concordância devido ao acaso)” (Alexandre & Coluci, 2011, p. 3066).

Para tanto, cada classificação efetuada pelas juízas foi comparada com um “juiz ideal”, o qual representava a classificação originalmente pensada para cada item. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 6.

Tabela 6.

Coeficiente Kappa

<i>Juiz</i>	<i>Coeficiente Kappa</i>	<i>Itens classificados</i>	<i>EDD</i>	<i>EV</i>	<i>PV</i>	<i>EFE</i>
1	0,981	Número de itens classificados em cada área	21	21	20	19
		Acertos	19	20	19	18
		% de acertos	95	95,24	95	90
2	0,918	Número de itens classificados em cada área	21	21	17	22
		Acertos	19	20	17	20

		% de acertos	95	95,24	85	100
3	0,885	Número de itens classificados em cada área	16	22	19	23
		Acertos	16	20	18	20
		% de acertos	80	95,24	90	100
		Número de itens classificados em cada área	20	20	21	20
4	0,951	Acertos	20	19	19	20
		% de acertos	100	90,48	95	100
		Número de itens classificados em cada área	18	22	22	19
5	0,802	Acertos	15	18	19	17
		% de acertos	75	85,72	95	85
		<i>Total</i>	<i>20</i>	<i>21</i>	<i>20</i>	<i>20</i>

Nota: EDD = Experiências diretas de domínio, EV = Experiências vicárias, PV = Persuasão Verbal; EFE = Estados físicos e emocionais do sujeito.

Os resultados indicaram adequação do julgamento realizado por todos os juízes, visto que todos os valores do Coeficiente Kappa foram maiores do que 0,80, de modo a caracterizar uma concordância interpretada como excelente (Fleiss, 1981; McHugh, 2012).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar as evidências de validade de conteúdo do instrumento através de duas etapas. A primeira etapa correspondeu à verificação da adequação do instrumento junto ao público-alvo em um estudo piloto, enquanto a segunda etapa investigou as evidências de validade de conteúdo através da estimativa da porcentagem de concordância entre juízes e da análise do Coeficiente Kappa.

É possível dizer que ambas as hipóteses iniciais para o estudo foram alcançadas, pois, durante a primeira etapa, o público-alvo conseguiu compreender a maioria dos itens sem dificuldade, sugerindo apenas algumas alterações semânticas sem ser necessária a exclusão de

nenhum dos 84 itens iniciais. Já a hipótese inicial da segunda etapa do estudo (os juízes apresentarem concordância adequada na análise do conteúdo dos itens do instrumento), também foi confirmada de maneira quase total após a segunda rodada de avaliações dos juízes, uma vez que apenas três itens da escala não apresentaram concordância entre as avaliações e o Coeficiente Kappa foi considerado excelente, pois todos foram $>0,80$.

Sobre as alterações semânticas sugeridas pelo público-alvo, a maioria das alterações sugeridas pelo grupo de atletas deficientes visuais estava relacionada à fonte de experiência vicária, ou seja, observar o desempenho positivo de pessoas com características similares às do atleta que está sendo avaliado (Bandura, 1997). Como exemplo de alteração, pode-se apresentar o item que inicialmente estava descrito como “*competir com bom rendimento quando assisto novos adversários competindo*” e estes atletas sugeriram mudar para “*competir com bom rendimento quando recebo informações de novos adversários competindo*”.

Nota-se que o sentido da frase continuou o mesmo, mas a afirmação, além de fazer referência ao estímulo visual, passou a ser mais abrangente, podendo fazer referência de acesso ao mesmo estímulo, mas através de outros sentidos, como a audição, por exemplo. Na maioria dos itens que faziam alusão apenas à visão, o grupo de paratletas sugeriu a abrangência de acesso ao estímulo também através da audição. Perez (2021), ao estudar o desenvolvimento de simulações auditivas para o ensino de deficientes visuais, explica que os estímulos sonoros são capazes de traduzir informações imagéticas para a compreensão de deficientes visuais, o que justifica as sugestões de alteração dos itens feitas por esse grupo de atletas.

Os demais grupos forneceram poucas sugestões de alteração dos itens, havendo compreensão de quase todos eles sem questionamentos. As principais dúvidas e sugestões de alterações feitas pelos grupos de adultos e atletas de 14 anos foram para itens que apresentavam termos não utilizados em todas as modalidades esportivas, como ‘*cumprir as orientações verbais passadas na preleção*’, que foi alterado para ‘*cumprir as orientações verbais passadas*

na preleção (orientações que o(a) treinador(a) passa antes da competição)’, ou seja, explicar a expressão dentro do próprio item.

Já sobre a avaliação dos juízes foi possível notar mais dificuldade na distinção dos itens que compunham as dimensões “experiências vicárias” e “persuasão verbal”. Dentre as quatro fontes de autoeficácia, essas duas envolvem a presença e influência de terceiros na força e magnitude do constructo investigado (Bandura, 1986, 1997), podendo ser esse o motivo para o menor número de concordância nessas duas dimensões. Convém destacar uma possível limitação do estudo devido à ausência de juízes especialistas na Teoria Social Cognitiva. Isso porque, o domínio sobre a teoria poderia abranger o olhar analítico sobre o instrumento aqui desenvolvido.

De modo geral, tanto os resultados decorrentes da avaliação dos juízes quanto à investigação de evidências de validade de conteúdo através da análise semântica realizada pelo público-alvo, se mostraram favoráveis e os resultados aqui encontrados motivaram a continuidade da investigação das qualidades psicométricas da escala.

Estudo 3 - Evidências de validade com base na estrutura interna e precisão

A evidência de validade baseada na estrutura interna é uma das primeiras qualidades psicométricas a serem investigadas pelos pesquisadores durante a construção de um instrumento psicológico, uma vez que é necessário conhecer a estrutura do instrumento primeiro para depois verificar outros tipos de validade (Ambiel & Carvalho, 2017). Esse tipo de estudo permite conhecer “o grau de adequação da relação entre itens do teste e o seu fator (variável-latente)” (Andrade & Valentini, 2018, p. 34), de modo que a existência de uma dimensão comum resulta no agrupamento dos itens.

Além de verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna, o presente estudo também avaliou a precisão do instrumento construído. Entende-se como precisão a capacidade do teste psicológico de medir com o menor erro possível (Pasquali, 2009). A investigação dessa qualidade psicométrica se mostra importante visto que, quando a precisão do teste não é verificada, os escores desse instrumento podem apresentar erros aleatórios e não exibir de fato o escore que demonstraria a mensuração real do traço latente a ser investigado, gerando, assim, interpretações errôneas do constructo investigado e, conseqüentemente, erros em intervenções psicológicas futuras (Geisinger, 2013).

Objetivo

Analisar as evidências de validade com base na estrutura interna da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros e avaliar a precisão do instrumento.

Hipóteses

(1) As cargas fatoriais dos itens da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros são adequadas, (2) O agrupamento dos itens está de acordo com o modelo de quatro fatores teóricos utilizado como base e (3) A precisão dos fatores é adequada.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 379 atletas de alto rendimento, sendo 347 homens (91,56%), com idades entre 13 e 51 anos ($M = 18,25$; $DP = 5,93$). Quanto ao grau de escolaridade, a maioria estava cursando algum nível acadêmico, sendo que 74 (19,53%) cursavam o ensino fundamental, 163 (43,01%) estavam no ensino médio e 27 (7,12%) cursavam alguma graduação. Dentre os demais participantes que não estavam mais estudando, quatro 1,06% tinham o ensino fundamental completo, 27,44% haviam terminado o ensino médio, (0,79% tinham finalizado pelo menos uma graduação de ensino superior e outros quatro tinham alguma pós-graduação, tendo três cursado pós-graduação *latu sensu* e um participante tinha defendido o mestrado.

Visando abranger também atletas que atuam no paradesporto, 24 dos participantes (6,333%) possuíam algum tipo de deficiência, sendo 15 atletas deficientes físicos (3,96% da amostra geral), oito deficientes visuais, podendo ser cegos e/ou apresentarem baixa visão (2,11% da amostra geral), e um participante tinha paralisia cerebral (0,26% da amostra geral). Destes 24 atletas, 14 adquiriram a deficiência ao longo da vida e 10 deles, apresentavam deficiência congênita, ou seja, nasceram com a deficiência. Mesmo dentre os atletas que tinha deficiência adquirida, a maioria era deficiente há mais de 10 anos, sendo que apenas um atleta informou que tinha adquirido a deficiência há menos de um ano e outro atleta informou que era deficiente há oito anos.

Para participarem da pesquisa, os atletas precisavam ter acima de 13 anos, apresentar algum vínculo federativo, praticar a modalidade esportiva que competiam no momento da pesquisa há, no mínimo, dois anos e deveriam ter participado de, pelo menos, uma competição de nível regional na última temporada competitiva.

Em relação à região do Brasil em que nasceram que treinam, podemos ver que a amostra contemplou as cinco regiões, em 23 Estados brasileiros e mais o Distrito Federal. Quanto ao local de nascimento dos participantes, a maioria nasceu na região sudeste do Brasil (68,87%) seguido pela região nordeste (13,72%), sul (8,97%), norte e centro-oeste (ambas com 4,22%). Quanto ao local de treino no momento da coleta, a maioria dos participantes também treinava na região sudeste (90,77%), seguido pela região norte (3,96%), sul (2,64%), nordeste e centro-oeste (ambos com 1,32%). Na Tabela 7, é possível avaliar a informação dos locais de nascimento e de treino de acordo com a região e Estados brasileiros.

Tabela 7.

Estados em que os atletas nasceram e treinam.

Estado em que nasceu	N	%	Estado em que treina	n	%
<i>Sudeste</i>	261	68,87	<i>Sudeste</i>	344	90,77
Espírito Santo	3	0,79	Espírito Santo	-	-
Minas Gerais	20	5,28	Minas Gerais	2	0,53
Rio de Janeiro	17	4,49	Rio de Janeiro	8	2,11
São Paulo	221	58,31	São Paulo	334	88,13
<i>Nordeste</i>	52	13,72	<i>Nordeste</i>	5	1,32
Alagoas	3	0,79	Alagoas	1	0,26
Bahia	24	6,33	Bahia	2	0,53
Ceará	1	0,26	Ceará	1	0,26
Maranhão	6	1,58	Maranhão	-	-
Paraíba	4	1,06	Paraíba	-	-
Pernambuco	6	1,58	Pernambuco	-	-
Piauí	1	0,26	Piauí	-	-
Rio Grande do Norte	3	0,79	Rio Grande do Norte	1	0,26
Sergipe	4	1,06	Sergipe	-	-
<i>Norte</i>	16	4,22	<i>Norte</i>	15	3,96
Amazonas	1	0,26	Amazonas	-	-

Pará	12	3,17	Pará	15	3,96
Rondônia	3	0,79	Rondônia	-	-
<i>Centro-Oeste</i>	16	4,22	<i>Centro-Oeste</i>	5	1,32
Distrito Federal	4	1,06	Distrito Federal	1	0,26
Goiás	4	1,06	Goiás	3	7,90
Mato Grosso	5	1,32	Mato Grosso	1	0,26
Mato Grosso do Sul	3	0,79	Mato Grosso do Sul	-	-
<i>Sul</i>	34	8,97	<i>Sul</i>	10	2,64
Paraná	16	4,22	Paraná	6	1,58
Rio Grande do Sul	9	2,37	Rio Grande do Sul	4	1,06
Santa Catarina	9	2,37	Santa Catarina	-	-

Quanto à modalidade, 22 diferentes eram praticadas pelos participantes. A maior parte dos atletas praticava modalidade esportiva coletiva (86,55%), seguido por atletas que praticavam modalidades paradesportivas (6,33%), modalidades de combate (5,01%) e atletas que praticavam modalidades individuais (2,09%). A especificação das modalidades, bem como o número de participantes de cada uma delas, pode ser encontrada no Tabela 8.

Tabela 8.

Modalidades esportivas praticadas pelos participantes.

Classificação da Modalidade	Modalidade Esportiva	n	%
Modalidades coletivas (n = 328)	Futebol	250	65,96
	Basquete	43	11,35
	Vôlei	16	4,22
	Futsal	10	2,64
	Polo aquático	7	1,85
	Nado artístico	2	0,53
Modalidades individuais (n = 8)	Badminton	3	0,79
	Tenis	1	0,26
	Triatlo	1	0,26
	Golfe	1	0,26
	Ultramaratona	1	0,26
	Tenis de mesa	1	0,26
Modalidades de combate (n = 19)	Judô	12	3,17
	Karatê	4	1,06
	Muay Thay	1	0,26
	Jiu Jitsu	1	0,26
	Wrestling	1	0,26

Modalidades paradesportivas (n = 24)	Vôlei Sentado	13	3,43
	Judô Paralímpico	7	1,85
	Ski Cross Country	2	0,53
	Futebol de cegos	1	0,26
	Parabadminton	1	0,26

Além da informação sobre a modalidade praticada, os participantes foram questionados sobre sua experiência no esporte de alto rendimento. Os dados indicaram que a maioria dos participantes pratica as modalidades descritas há mais de 10 anos (35,09%), seguidos por atletas que praticam entre oito e 10 anos (24,28%), entre seis e oito anos (20,06%), entre quatro e seis anos (14,51%), e participantes que praticam a modalidade entre dois e quatro anos (6,07%). Além disso, quando questionados sobre o maior nível de competição já disputada na carreira, 34,30% responderam que tinham experiência em competições internacionais, 38,26% disputaram competições de níveis nacionais, enquanto 22,48% participaram de competições estaduais e apenas 5,01% disputaram somente competições de níveis regionais.

Instrumentos

Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros

Os atletas responderam a terceira versão da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros, após a revisão realizada por ocasião do estudo voltado à adequação do instrumento ao público-alvo e as avaliações feitas pelos juízes especialistas, composta por 81 itens.

Questionário sociodemográfico

Os participantes também responderam à um questionário sociodemográfico que identificou as características da amostra de acordo com sua idade, gênero, nível acadêmico, estado em que nasceu, estado em que treina, tipo de vínculo federativo e identificação da federação esportiva, tempo de prática da modalidade, nível competitivo mais alto disputado durante a carreira, data da última competição e data da próxima competição a ser disputada.

Para os participantes com deficiência, além dessas perguntas, também foi questionada qual era a deficiência do participante, se era congênita ou adquirida e há quanto tempo ele tinha a deficiência no grau de funcionalidade que ele apresentava no momento da pesquisa.

Procedimentos

Após a submissão e aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas (CAAE 47846921.0.0000.5481), as pesquisadoras entraram em contato com instituições esportivas (clubes e associações) para realizar o convite de participação dos atletas vinculados à instituição. Ao aceitar a participação na pesquisa, as instituições assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido da Instituição (Anexos 2) e, em seguida, foram feitos os convites para que os atletas que representavam as instituições participassem da pesquisa. Além disso, também foram feitos convites diretamente a atletas independentemente da instituição esportiva pela qual competiam.

Os convites aos atletas foram feitos de maneira presencial, quando possível, e *on-line* quando não houve a possibilidade da presença da pesquisadora devido à distância geográfica. Em ambos os casos, a coleta de dados foi realizada de forma computadorizada, através de um *link* que dava acesso a uma página contendo os objetivos da pesquisa e, quando o atleta aceitava participar, clicando nessa opção, o direcionamento a uma segunda página era feito. O formulário da pesquisa foi desenvolvido no *Microsoft Forms*, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 7) e pelos instrumentos utilizados nesse momento da pesquisa (Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros e Questionário Demográfico).

No caso de atletas menores de idade, as pesquisadoras entraram em contato previamente com os pais e/ou responsáveis pelo atleta e, apenas após a aprovação desses responsáveis e aceitação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido para Pais e/ou Responsáveis por Atletas Menores de 18 anos (Anexo 9), os atletas foram contatados e convidados a participarem

da pesquisa. Os atletas que aceitavam participar da pesquisa, após o consentimento dos seus responsáveis, precisavam ler e aceitar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas menores de 18 anos (Anexo 8).

Análise de Dados

Após a coleta de dados foi construído um banco contendo as respostas de todos os participantes. Este banco de dados foi analisado através do *software* estatístico JASP para atender aos objetivos do presente estudo. Considerando-se a existência de um modelo teórico que embasou o desenvolvimento dos itens da escala, as fontes de autoeficácia da Teoria Social Cognitiva de Bandura, o procedimento da análise fatorial confirmatória foi selecionado para investigar a estrutura interna da escala.

Tal procedimento visa avaliar a adequação do modelo hipotetizado teoricamente, o qual usualmente é conduzido considerando-se os índices *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker Lewis Index* (TLI), *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR). Foram adotados, como critérios para a adequação do modelo, as recomendações de Peixoto e Martins (2021): CFI e TLI iguais ou maiores do que 0,90 e RMSEA e SRMR inferiores a 0,08.

A precisão dos fatores por consistência interna foi avaliada através do $\hat{\Omega}$ McDonald. A escolha por esse método se deu devido aos itens que compõem a escala não apresentarem uma curva normal de distribuição (teste de Shapiro-Wilk com variações de 0,430 a 0,843 e $p < 0,001$). Para a referência de interpretação dessa avaliação foram seguidas as orientações de Béland et al. (2017), os quais afirmam que os resultados da precisão de consistência interna calculada através do $\hat{\Omega}$ McDonald são considerados aceitáveis quando $\geq 0,70$.

Resultados

Inicialmente, realizou-se uma análise fatorial confirmatória com os 81 itens da escala buscando uma solução composta por quatro fatores que condiziam às fontes de autoeficácia tal como o modelo teórico de Bandura, utilizado como base para a construção do instrumento; sendo eles ‘experiências diretas de domínio’, ‘experiências vicárias’, ‘persuasão verbal’ e ‘estados fisiológicos e emocionais’. Entretanto, apesar dos índices de ajustes se mostrarem adequados ($\chi^2 = 3537,045$ e $p = <0,001$ / CFI = 0,991 / TLI = 0,991 / SRMR = 0,065 / RMSEA = 0,018 e $p = 1,00$), com objetivo de melhorar tais ajustes e as cargas fatoriais encontradas nessa primeira avaliação, optou-se pela exclusão de cinco itens que apresentaram cargas fatoriais negativas. Tais itens estão apresentados na Tabela 9.

Tabela 9.

Itens que apresentaram cargas fatoriais negativas na avaliação da Análise Fatorial Confirmatória.

<i>Fator</i>	<i>Itens</i>	<i>Std. Error</i>	<i>z-value</i>	<i>p</i>	<i>Carga Fatorial</i>
Fator 2	76. Piorar meu rendimento ao notar meus que meus parceiros de treino estão melhores que eu	0,07	-1057	0,29	-0,054
Fator 4	11. Deixar de fazer novos movimentos em treinos quando estou apreensivo(a) ou nervoso(a)	0,073	-1288	0,198	-0,075
Fator 4	20. Competir mal por estar nervoso(a)	0,075	-2603	0,009	-0,159
Fator 4	28. Ficar desmotivado(a) com a rotina de treinos	0,078	-3234	0,001	-0,194
Fator 4	32. Me estressar com a rotina de treinos	0,075	-2241	0,025	-0,133

Após a exclusão desses cinco itens, os resultados da análise fatorial confirmatória indicaram índices de ajustes ainda mais adequados ($\chi^2 = 2495,721$, $p = 0,99$; CFI = 1,000; TLI = 1,006; SRMR = 0,062; RMSEA = 0,000, $p = 0,99$). Por este motivo, optou-se por manter a escala com 76 itens. A estrutura fatorial dessa versão da escala está apresentada na Tabela 10.

É importante destacar que o conteúdo de alguns itens foi omitido devido à questão relacionada aos direitos autorais, sendo substituído pelo seu número.

Tabela 10.

Estrutura fatorial da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros

<i>Fator</i>	<i>Itens</i>	<i>Std. Error</i>	<i>z-value</i>	<i>P</i>	<i>Carga Fatorial</i>
Fator 1	2. Encarar adversários que já venci anteriormente	0,038	3.951	< ,001	0,267
	3.	0,057	5.821	< ,001	0,318
	12. Fazer treinos novos	0,049	7.688	< ,001	0,529
	16.	0,034	10.629	< ,001	0,544
	17. Fazer o aquecimento pré-treino	0,042	6.243	< ,001	0,374
	21.	0,033	6.281	< ,001	0,41
	25. Suplementar após o treino	0,062	4.859	< ,001	0,238
	35.	0,043	5.873	< ,001	0,402
	39. Me preparar para o treino	0,038	12.395	< ,001	0,658
	40.	0,045	5.411	< ,001	0,473
	49. Me hidratar corretamente após os treinos	0,042	7.216	< ,001	0,361
	54.	0,036	8.838	< ,001	0,565
	55.	0,039	8.257	< ,001	0,54
	58. Enfrentar novos adversários	0,033	8.142	< ,001	0,551
	59.	0,031	13.220	< ,001	0,655
	62.	0,045	6.594	< ,001	0,514
	70. Cuidar da minha alimentação após o treino	0,048	5.375	< ,001	0,319
	74.	0,033	7.310	< ,001	0,448
	79. Cumprir com os treinos técnicos	0,045	6.700	< ,001	0,613
Fator 2	4. Aprender coisas novas quando vejo meus colegas treinando	0,045	9.643	< ,001	0,52
	7.	0,052	8.584	< ,001	0,497
	10. Aprimorar as habilidades esportivas ao perceber como meus colegas treinam	0,045	10.625	< ,001	0,584
	22.	0,04	10.432	< ,001	0,563
	26.	0,048	8.241	< ,001	0,477
	33. Aprender novas técnicas observando meus colegas treinarem	0,046	12.574	< ,001	0,669
	36.	0,05	10.176	< ,001	0,682
	42. Melhorar meu desempenho ao treinar com pessoas com rendimento superior ao meu	0,054	7.014	< ,001	0,587
	44.	0,053	8.865	< ,001	0,459
	47. Aprender novas táticas observando meus colegas treinarem	0,04	13.454	< ,001	0,632
	50.	0,037	13.681	< ,001	0,651
	56.	0,042	12.080	< ,001	0,628
	60.	0,033	13.252	< ,001	0,63
	64. Melhorar meu rendimento observando outros profissionais	0,039	11.601	< ,001	0,732
	67.	0,042	13.310	< ,001	0,697
	71. Aprender novas técnicas tendo acesso à vídeos	0,048	10.186	< ,001	0,636
	72.	0,041	13.138	< ,001	0,677
	78. Aprimorar meu desempenho assistindo antigas competições minhas	0,052	9.769	< ,001	0,567
	80.	0,04	9.482	< ,001	0,449

	30.	0,039	10.149	< ,001	0,541
Fator 3	14.	0,038	9.532	< ,001	0,485
	19. Colocar em prática as orientações do meu preparador físico	0,039	6.828	< ,001	0,482
	24.	0,043	8.067	< ,001	0,607
	29. Melhorar meu desempenho após orientação de dirigentes/coordenadores da equipe	0,032	12.562	< ,001	0,561
	31.	0,045	8.600	< ,001	0,648
	34. Fazer com excelência os treinos físicos quando o preparador físico me elogia	0,037	8.709	< ,001	0,458
	41.	0,042	8.061	< ,001	0,653
	43. Ter mais autoconfiança se o(a) treinador(a) me elogia	0,038	8.537	< ,001	0,448
	45.	0,047	11.383	< ,001	0,513
	46. Executar tudo o que meu/minha treinador(a) pede	0,047	9.667	< ,001	0,569
	51.	0,047	7.110	< ,001	0,438
	52.	0,051	6.989	< ,001	0,56
	63. Notar que notícias publicadas sobre mim influenciam positivamente a maneira de eu competir	0,057	7.714	< ,001	0,418
	65.	0,041	7.312	< ,001	0,362
	66. Cumprir as orientações verbais passadas na preleção (orientações que o(a) treinador(a) passa antes da competição)	0,031	12.054	< ,001	0,609
	69.	0,037	9.586	< ,001	0,633
	73. Desempenhar melhor quando percebo a confiança que o treinador tem em mim	0,036	6.348	< ,001	0,412
	81.	0,062	5.758	< ,001	0,338
	9.	0,034	11.038	< ,001	0,484
	5. Fazer algo novo quando sou incentivado(a) pelos meus colegas de treino	0,039	7.816	< ,001	0,406
Fator 4	1. Competir com motivação	0,045	5.774	< ,001	0,508
	6.	0,052	9.328	< ,001	0,55
	8. Ter emoções positivas durante os treinos	0,05	9.849	< ,001	0,588
	13. Ficar tranquilo(a) em estreia de campeonato	0,062	7.818	< ,001	0,443
	15.	0,053	8.814	< ,001	0,618
	18. Treinar com motivação	0,059	7.547	< ,001	0,625
	27.	0,053	10.760	< ,001	0,534
	37.	0,046	7.630	< ,001	0,638
	48. Ficar atento durante os treinos táticos	0,038	10.029	< ,001	0,602
	53.	0,047	10.561	< ,001	0,625
	57. Sentir emoções positivas durante as competições	0,052	7.126	< ,001	0,546
	61.	0,057	6.461	< ,001	0,555
	68. Fazer meu treino com disposição	0,053	6.761	< ,001	0,614
	75. Estar atento(a)/focado(a) para competir	0,052	7.241	< ,001	0,694
	77.	0,044	12.014	< ,001	0,546
	23. Descansar entre os treinos	0,065	4.883	< ,001	0,303
	38.	0,047	12.159	< ,001	0,643

A estrutura fatorial apresentada na Tabela 10 mostra que o Fator 1 (Experiências Diretas de Domínio), ficou composto por 19 itens com cargas fatoriais entre 0,238 (item ‘suplementar após o treino’) e 0,658 (item ‘me preparar para o treino’). Já o Fator 2 (Experiências Vicárias), contempla 20 itens com cargas fatoriais entre 0,449 (item ‘melhorar nos treinamentos físicos

quando estou acompanhado de outros atletas) e 0,732 (item ‘melhorar meu rendimento observando outros profissionais’).

Também sendo composto por 20 itens, o Fator 3 (Persuasão Verbal) apresentou cargas fatoriais entre 0,362 (item ‘ser influenciado pelos feedbacks do meu treinador’) e 0,653 (item ‘colocar em prática as orientações do(a) meu(minha) treinador(a)’). Já o Fator 4 (Estados Fisiológicos e Emocionais), sofreu a exclusão de quatro itens que tinham carga fatorial negativa e ficou composto por 17 itens na versão final. Dentre estes itens, o de menor carga fatorial (0,303) foi o ‘descansar entre os treinos’, e o de maior carga fatorial (0,694) foi ‘estar atento(a)/focado(a) para competir’.

No que se refere à investigação da precisão por consistência interna avaliada através do Ômega McDonald, é possível dizer que todos os três fatores apresentaram satisfatórios índices de precisão (Fator 1 = 0,82; Fator 2 = 0,92; Fator 3 = 0,87; Fator 4 = 0,88), valores considerados aceitáveis para esse método de avaliação de precisão.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi analisar evidências de validade com base na estrutura interna da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros e avaliar a precisão do instrumento. Pode-se dizer que a hipótese inicial foi atendida, pois as cargas fatoriais do instrumento são adequadas, o agrupamento dos itens está de acordo com o modelo de quatro fatores utilizado como base para a redação destes e a precisão por consistência interna também está adequada. Portanto, considera-se que o objetivo da investigação foi atingido e que o instrumento tem bons índices de evidência de validade interna.

O modelo teórico utilizado para a construção dos itens foi o da Teoria Social Cognitiva de Bandura (1986, 1997). De acordo com essa teoria, a crença de autoeficácia de um indivíduo é elaborada ao longo de sua vida através de quatro fontes, sendo elas, experiências diretas de

domínio, experiências vicárias, persuasão verbal e estados fisiológicos e emocionais (Bandura, 1997). Tais fontes serviram como base para a distinção dos quatro fatores da escala durante a criação dos itens.

Uma vez que os itens foram construídos baseando-se em uma teoria psicológica (Teoria Social Cognitiva), optou-se pelo uso da análise fatorial confirmatória para avaliar a estrutura interna do instrumento, através da investigação das correlações entre as variáveis observadas por meio das variáveis latentes subjacentes que se acreditava que poderiam prever a autoeficácia esportiva de atletas brasileiros (Franco et al., 2017). Quando verificado que os índices de ajustes eram adequados, de acordo com os critérios de Peixoto e Martins (2021), a decisão tomada foi manter o modelo de quatro fatores inicialmente teorizado.

Apesar da amplitude encontrada entre as cargas fatoriais dos itens da escala (entre 0,238 e 0,732), optou-se por manter todos os itens a priori para que futuras investigações de propriedades psicométricas pudessem auxiliar na decisão de exclusão de itens. Essa decisão foi tomada também pela singularidade da estrutura fatorial do presente instrumento quando comparado com outros instrumentos utilizados para a investigação da autoeficácia, uma vez que, aparentemente, não há instrumentos no contexto esportivo que confirmaram a Teoria Social Cognitiva em suas estruturas internas.

A Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV), validada por Machado (2013), por exemplo, foi adaptada para a população brasileira e baseada na Teoria Social Cognitiva. Apesar disso, os quatro fatores que compõem tal escala são denominados com outros constructos psicológicos que estão associados à autoeficácia, sendo tais fatores “autoeficácia generalizada”, “autoestima”, “lôcus de controle” e “neuroticismo”. Já a Escala de Autoeficácia no Voleibol, validada por Machado (2018) e construída baseada na teoria de Albert Bandura, apresenta três fatores relacionados às habilidades esportivas necessárias para o jogo de voleibol. Os três fatores foram denominados de “autoeficácia esportiva no voleibol” (que correspondia a

aspectos gerais da autoeficácia), “autoeficácia defensiva” (com itens relacionados à aspectos defensivos da modalidade) e “autoeficácia ofensiva” (itens que investigavam autoeficácia em habilidades ofensivas).

Dentre os instrumentos localizados na literatura esportiva brasileira, o que apresentou agrupamento de itens mais similar ao encontrado no instrumento da presente tese foi a Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI), validada por Silva et al. (2015). Nesta escala, os autores elaboraram itens que investigavam habilidades para dança e sua apresentação para o público e, através da análise fatorial exploratória, encontraram dois fatores, um relacionado à “autoeficácia física” e outro à “autoeficácia psicológica”. Apesar de ser uma escala bifatorial, quando avaliados os itens da AEBAI, é possível encontrar relações com as quatro fontes de autoeficácia especificada por Bandura (1997).

Em outros contextos de atuação profissional do psicólogo, como no ambiente organizacional, na área da saúde e na área da educação, também é possível encontrar estudos de validades psicométricas de instrumentos que investiguem autoeficácia, que são elaborados a partir da teoria de Albert Bandura, mas que também apresentam fatores relacionados às áreas de atuação em questão e não às fontes de autoeficácia. Na área organizacional é possível citar a adaptação à população brasileira da Escala de Autoeficácia Ocupacional frente ao Adoecimento Laboral, validada por Luna e Gondim (2022), que encontrou três fatores sendo eles, autoeficácia sobre capacidade de completar tarefas, manejar afetos e obter suporte social.

Já na área da saúde, pode-se trazer como exemplo a Escala de Autoeficácia de Gestantes na Síndrome Hipertensiva da Gravidez, construída e validada por Thuler e Wall (2021), que apresentou sete fatores, todos relacionados aos cuidados de saúde física e social (“tratamento medicamentoso”, “assistência pré-natal”, “intervenção baseada no senso comum”, “entendimento das recomendações com apoio familiar”, “estilo de vida”, “intervenção dietética” e “cuidado de si”). No contexto organizacional foi encontrada a adaptação e validação

da Escala de Autoeficácia para Autorregulação da Escrita realizada por Emilio et al. (2020), que, assim como a versão original validada para estudantes universitários norte-americanos, apresentou uma solução unifatorial.

Através da comparação com as outras escalas que avaliam autoeficácia tanto no esporte quanto em outros contextos, é possível inferir que, apesar da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura ser a base teórica para se investigar esse constructo na maioria dos instrumentos, as fontes de autoeficácia identificadas nessa teoria (Bandura, 2011) não se confirmam, da forma como são apresentadas, nos estudos empíricos e nos instrumentos desenvolvidos, tanto no contexto nacional quanto internacional. De modo geral, aproximações com o modelo são confirmadas, mas não exatamente da forma como o modelo teórico classifica as fontes de autoeficácia. Por esse motivo, reforça-se a importância e singularidade do presente instrumento elaborado nesta tese, uma vez que foi o único encontrado que conseguiu identificar o modelo teórico das fontes de autoeficácia.

Para que sejam eficazes na investigação do construto alvo, os itens do instrumento devem contemplar conteúdo baseados no domínio a ser investigado para o funcionamento da tarefa, ou seja, envolver “o conhecimento do domínio da atividade específica e quais aspectos da eficácia pessoal devem ser medidos” (Bandura, 2006c, p. 310). Apesar da importância de os itens dos instrumentos estarem focados no conhecimento do domínio da atividade a ser investigada, é necessário ressaltar que, dentre os itens que obtiveram maiores cargas fatoriais mais altas na análise fatorial confirmatória, a maioria está relacionada às fontes de experiências vicárias e aspectos fisiológicos e emocionais, o que permite inferir que estas sejam as fontes importantes a serem investigadas no contexto esportivo.

No caso aqui apresentado, buscou-se a aplicação dos domínios da teoria de Bandura ao contexto do esporte, baseando-se na hipótese que, ao se perceberem capazes de obter sucesso em suas atividades, os indivíduos, conseqüentemente, tendem a apresentar melhores níveis de

desempenho quando comparados àqueles que não possuem crenças de autoeficácia positivas (Fajardo, 2021). Ainda de acordo com a autora, por se constituir em um construto dinâmico e passível de mudança, a autoeficácia pode ser abordada no contexto esportivo, visando favorecer o desenvolvimento de um tipo de enfrentamento positivo dos desafios inerentes ao esporte.

No entanto, de acordo com a literatura, é possível dizer que as fontes de autoeficácia podem variar de importância a depender da modalidade esportiva a ser investigada e da faixa etária dos atletas (Anstiss et al., 2018). Enquanto Butt et al. (2018) afirmam que a experiência direta de domínio é a fonte que mais influencia um atleta de alto rendimento, Saville e Bray (2016) ressaltam que, durante a iniciação esportiva, as fontes vicárias e persuasão verbal influenciarão de maneira mais significativa na crença de autoeficácia. Diante dessas diferenças, se faz necessária a investigação mais aprofundada da relação da predominância das fontes de experiência vicária e estados fisiológicos e emocionais com variáveis sociodemográficas, o que será feito no Estudo 5 da presente tese.

Por ora, é possível enfatizar que, no esporte de alto rendimento, quando um atleta observa outra pessoa cumprindo uma tarefa que lhe é desafiadora, a tendência é que ele aumente sua percepção na capacidade de persistir e acabe por desafiar a si mesmo para ter resultados semelhantes e/ou superiores aos de seus colegas (Bandura, 1997; Corbett et al., 2012) fazendo das experiências vicárias uma importante fonte de autoeficácia nesse contexto. Já sobre a importância dos estados fisiológicos e emocionais, é possível inferir que são energizantes ou debilitantes dependendo de como o atleta interpreta as emoções vividas por ele durante a prática esportiva (Valiante & Moris, 2013). Anstiss et al. (2018) ressaltam ainda que a autopercepção de estados fisiológicos tende a ter muita importância em modalidades que exijam elevados esforços físicos para se competir.

Por fim, é importante ressaltar um diferencial na presente escala: a presença de atletas com deficiência na amostra dos participantes. Dentre os sete instrumentos com evidências de

validade encontrados para avaliar a autoeficácia no contexto esportivo na população brasileira (Carmo, 2006; Correa, 2009; Machado, 2013, 2018; Paes, 2014; Pesca, 2013; Silva et al., 2015), nenhum tinha atletas com deficiência em sua amostra de pesquisa. Tal constatação confirma Fajardo (2021), a qual, após revisão de literatura, verificou que o estudo das variáveis psicossociais de atletas paralímpicos, especialmente autoeficácia, ainda é pouco abordada, sendo raros os instrumentos válidos para avaliação desse aspecto.

Tanto o paradesporto (qualquer modalidade esportiva praticada por pessoa com deficiência) quanto o esporte paralímpico (conjunto de modalidades esportivas que integram o programa dos Jogos Paralímpicos), tem apresentado desenvolvimentos importantes nas últimas décadas (Bertoldi et al., 2018). É possível notar esse avanço tanto através do crescimento de recursos financeiros direcionados para o Comitê Paralímpico Brasileiro para a realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016 (Carneiro et al., 2021), quanto no aumento do interesse do público brasileiro em geral, que se mostrou mais interessado em conhecer as regras e funcionamento dos esportes paralímpicos após o Brasil sediar os Jogos Paralímpicos em 2016 (Brandolin & Barreto, 2020).

Além do crescente interesse sobre o paradesporto, é possível afirmar que a prática da atividade física realizada por pessoas com deficiência pode promover saúde, bem-estar, motivação (De Freitas et al., 2021), equilíbrio, consciência corporal, organização de esquema corporal, orientações temporal e espacial, coordenação motora (Almeida & Silva, 2009; Campani et al., 2010) e integração social. Permite ainda que a pessoa com deficiência tenha relação social com demais pessoas deficientes e se identifique com limitações e desafios diários semelhantes aos seus (Brazuna & Castro, 2001; Gorla & De Almeida, 2007). Tal situação permite inferir que essa convivência e a prática de atividades esportivas também pode promover o aumento da crença de autoeficácia positiva e autonomia nesse grupo de atletas (Arruda, 2006; Bandura, 1997; Campani et al., 2010).

No que tange à avaliação psicológica de pessoas com deficiência, uma das hipóteses que justifique a escassez de instrumentos com evidências de validade para a população de atletas com deficiência são os impasses e desafios encontrados nas etapas do processo de construção e/ou adaptação do instrumento relacionados ao público com deficiência (Campos & Oliveira, 2019). Isso porque, durante o processo de construção do instrumento deve-se considerar as características decorrentes das deficiências a serem investigadas para que haja segurança nos resultados decorrentes do processo de avaliação durante o uso deste instrumento. É importante também usar materiais de fácil manuseio para tal público, diminuindo, assim, a possibilidade de erro na avaliação (Campos & Nakano, 2014).

Quando o instrumento se propõe a investigar mais de um tipo de deficiência, é necessário, durante a construção desse instrumento, considerar não apenas a deficiência em si, mas sim as minuciosidades e variações de cada uma das deficiências que se quer abranger como público-alvo a ser investigado pelo instrumento (ITC, 2001). Além disso, durante o processo de validação deste instrumento, o pesquisador também deve ter amostras representativas de cada uma dessas deficiências (Pacico, 2015), o que gera um desafio ainda maior para o pesquisador.

Ressalta-se que, no presente instrumento, os diferentes tipos e graus de deficiências foram incluídas na amostra, de modo a contemplar seus níveis e variações de acordo com as funcionalidades dos atletas paralímpicos (Brandolin & Barreto, 2020). No entanto, sabe-se que uma limitação do presente estudo se refere ao número, aparentemente baixo de participantes com deficiência. Entretanto, se comparado a proporção de pessoas com deficiência na população brasileira em geral, apenas 23,9% dos brasileiros são considerados deficientes (Cortes, 2021); logo, a proporção da amostra do presente estudo entre atletas com e sem deficiência pode ser considerada uma representação da parcela de pessoas com deficiência no

país. Não foram encontradas estimativas da percentagem de deficientes que praticam esportes a nível competitivo.

Além de avaliar a validade interna do instrumento, o presente estudo também se propôs a investigar os índices de precisão da escala aqui construída. Os resultados indicaram que todos os fatores da escala apresentaram satisfatórios índices de precisão, confirmando a recomendação da literatura científica (Béland et al., 2017).

Estudo 4 - Evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados

As evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados investigam padrões de correlações entre diferentes instrumentos psicométricos (Berberian, 2022). Para realizar tal análise, o pesquisador deve se basear em outros estudos empíricos e premissas teóricas para escolher qual constructo psicológico pode ser comparado com o constructo a ser avaliado (Freitas & Damásio, 2017). Essa evidência de validade é verificada a partir da comparação do resultado do instrumento que está sendo investigado com outros que avaliam construtos diferentes, mas teórica e empiricamente relacionados (CFP, 2018). Esse foi o tipo de validade investigado no presente estudo.

Pasquali (2009) enfatiza que esse tipo de validade deve envolver a comparação com testes que já tiveram suas propriedades psicométricas investigadas. Utilizando testes com evidências de validade anteriormente analisadas e encontrando correlações significativas na direção e magnitude esperada previamente, sendo que, de acordo com a Resolução 09/2018 do CFP (2018), correlações a partir de 0,20 servem como indicador de validade de que ambos os instrumentos se encontram associados conforme a hipótese levantada.

Objetivo

Analisar evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados para a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros.

Hipótese

Os resultados apresentam correlações positivas e de magnitude adequada (igual ou maior do que 0,20) entre os resultados dos três instrumentos, sugerindo convergência entre os constructos investigados (autoeficácia, saúde mental positiva e motivação).

Método

Participantes

Participaram 117 atletas, todos homens, com idades entre 13 e 20 anos ($M = 16,39$; $DP = 1,90$). A maioria desses atletas estava realizando algum curso acadêmico, sendo que 26,50% cursavam o ensino fundamental, 47,86% cursavam o ensino médio e um participante estava fazendo um curso universitário no momento da coleta. Dentre os atletas que não estavam mais estudando, um dos garotos havia terminado o ensino fundamental e outros 23,93% tinham o ensino médio completo.

Na amostra do presente estudo, houve representantes nascidos em todas as regiões do Brasil, com predominância de atletas nascidos na região sudeste (64,96%), seguidos pelas regiões nordeste (24,79%), centro-oeste (5,13%), sul (4,27%) e norte (0,85%). Já sobre a região em que os participantes treinam atualmente, apareceram apenas as regiões sudeste (99,15%) e nordeste (0,85%). A quantidade de participantes de acordo com os estados que nasceram e os estados em que treinam atualmente pode ser observada na Tabela 10.

Tabela 11.

Estados em que os atletas nasceram e treinam atualmente.

Estado em que nasceu	n	%	Estado em que treina	n	%
<i>Sudeste</i>	76	64,96	<i>Sudeste</i>	116	99,15
Espírito Santo	1	0,85	Espírito Santo	-	-
Minas Gerais	7	5,98	Minas Gerais	-	-
Rio de Janeiro	6	5,13	Rio de Janeiro	-	-
São Paulo	62	52,99	São Paulo	116	99,15
<i>Nordeste</i>	29	24,79	<i>Nordeste</i>	1	0,85

Alagoas	2	1,71	Alagoas	-	-
Bahia	14	11,97	Bahia	-	-
Ceará	1	0,85	Ceará	1	0,85
Maranhão	2	1,71	Maranhão	-	-
Paraíba	2	1,71	Paraíba	-	-
Pernambuco	4	3,42	Pernambuco	-	-
Piauí	-	-	Piauí	-	-
Rio Grande do Norte	2	1,71	Rio Grande do Norte	-	-
Sergipe	2	1,71	Sergipe	-	-
<i>Norte</i>	<i>1</i>	<i>0,85</i>	<i>Norte</i>	-	-
Acre	-	-	Acre	-	-
Amapá	-	-	Amapá	-	-
Amazonas	-	-	Amazonas	-	-
Pará	1	0,85	Pará	-	-
Rondônia	-	-	Rondônia	-	-
Roraima	-	-	Roraima	-	-
Tocantins	-	-	Tocantins	-	-
<i>Centro-Oeste</i>	<i>6</i>	<i>5,13</i>	<i>Centro-Oeste</i>	-	-
Distrito Federal	3	2,56	Distrito Federal	-	-
Goiás	2	1,71	Goiás	-	-
Mato Grosso	1	0,85	Mato Grosso	-	-
Mato Grosso do Sul	-	-	Mato Grosso do Sul	-	-
<i>Sul</i>	<i>5</i>	<i>4,27</i>	<i>Sul</i>	-	-
Paraná	1	0,85	Paraná	-	-
Rio Grande do Sul	2	1,71	Rio Grande do Sul	-	-
Santa Catarina	2	1,71	Santa Catarina	-	-

Todos os participantes competiam modalidades coletivas, sendo que, dos 117 participantes, 98,29% eram atletas de futebol e, dentre os outros dois atletas restantes, um deles praticava futsal e, o outro, basquete. Sobre o tempo de experiência de prática competitiva nessas modalidades, a maioria dos atletas competia há mais de 10 anos (37,61%), seguidos por atletas que competiam entre oito e 10 anos (27,35%), atletas que competiam entre seis e oito anos (23,08%), participantes que competiam entre quatro e seis anos (7,69%), e atletas que competiam entre dois e quatro anos (4,27%).

Quanto ao nível competitivo que esses atletas já haviam disputado, a maioria já tinha participado de competições internacionais (49,57%), seguido por atletas que disputaram

competições de nível nacional (34,19%), atletas que participaram de competições de níveis estaduais (13,68%) e atletas que só tinham disputado competições regionais (2,56%).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O mesmo utilizado e descrito no Estudo 3 da presente tese.

Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros

Foi utilizada a versão descrita no estudo 3 da presente tese, com 76 itens, agrupados em quatro fatores, os quais representam as fontes de autoeficácia: experiências diretas de domínio, experiências vicárias, persuasão verbal e estados fisiológicos e emocionais (Bandura, 1997).

Escala de Saúde Mental Positiva (Machado & Bandeira, 2015)

Trata-se de um instrumento de autorrelato que avalia a saúde mental positiva através de 14 itens. A versão original da escala apresentava uma estrutura composta por três fatores (bem-estar emocional, bem-estar social e bem-estar psicológico), além de uma pontuação total. Na versão brasileira, os itens são agrupados em um único fator, que corresponde à saúde mental positiva.

Os itens que compõe o instrumento são frases afirmativas e os respondentes devem informar sobre como têm se sentido durante o último mês através de uma escala do tipo *Likert* de seis pontos (sendo 1= nunca e 6 = todos os dias). Para avaliar as propriedades psicométricas durante a validação para a população brasileira, a versão adaptada por Machado e Bandeira (2015) foi investigada fazendo-se uso da análise fatorial exploratória, análise de rede e teoria de resposta ao item, cujos resultados indicaram a adequação da versão.

Escala de Motivação para o Esporte - II - SMS-II (Nascimento Junior et al., 2014)

Este instrumento, traduzido e com investigação de evidências de validade para a população brasileira feitas por Nascimento Junior et al. (2014) se propõe a avaliar a motivação de atletas brasileiros através de um instrumento de autorrelato. A escala é composta por 18 itens que são divididos em seis grandes fatores, sendo eles, regulação intrínseca, regulação integrada, regulação identificada, regulação introjetada, regulação externa e desmotivação, compostos por três itens cada.

Os itens são frases que justificam o motivo da prática esportiva e o respondente deve, em uma escala do tipo *Likert* de sete pontos, responder o quão cada um dos itens correspondem com o motivo pelo qual ele pratica esporte (sendo 1 = não corresponde totalmente e 7 = corresponde completamente). O processo de validação psicométrica do instrumento foi realizado através de análises voltadas à investigação das evidências de validade com base no conteúdo e evidências de validade com base na estrutura interna, sendo avaliada por uma análise fatorial confirmatória. Além disso, os autores também investigaram a confiabilidade interna do instrumento utilizando o Alpha de Cronbach.

Procedimentos

Foram utilizados os mesmos procedimentos descritos no Estudo 3 da presente tese.

Análise dos Dados

Após a coleta de dados, foi construído um banco de dados com a tabulação das respostas de todos os participantes. Este banco de dados foi analisado através do *software* estatístico JASP para atender aos objetivos do presente estudo. Para avaliar as evidências de validade baseada na relação com variáveis externas do tipo convergente, os escores obtidos em cada uma das dimensões dos três instrumentos foram correlacionados utilizando o teste de correlação de

Spearman. Optou-se por esse tipo de correlação uma vez que o teste de normalidade de Shapiro-Wilk apresentou uma distribuição não paramétrica ($p < 0,001$). Também foi analisada a média e desvio padrão das respostas dadas pelos participantes a cada uma das dimensões avaliadas pelos instrumentos utilizados.

No presente estudo, foi utilizado o padrão de classificação de acordo com Dancey et al. (2017), os quais afirmam que coeficientes entre $r=0,10$ e $r=0,39$ são considerados fracos; coeficientes entre $r=0,40$ e $r=0,69$ são considerados moderados; coeficientes entre $r=0,70$ e $r=0,99$ são considerados fortes e os coeficientes $r=1,00$ considerados perfeitos. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$.

Resultados

Após a tabulação das respostas dos participantes, os três instrumentos foram avaliados separadamente e calculadas as médias e desvios padrão para cada uma das dimensões avaliadas em todos os instrumentos, conforme apresentado na Tabela 12.

Tabela 12.

Média e desvio padrão para as dimensões avaliadas nos três instrumentos.

<i>Instrumento</i>	<i>Dimensão</i>	<i>n de itens por dimensão</i>	<i>Escore Bruto Mínimo</i>	<i>Escore Bruto Máximo</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Autoeficácia	Exp. Diretas de Domínio	19	19	95	93,21	5,66
	Exp. Vicárias	20	20	100	89,03	8,92
	Persuasão Verbal	20	20	100	91,86	6,20
	Estados Fis. e Emo.	17	17	85	77,23	5,80
SMS-II	Regulação Intrínseca				19,05	2,52
	Regulação Integrada				18,97	2,54
	Regulação Identificada	3	3	21	18,01	3,44
	Regulação Introjetada				16,68	3,42
	Regulação Externa				9,17	4,37
	Desmotivação				5,33	3,63
Saúde Mental Positiva	B. E. Geral	14	14	84	66,31	8,73

Pode-se verificar, na Tabela 12, que o desempenho médio dos participantes na medida de autoeficácia se aproxima muito mais da pontuação máxima de cada dimensão. O mesmo acontece em relação a Saúde Mental Positiva e no SMS-II e, com exceção da regulação externa e desmotivação.

Após a estimativa da estatística descritiva para cada uma das dimensões, foram realizados os testes de correlação de Spearman entre as dimensões da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros com os demais instrumentos utilizados. Tais resultados estão apresentados na Tabela 13.

Tabela 13.

Correlações de Spearman entre as dimensões da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros e a Escala de Motivação para o Esporte II e Escala de Saúde Mental Positiva.

<i>Variável</i>	<i>Exp. Diretas de Domínio</i>	<i>Exp. Vicárias</i>	<i>Persuasão Verbal</i>	<i>Estados Fis. e Emo.</i>
Exp. Diretas de Domínio	-	-	-	-
Exp. Vicárias	0,642**	-	-	-
Persuasão Verbal	0,734**	0,778**	-	-
Estados Fis. e Emo.	0,722**	0,629**	0,662**	-
Regulação Intrínseca	0,312**	0,385**	0,350**	0,488**
Regulação Integrada	0,367**	0,393**	0,450**	0,403**
Regulação Identificada	0,381**	0,540**	0,475**	0,453**
Regulação Introjetada	0,203*	0,205*	0,264*	0,233*
Regulação Externa	0,018	0,116	0,140	0,059
Desmotivação	0,043	0,063	0,056	0,007
B. E. Geral	0,285*	0,356**	0,353**	0,407**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Conforme pode ser observado na Tabela 13, quando correlacionadas as dimensões da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros, os coeficientes foram moderados ou fortes (de $r = 0,629$ a $r = 0,778$), apresentando correlações positivas e significativas ($p < 0,001$) entre as quatro dimensões do instrumento. Da mesma forma, quando comparadas as dimensões

avaliadas nos instrumentos de autoeficácia e de saúde mental positiva (Bem-estar Geral), as correlações também foram positivas e significativas ($p < 0,05$); no entanto, as magnitudes dessas correlações foram menores, podendo ser classificadas de fracas a moderadas (de $r = 0,285$ a $r = 0,407$). Dentre as dimensões avaliadas na escala de autoeficácia, a que apresentou correlação mais forte com o 'bem-estar geral' foi a 'estados fisiológicos e emocionais' ($r = 0,407$, $p < 0,001$).

Quando comparadas as dimensões dos instrumentos de autoeficácia e de motivação, nota-se que há correlações positivas entre todas as dimensões avaliadas, sendo significativas as correlações entre as quatro dimensões de autoeficácia e as regulações intrínseca, integrada, identificada e introjetada. Já as dimensões 'regulação externa' e 'desmotivação' tiveram correlações fracas e não significativas com as dimensões de autoeficácia.

Ressalta-se que, apesar de apresentar uma correlação positiva e significativa com todas as dimensões de autoeficácia, a dimensão 'regulação introjetada' foi a quem obteve coeficientes de correlação mais baixos, sendo todos eles considerados fracos (de $r = 0,203$ a $r = 0,264$). Ainda comparando os dois instrumentos, a correlação entre as dimensões 'experiências vicárias' e 'regulação identificada' foi a que apresentou o maior coeficiente, sendo possível afirmar que a correlação entre essas duas dimensões é classificada como moderada ($r = 0,540$).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados. Para isso, os escores da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros foram comparados com os escores da Escala de Saúde Mental Positiva e da Escala de Motivação para o Esporte - II - SMS-II. Pode-se dizer que os objetivos foram atingidos, confirmando a hipótese inicial (de que há correlações positivas e significativas, de magnitude igual ou maior do que $r = 0,20$, entre o instrumento construído e as escalas, de modo

a confirmar o valor indicado como recomendado pela Resolução 09/2018 do CFP (2018). De acordo com tal documento, correlações a partir de 0,20 servem como indicador de validade de que ambos os instrumentos se encontram associados conforme a hipótese levantada.

A maior parte das dimensões dos instrumentos apresentou correlações significativas, confirmando a hipótese inicial, baseada na literatura científica, segundo a qual, se faz presente relação positiva entre os constructos da autoeficácia e motivação (Bandura, 1997, 2021; Pajares, 2003). Independentemente do domínio, a pesquisa desenvolvida por Schunk (2008) mostra que a autoeficácia ajuda a prever a motivação e o desempenho e estudos que testam modelos causais destacam o importante papel desempenhado pela autoeficácia, de modo que seus resultados podem servir de base para programas de educação e treinamento.

A autoeficácia, compreendida como o grau de crença de um indivíduo sobre se ele ou ela pode realizar uma tarefa específica com sucesso, é uma variável que tem uma relação positiva com o desempenho atlético por vários estudos (Singh et al., 2009).

A escolha de um modelo positivo ou, no caso do esporte, um atleta que é admirado pode trazer um efeito positivo, auxiliando na criação de expectativas de competências em tarefas nunca tentadas antes, fortalecendo o sucesso em um campo específico, motivam e inspiram novos comportamentos para estabelecer metas, comportamentos que, por sua vez, servem como uma forte motivação mental para o sucesso (Lee et al., 2021). A autoavaliação em um ambiente esportivo pode ser um aspecto essencial para a construção de autoeficácia no atleta adolescente, de maneira que o encorajamento aos atletas na realização de uma autoavaliação, promove maior motivação intrínseca, aumento da confiança e autoeficácia, além da redução do *burnout* entre eles (Knight, 2020).

Os resultados também confirmaram a existência de correlações positivas e significativas entre a autoeficácia e quatro tipos de regulação (intrínseca, integrada, introjetada e identificada). Tais dados vão ao encontro daqueles relatados na literatura científica, segundo a qual, a

motivação se relaciona com a autoeficácia uma vez que esta última atua como preditor de comportamento humano e, quando o sujeito acredita que pode fazer algo, a tendência é que ele se sinta mais motivado na execução da tarefa (Azzi & Polydoro, 2006; Bandura, 1982). De modo geral, a autoeficácia envolveria a crença do indivíduo em suas próprias capacidades para mobilizar motivação, além de recursos cognitivos e cursos de ação necessário para ter sucesso nas ações que se envolve (Fajardo, 2021).

A motivação é considerada um construto multidimensional que engloba um estado ou condição que nos desperta para a ação, dirigindo o nosso comportamento e envolvimento em certas atividades (Ribeiro et al., 2022). Além disso, pode -se dizer que os resultados aqui encontrados eram considerados esperados porque, de acordo com Bandura (1991), a autoeficácia é uma variável de origem cognitiva que atua como função motivacional, visto que a percepção que o indivíduo possui sobre suas capacidades afeta, de forma direta, seu nível de motivação.

A Teoria da Autodeterminação, utilizada como base para a construção da Escala de Motivação para o Esporte – II, defende que a recompensa extrínseca não é a única forma de motivar uma pessoa, sendo, muitas vezes, até prejudicial para a motivação intrínseca do sujeito a existência de uma recompensa criada e mantida pelo ambiente em que esse sujeito se encontra (Fiorese et al., 2022). Talvez, isso explique o fato de a ‘regulação introjetada’, apesar de ter correlações significativas com as dimensões de autoeficácia, tenha apresentado os menores coeficientes de correlação. Ribeiro et al. (2022) explicam que a regulação introjetada implica na realização de uma determinada atividade que não se enquadra nos valores do indivíduo, apesar de ser adotada como forma de aprovação social, manutenção do próprio orgulho ego e evitar sentimentos de vergonha ou culpa. Dessa forma, os autores afirmam que esse tipo de regulação está relacionado com motivação extrínseca.

Outro tipo de regulação também relacionado com a motivação extrínseca é a ‘regulação identificada’, que descreve a realização de uma tarefa diante do reconhecimento da relevância pessoal de uma atividade, de modo a levar o indivíduo a sua realização voluntária (Ribeiro et al., 2022). Este tipo de regulação, apesar de extrínseca, gera uma motivação autônoma, pois faz com que a pessoa se identifique com o valor de uma atividade e a integre em seu senso de identidade (Decy & Ryan, 2008).

Dessa forma, é possível compreender melhor o fato de a correlação entre a ‘regulação identificada’ e a dimensão de ‘experiências vicárias’ apresentarem o maior coeficiente encontrado entre as correlações das dimensões de motivação e autoeficácia. Isso porque, ao observar a ação do outro e acreditar que é capaz de também fazê-la, o sujeito passa a identificar essa ação em sua capacidade pessoal e pode integrá-la no seu senso de identidade. Barella et al. (2022), afirmam que há uma existência de associação significativa entre o apoio recebido de colegas e o aumento da confiança de outros atletas para definir metas e superar barreiras, sendo que os pares exercem influência ao fornecer modelos, experiências indiretas, reforço e *feedback*.

Também se faz importante discutir a ausência de correlação significativa entre os fatores avaliados no instrumento aqui construído e os fatores de regulação externa e desmotivação. Tal resultado pode ser explicado devido ao fato de a regulação externa só justificar o envolvimento do sujeito com alguma atividade por razões ambientais, querer escapar de alguma punição ou ganhar alguma recompensa (Inácio et al., 2021). Conseqüentemente, esse tipo de regulação não teria relação com a autoeficácia, uma vez que este constructo se encontra intimamente relacionado com a autorreflexão e autorregulação (Bandura, 2006a, 2008). Ou seja, há uma autoavaliação por parte do sujeito, não havendo uma relação automatizada entre a autoeficácia e o ambiente externo. Da mesma forma, a desmotivação, que representa uma falta completa de intenção por parte do sujeito em realizar alguma tarefa (Rodrigues et al., 2019), não poderia ser relacionada de maneira significativa com a autoeficácia, visto que esta última se encontra

relacionada, diretamente, com a vontade e o esforço da pessoa em realizar algo (Cook & Artino Jr., 2016).

A relação da autoeficácia com a saúde mental positiva também foi investigada e demonstrou resultados positivos e significativos. O fato de a autoeficácia ser um preditor de comportamento e um constructo que exerce influência nos esquemas cognitivos das pessoas (Bandura, 1986) faz com que tal construto possa atuar como mediador entre o contexto ambiental em que a pessoa está e sua saúde mental (Lima & Souza, 2021). A autoeficácia percebida é considerada um recurso positivo, que pode ser considerado um fator de proteção contra alguns transtornos como depressão e ansiedade (Xu & Du, 2021), sendo também compreendida como sinônimo de bem-estar (Keyes & Lopez, 2002).

Resultados semelhantes aos aqui encontrados foram relatados em outras investigações que se propuseram a investigar a relação da autoeficácia e a saúde mental em contextos diferentes do esporte. Em sua pesquisa de revisão da literatura sobre o envelhecimento saudável, Martinez et al. (2018) encontraram trabalhos que apresentam correlações positivas entre autoeficácia e saúde mental em idosos. Gaio (2018) avaliou o efeito da autoeficácia como mediadora de saúde mental em adultos, encontrando uma correlação positiva entre autoeficácia e saúde mental. Já Lima e Souza (2021) afirmam que a autoeficácia parental é mediadora de saúde mental de mães com crianças com síndrome da Zika congênita. De acordo com os resultados aqui apresentados, pode-se dizer que a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros apresentou correlações significativas com a motivação e a saúde mental, demonstrando satisfatórias evidências de validade baseadas em testes que avaliam construtos relacionados.

Estudo 5 – Investigação da influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala

Além das evidências de validade, outra importante qualidade psicométrica se refere à normatização dos instrumentos, a qual permite que o resultado de um examinando, usualmente o resultado bruto, possa ser interpretado de forma uniforme e contextualizada (Amorim, 2022; Muniz & Freitas, 2017). Ou seja, o escore bruto precisa ser compreendido dentro de uma norma para que este adquira sentido, de modo a indicar a posição que o indivíduo ocupa no traço medido pelo teste, além de comparar seu desempenho com outras pessoas, usualmente uma amostra chamada normativa (Amorim, 2022).

De acordo com a autora, essa referência é composta por uma amostra representativa da população de interesse, considerando indivíduos que apresentam características sociodemográficas semelhantes à do público-alvo. A interpretação dos escores com base em normas possibilita identificar, dentro da distribuição normativa, em que ponto o resultado daquele sujeito se localiza em comparação à população normativa (Muniz & Freitas, 2017).

O processo de normatização comumente é uma das últimas etapas do processo de construção de um instrumento, devendo ser realizado após a obtenção de uma versão final do teste e a investigação de diversas fontes de evidências de validade e precisão. Após os resultados positivos relatados nos estudos apresentados anteriormente na presente tese, essa etapa foi explorada de forma inicial.

De maneira mais comum, os valores de conversão dos escores brutos para outra medida padronizada, mais comumente resultado padronizado ou percentil, são determinados a partir da investigação da influência de variáveis sociodemográficas tais como gênero, idade, escolaridade, região do país ou outra variável que o pesquisador julgar relevante (Muniz &

Freitas, 2017). É importante, segundo as autoras, que tais categorias sejam baseadas em fundamentos teóricos ou empíricos que indiquem a existência de diferença entre os grupos.

Portanto, este estudo teve como objetivo investigar a influência de variáveis sociodemográficas que podem influenciar os resultados dos atletas no instrumento, a saber, gênero, nível de escolaridade, modalidade esportiva praticada, nível de competição já disputada, tempo de prática na modalidade, região geográfica em que o participante treina atualmente e se o atleta tem ou não alguma deficiência. Os dados serão usados como base para a elaboração futura das tabelas normativas.

Objetivo

Investigar a influência de variáveis sociodemográficas no desempenho dos sujeitos na Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros.

Hipótese

Espera-se que os resultados obtidos apontem para uma não discriminação entre os grupos a serem investigados e que a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros possa ser utilizada por atletas com diferentes características sociodemográficas.

Método

Participantes

Os participantes desse estudo foram os mesmos do Estudo 3.

Instrumentos

Os atletas responderam a quarta versão da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros (com 76 itens) e ao Questionário Sociodemográfico utilizado no Estudo 3 da presente tese.

Procedimentos

Também foram realizados os mesmos procedimentos descritos no Estudo 3.

Análise dos Dados

Após a coleta de dados, foi construído um banco de dados com a tabulação das respostas de todos os participantes. Este banco de dados foi analisado através do software estatístico JASP para atender aos objetivos do presente estudo. Foram feitas análises descritivas de média e desvio padrão para cada um dos grupos.

Após a análise descritiva, para identificar as diferenças entre as médias dos grupos quando havia apenas dois grupos a serem comparados (por exemplo, gênero) foi utilizado o teste de Mann-Whitney, adotando o nível de significância de $p < 0,05$, dado o fato da distribuição da amostra não ser normal. Para identificar o tamanho do efeito para esta análise, foi utilizada a correlação bisserial, comumente empregada na investigação de variáveis dicotômicas. A interpretação foi baseada na recomendação de Espírito-Santo e Daniel (2015), segundo os quais, um valor menor do que 0,20 indica um efeito irrelevante, pequeno no intervalo entre 0,20 e 0,49, moderado no intervalo entre 0,50 e 0,79 e grande a partir de 0,80.

Já para verificar se havia diferença discriminante entre variáveis que contemplavam mais de dois grupos (por exemplo: modalidade praticada, nível de escolaridade, dentre outras) foi realizada a análise univariada da variância (ANOVA) em cada um dos fatores do instrumento, com objetivo de identificar em qual destes fatores havia diferença discriminante entre os grupos sociodemográficos investigados. O η^2 ao quadrado foi utilizado para calcular

o tamanho do efeito; assim, foram considerados magnitudes pequenas de efeito com $\eta^2 < 0,01$; magnitudes médias quando $\eta^2 = 0,02$ a $0,07$ e magnitudes grandes quando $\eta^2 > 0,8$ (Cohen, 1988).

Resultados

Inicialmente a influência do gênero dos participantes foi investigada. Os resultados são apresentados na Tabela 14, a qual contempla tanto a estatística descritiva quanto o teste de diferença de médias.

Tabela 14.

Resultados do teste de Mann Whitney de acordo com os gêneros dos participantes.

<i>Dimensão</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>p</i>	<i>Rank bisserial</i>																										
Exp. Diretas de Domínio	Feminino	86,12	5,76	4.978,50	0,333	-0,103																										
	Masculino	86,86	6,54				Exp. Vicárias	Feminino	87,46	8,81	5.184,50	0,536	-0,066	Masculino	87,93	10,11	Persuasão Verbal	Feminino	89,87	7,61	5.178,50	0,529	-0,067	Masculino	90,45	7,99	Estados Fis. e Emo.	Feminino	72,00	8,71	4.241,50	0,027*
Exp. Vicárias	Feminino	87,46	8,81	5.184,50	0,536	-0,066																										
	Masculino	87,93	10,11				Persuasão Verbal	Feminino	89,87	7,61	5.178,50	0,529	-0,067	Masculino	90,45	7,99	Estados Fis. e Emo.	Feminino	72,00	8,71	4.241,50	0,027*	-0,236	Masculino	75,50	7,84						
Persuasão Verbal	Feminino	89,87	7,61	5.178,50	0,529	-0,067																										
	Masculino	90,45	7,99				Estados Fis. e Emo.	Feminino	72,00	8,71	4.241,50	0,027*	-0,236	Masculino	75,50	7,84																
Estados Fis. e Emo.	Feminino	72,00	8,71	4.241,50	0,027*	-0,236																										
	Masculino	75,50	7,84																													

* $p < 0,05$

De acordo com a Tabela 14, apenas a dimensão ‘estados fisiológicos e emocionais’ da Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros apresentou diferença significativa entre os gêneros, sendo que os homens apresentaram média superior às mulheres ($p = 0,027$). O tamanho do efeito é considerado pequeno (ranking bisserial = -0,236). Diante desse resultado, pode-se afirmar que a escala aqui apresentada pode ser adequadamente utilizada para comparar o

resultado de homens e mulheres em três de suas quatro dimensões, sendo necessária diferenciação de tabela normativa em somente em uma delas.

A segunda análise buscou investigar diferenças entre o grupo de atletas com deficiência (n=24) e sem deficiência (n=355). Os resultados são apresentados na Tabela 15 e indicaram que não houve diferença significativa de acordo com o critério ter ou não deficiência em nenhuma das dimensões avaliadas pela escala. Os tamanhos dos efeitos foram irrelevantes e/ou pequenos (ranking bisserial de -0,171 a -0,223), os quais, associados ao valor de p não significativo, aponta para desempenho semelhante entre os grupos, de modo que não se fazem necessárias tabelas normativas separadas por grupo em relação à deficiência.

Tabela 15.

Resultados do teste de Mann-Whitney de acordo com os participantes com e sem deficiência.

<i>Dimensão</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>p</i>	<i>Rank bisserial</i>
Exp. Diretas de Domínio	Não deficiente	86,71	6,37	3.462,50	0,124	-0,187
	Deficiente	88,08	7,94			
Exp. Vicárias	Não deficiente	87,77	9,83	3.442,50	0,115	-0,192
	Deficiente	89,75	12,40			
Persuasão Verbal	Não deficiente	90,31	7,76	3.309,50	0,067	-0,223
	Deficiente	91,70	10,58			
Estados Fis. E Emo.	Não deficiente	75,09	7,97	3.533,50	0,162	-0,171
	Deficiente	76,87	7,84			

*p<0,05

Em seguida, para verificar se havia diferença entre as médias dos fatores do instrumento para variáveis com mais de dois grupos (escolaridade, região que treinam, nível competitivo, modalidade esportiva e tempo de prática), a análise univariada da variância (ANOVA) foi aplicada. Os resultados dessas análises estão apresentados nas Tabelas 16, 17, 18 e 19 divididos de acordo com os fatores do instrumento.

Tabela 16.

Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Experiências Diretas de Domínio

<i>Critério sociodemográfico</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>η²</i>
Escolaridade	Ensino Médio Completo	86,36	7,10	0,444	0,818	0,006
	Ensino Médio cursando	86,97	6,13			
	Fundamental completo	87,50	4,79			
	Fundamental cursando	87,21	6,32			
	Graduação Cursando	85,70	7,08			
	Graduação ou Pós-graduação Completa	88,57	5,50			
Região que treina	Centro-Oeste	92,23	2,04	1,857	0,117	0,019
	Nordeste	88,42	6,46			
	Norte	89,26	5,29			
	Sudeste	86,66	6,56			
	Sul	84,44	4,57			
Nível competitivo	Estadual	86,14	6,95	1,53	0,206	0,012
	Internacional	87,73	6,34			
	Nacional	86,51	6,18			
	Regional	85,52	7,14			
Modalidade esportiva	Coletivas	86,77	6,39	0,466	0,706	0,004
	Individuais	86,12	5,81			
	Paradesportivas	88,08	7,94			
	Combate	85,89	6,46			
Tempo de prática na modalidade	De 6 a 10 anos	87,00	6,13	3,500	0,031*	0,018
	Entre 2 e 6 anos	85,14	7,36			
	Mais de 10 anos	87,51	6,22			

*p<0,05

De acordo com os dados apresentados na Tabela 16, houve influência estatisticamente significativa no fator ‘Experiências Diretas de Domínio’ apenas no critério sociodemográfico ‘tempo de prática na modalidade’ ($p = 0,031$), sendo que os atletas com mais de dez anos de

experiência esportiva apresentaram médias mais elevadas. Sobre as magnitudes do efeito, nota-se que esse fator apresentou magnitudes pequenas.

O mesmo tipo de análise foi conduzido em relação ao fator “Experiências Vicárias”, apresentado na Tabela 17.

Tabela 17.

Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Experiências Vicárias

<i>Critério sociodemográfico</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>η²</i>
Escolaridade	Ensino Médio Completo	88,53	10,08	1,288	0,268	0,017
	Ensino Médio cursando	88,19	9,37			
	Fundamental completo	96,53	2,88			
	Fundamental cursando	86,27	11,48			
	Graduação Cursando	86,33	9,62			
	Graduação ou Pós-graduação Completa	89,85	8,59			
Região que treina	Centro-Oeste	93,89	4,49	1,376	0,242	0,015
	Nordeste	91,86	8,40			
	Norte	92,00	6,98			
	Sudeste	87,61	10,13			
	Sul	86,53	10,76			
Nível competitivo	Estadual	88,28	10,08	0,5342	0,662	0,004
	Internacional	87,12	11,38			
	Nacional	88,49	8,62			
	Regional	86,94	9,80			
Modalidade esportiva	Coletivas	87,68	9,92	0,488	0,691	0,004
	Individuais	87,25	10,19			
	Paradesportivas	89,75	12,40			
	Combate	89,47	8,26			
	De 6 a 10 anos	87,68	9,72	0,695	0,500	0,004

Tempo de prática na modalidade	Entre 2 e 6 anos	87,06	11,82
	Mais de 10 anos	88,66	9,19

* $p < 0,05$

Os resultados não indicaram a influência significativa dos critérios sociodemográficos avaliados no fator ‘Experiências Vicárias’, e os tamanhos dos efeitos apresentaram magnitudes pequenas. Desse modo não se faz necessário que tabelas normativas desse fator sejam apresentadas contemplando as variáveis analisadas. Resultados semelhantes (não há diferença significativa entre os critérios avaliados) foram encontrados na ANOVA realizada para investigar o fator ‘Persuasão Verbal’, conforme apresentado na Tabela 18.

Tabela 18.

Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Persuasão Verbal

<i>Critério sociodemográfico</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>η^2</i>
Escolaridade	Ensino Médio Completo	90,17	8,21	1,644	0,148	0,022
	Ensino Médio cursando	90,73	7,76			
	Fundamental completo	94,75	2,63			
	Fundamental cursando	91,02	6,73			
	Graduação Cursando	86,66	11,04			
	Graduação ou Pós-graduação Completa	91,71	5,79			
Região que treina	Centro-Oeste	94,42	2,51	1,698	0,150	0,018
	Nordeste	91,00	9,02			
	Norte	93,73	4,44			
	Sudeste	90,31	7,93			
	Sul	86,23	12,12			
Nível competitivo	Estadual	91,23	8,14	0,727	0,537	0,006
	Internacional	89,80	8,73			

	Nacional	90,61	7,11			
	Regional	89,21	7,82			
Modalidade esportiva	Coletivas	90,20	7,72	0,974	0,405	0,008
	Individuais	88,87	9,41			
	Paradesportivas	91,70	10,58			
	Combate	92,84	7,60			
Tempo de prática na modalidade	De 6 a 10 anos	90,69	7,29	0,609	0,544	0,003
	Entre 2 e 6 anos	89,52	9,08			
	Mais de 10 anos	90,56	8,08			

* $p < 0,05$

Por fim, quando avaliado se havia diferença entre os critérios sociodemográficos para o fator ‘Estados Fisiológicos e Emocionais’, encontrou diferença estatisticamente significativa apenas entre os grupos do critério ‘tempo de prática na modalidade’ ($p = 0,004$), sendo superiores as médias dos grupos em que estavam atletas com mais de 6 anos de experiência esportiva. Sobre os tamanhos do efeito, os critérios ‘escolaridade’ e ‘tempo de prática’ apresentaram magnitudes médias de efeito e, enquanto os demais, apresentaram magnitudes pequenas, como pode ser observado na Tabela 19.

Tabela 19.

Resultados da Análise Univariada de Variância (ANOVA) para variáveis sociodemográficas no fator Estados Fisiológicos e Emocionais

<i>Critério sociodemográfico</i>	<i>Grupos</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>η^2</i>
Escolaridade	Ensino Médio Completo	75,35	7,90	1,623	0,153	0,021
	Ensino Médio cursando	75,07	8,31			
	Fundamental completo	78,00	4,24			
	Fundamental cursando	76,20	7,20			
	Graduação Cursando	71,59	8,28			
	Graduação ou Pós-graduação Completa	77,85	6,23			

	Centro-Oeste	80,00	4,24			
	Nordeste	80,87	5,84			
Região que treina	Norte	77,63	8,00	1,504	0,200	0,016
	Sudeste	74,94	8,06			
	Sul	75,34	5,13			
	Estadual	74,78	9,45			
Nível competitivo	Internacional	75,82	7,82	0,569	0,636	0,005
	Nacional	74,77	7,37			
	Regional	76,15	6,15			
	Coletivas	75,22	8,02			
Modalidade esportiva	Individuais	70,25	7,22	1,399	0,243	0,011
	Paradesportivas	76,87	7,84			
	Combate	74,84	7,08			
	De 6 a 10 anos	75,62	7,29			
Tempo de prática na modalidade	Entre 2 e 6 anos	72,57	10,39	5,683	0,004*	0,029
	Mais de 10 anos	76,21	6,79			

*p<0,05

De modo geral, os resultados indicaram que a maior parte das variáveis investigadas não apresentou influência significativa nos quatro fatores da escala. As diferenças entre as medias foram encontradas apenas em relação ao gênero e presença de deficiência no fator “estados fisiológicos e emocionais” e de tempo de prática no fator “experiências diretas de domínio”. As variáveis nível de escolaridade, modalidade esportiva praticada, nível de competição já disputada e região geográfica em que o participante treina atualmente não influenciaram, significativamente, nenhum dos resultados nos fatores da escala.

Discussão

O presente estudo teve, como objetivo, investigar a influência de variáveis sociodemográficas no resultado na Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros, a saber, gênero, nível de escolaridade, modalidade esportiva praticada, nível de competição já

disputada, tempo de prática na modalidade, região geográfica em que o participante treina atualmente e se o atleta tem ou não alguma deficiência.

Pode-se dizer que o objetivo do estudo foi alcançado, uma vez que a análise permitiu identificar quais desses critérios apresentavam influência nos fatores da escala. Os resultados confirmaram, parcialmente, a hipótese inicial de que não haveria diferenças significativas decorrentes das variáveis investigadas. Desse modo, os resultados, de maneira geral, apontam que o instrumento pode ser utilizado na avaliação de atletas com diferentes características sociodemográficas.

No momento em que o objetivo e a hipótese inicial foram definidos para o presente estudo, acreditou-se que poderia ser uma hipótese difícil de ser alcançada, uma vez que os instrumentos de autoeficácia, para serem válidos e terem seus resultados fidedignos, não pode ser generalista, mas, ao mesmo tempo, devem abarcar todas as demandas entre os diferentes níveis da tarefa avaliada pelo instrumento (Bandura, 2006c). Em outras palavras, o instrumento precisaria abranger realidades de diferentes modalidades esportivas e, ao mesmo tempo, conseguir se específico. Além disso, os instrumentos que avaliam esse constructo devem compreender e levar em consideração o fato de a autoeficácia ser cíclica, ou seja, construída de acordo com a história de vida, experiências e relações sociais de cada um dos sujeitos avaliados (Bandura, 1982). Por esse motivo mostrou-se importante a análise das variáveis sociodemográficas selecionadas no presente estudo.

O processo de normatização, estipulado pelo Conselho Federal de Psicologia (2018) para que os testes sejam considerados aprovados para uso profissional envolve a necessidade de que características importantes da amostra de normatização (por exemplo, sexo, escolaridade e região geopolítica) sejam consideradas durante a composição dessa amostra. A resolução que regulamenta o Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (Resolução CFP 09/2018) considera que o estudo normativo deve contemplar, pelo menos, participantes provenientes de

uma região geopolítica brasileira, com mínimo de 500 participantes. No estudo aqui apresentado tem-se uma amostra composta por 379 atletas.

Nesse sentido, apesar de ser necessária uma amostra mais robusta para realizar a normatização da escala aqui construída, era possível imaginar que seria desafiador conseguir fazer um único instrumento que fosse capaz de avaliar tantas diferenças sociodemográficas como pretendeu-se abranger durante toda a construção e validação da presente escala; atletas de diferentes locais do país, praticantes de diversos tipos de modalidade e com experiências esportivas competitivas distintas, além de abranger atletas com e sem deficiência. Uma amostra com tal diversidade em suas características não foi encontrada em outros instrumentos com evidências de validade para a população esportiva brasileira (Carmo, 2006; Correa, 2009; Machado, 2013, 2018; Paes, 2014; Pesca, 2013; Silva et al., 2015), o que é uma lacuna e, ao mesmo tempo, empecilho para psicólogos que trabalham no contexto esportivo avaliarem a autoeficácia de seus atletas. Por isso a motivação para se construir um instrumento mais abrangente.

Com uma amostra tão diversificada, apesar de não adequada em termos de número de participantes para o estabelecimento das tabelas normativas finais do instrumento, os resultados aqui apresentados devem ser considerados iniciais e exploratórios. A ampliação da amostra poderá exercer influência em alguns dos dados apresentados, sendo que, no momento, com o banco de dados analisado, as tabelas normativas poderão ser construídas para a amostra geral, com exceção de gênero e presença de deficiência no fator “estados fisiológicos e emocionais” e de tempo de prática no fator “experiências diretas de domínio”, as quais precisarão ser específicas, dada a significância estatística encontrada.

Em relação ao tempo de prática, foi possível verificar diferenças significativas, de modo que participantes com mais tempo de prática apresentaram médias maiores que participantes com menos tempo de prática. Tal resultado também foi relatado por Carmo (2006) durante a

validação da Escala de Autoeficácia para Voleibol. O pesquisador verificou que atletas com mais tempo de prática também possuíam melhores percepções de desempenho e eficácia quando comparados com atletas com menos tempo de prática no voleibol.

Ambos os resultados podem ser explicados não apenas pelo tempo de prática, mas sim pelo tipo de experiências que o esporte proporciona para as pessoas que têm mais tempo de prática. Bandura (1986) afirma que a quantidade de tempo de prática por si só não afeta a força da autoeficácia. Segundo o autor, para isso aconteça, a experiência da pessoa precisa ter sido positiva e gratificante durante esse tempo. A partir dessa afirmação, Venditti Junior et al. (2022) enfatizam a importância da qualidade do ambiente esportivo de alto rendimento e do envolvimento das pessoas que dão suporte ao atleta para auxiliarem na melhora de suas crenças negativas e comportamentos voltados para o rendimento, promovendo momentos de prazer durante treinos e competições.

Outro critério que demonstrou diferença significativa entre as médias de autoeficácia foi o gênero dos participantes, no fator ‘estados fisiológicos e emocionais’, sendo que a média dos homens foi superior à das mulheres. Da mesma forma como no presente estudo, durante o processo de validação da escala de eficácia de treinamento para treinadores brasileiros, Pesca (2013) encontrou diferença significativa entre homens e mulheres na dimensão da eficácia da construção do caráter, relacionada à percepção do treinador sobre sua capacidade de influência na maturidade pessoal dos atletas pelos quais ele é responsável, bem como nas atitudes positivas. Apesar de serem fatores diferentes, é possível notar similaridades entre a “construção do caráter”, investigada na escala de eficácia de treinamento, e a ‘estados fisiológicos e emocionais’, uma vez que esta fonte foi considerada na construção dos itens que compõe ‘construção de caráter’.

Os demais critérios investigados no presente estudo (se o atleta possui deficiência ou não, modalidades esportivas, nível esportivo, escolaridade e região geográfica em que treinava

no momento da avaliação) não apresentaram influência significativa nos fatores que compõem o instrumento construído. No entanto, algumas percepções relacionadas a diferenças entre os grupos, apesar de não significativas, são interessantes e merecem ser destacadas.

O primeiro desses destaques é para a diferença das médias entre os paratletas e os atletas que não tinham deficiência. Os paratletas apresentaram médias superiores aos atletas sem deficiência em todos os fatores investigados na escala. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que a prática esportiva por pessoas com deficiência pode auxiliar no desenvolvimento de diversos aspectos como culturais, físicos, motores, sociais e emocionais (Campos & Alves, 2019). Inclusive, foi observado, a partir da segunda metade do século XX, um movimento de incentivo às pessoas com deficiência a praticarem atividade física para terem melhores adaptações à sociedade (Turan et al., 2021). Dessa forma, a prática esportiva em indivíduos com deficiência influencia na motivação, qualidade de vida, persistência e esforço (Campos & Alves, 2019) e, conseqüentemente, na autoeficácia, que se relaciona positivamente com todos esses constructos (Bandura, 2012; Cook & Artino Jr., 2016).

Os paratletas também mantiveram a maior média dentre os grupos criados no critério “modalidade esportiva” (com exceção do fator ‘persuasão verbal). Uma vez apresentados os argumentos da importância da prática esportiva para o desenvolvimento das pessoas com deficiência (Campos & Alves, 2019; Turan et al., 2021), há um outro aspecto importante no esporte de alto rendimento que pode ter influenciado positivamente para este resultado. No esporte paralímpico, as modalidades esportivas são subdivididas de acordo com a funcionalidades dos atletas (Mello & Winckler, 2012). Essas subdivisões fazem com que, mesmo com os desafios de treinamento e pressões semelhantes ao esporte convencional, o esporte paralímpico acabe por ter mais possibilidades de medalha (Nascimento, 2021). Conseqüentemente, mais oportunidades de sensações de sucesso podem ser vividas através do

alcance de expectativas de resultado (Bandura, 2001), outro constructo relacionado positivamente com a autoeficácia (Schunk & DiBenedetto, 2019).

Apesar de não serem encontrados estudos que busquem analisar a relação entre nível de escolaridade e autoeficácia no esporte, e não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos aqui investigados, é possível compreender certa predominância de médias mais altas obtidas pelos grupos que já haviam terminado uma etapa acadêmica quando comparado com os grupos que ainda estavam estudando durante a coleta de dados. Isso porque, a motivação para finalizar os estudos, no caso de atletas, são compartilhadas com a motivação para a prática esportiva, de modo que, segundo Menezes (2020), momentos estressantes e desafiadores, presentes em ambos os contextos (acadêmico e esportivo) podem provocar uma queda da autoeficácia.

De maneira geral, os resultados aqui encontrados apontam para a utilização de uma única tabela de dados normativos, com exceção dos fatores ‘estados fisiológicos e emocionais’ para as variáveis gênero, presença de deficiência e tempo de prática e no fator ‘experiências diretas de domínio’ para tempo de prática na modalidade. Entretanto, ressalta-se, mais uma vez, que estes foram estudos iniciais para uma futura normatização, sendo necessária uma amostra mais ampla antes que a escala possa ser disponibilizada para uso profissional.

Capítulo 6

Considerações Finais

O estudo da autoeficácia é um dos temas centrais da Teoria Social Cognitiva, visto que é um constructo extremamente relacionado com a capacidade de autorreflexão e autoconhecimento do ser humano (Bandura, 1986). Além disso, por ser considerada um mediador de comportamentos e influenciar os esquemas cognitivos (Bandura, 1997), a autoeficácia está também diretamente relacionada com a motivação das ações humanas e com a persistência e esforço para as realizações de tarefas (Bandura, 2012; Rossi et al., 2020).

Uma vez identificada a influência da autoeficácia nas ações humanas, é possível dizer que, no contexto esportivo de alto rendimento, no qual o atleta precisa, diariamente, superar seus resultados e desempenhos (Angelo, 2019), a investigação e o cuidado com tal constructo em intervenções é essencial na psicologia esportiva (Weinberg & Gold, 2017). Apesar dessa importância, nota-se escassez de instrumentos com evidências de validade que tenham o objetivo de avaliar e mensurar a autoeficácia no contexto esportivo brasileiro.

Por esse motivo, a presente tese teve como objetivo geral desenvolver e verificar as propriedades psicométricas de uma Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros. Como objetivos específicos, pretendeu-se: (1) construir um instrumento baseado na literatura da Teoria Social Cognitiva sobre autoeficácia, (2) investigar evidências de validade de conteúdo do instrumento através da verificação da adequação do instrumento junto ao público-alvo em um estudo piloto e da análise feita por juízes especialistas, (3) verificar as evidências de validade com base na estrutura interna e precisão, (4) investigar as evidências de validade

baseadas em testes que avaliam construtos relacionados à autoeficácia e (5) avaliar a influência de variáveis sociodemográficas no resultado da escala.

Todo o processo de construção e os resultados dos estudos foram apresentados na tese. Tendo como embasamento teórico as quatro fontes de autoeficácia de acordo com a Teoria Social Cognitiva (Bandura, 1986, 1997), 84 itens foram criados, representando as dimensões Experiências Diretas de Domínio, Experiências Vicárias, Persuasão Verbal e Estados físicos e emocionais do sujeito. Mudanças foram feitas após as sugestões dadas pelos atletas que participaram do estudo piloto e dos juízes que avaliaram os itens.

A análise da estrutura interna indicou um agrupamento semelhante ao da teoria utilizada, sendo possível identificar quatro fatores no instrumento de acordo com as fontes de autoeficácia. A versão final do instrumento permaneceu com 76 itens e a precisão dos fatores por consistência interna mostrou-se adequada.

Novos estudos indicaram relações significativas da escala com os construtos relacionados à autoeficácia, a saber, motivação e saúde mental. Por fim, a influência de variáveis sociodemográficas nos resultados do instrumento foi avaliada e indicou sua adequação para uso em diferentes atletas, oferecendo bases para a elaboração das tabelas de normatização.

De maneira geral pode-se afirmar que, tanto o objetivo geral da presente tese como os objetivos específicos (divididos dentre os cinco estudos) foram atingidos satisfatoriamente, podendo afirmar que a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros possui propriedade psicométricas adequadas para o uso. Importante parte das qualidades psicométricas da escala foram investigadas na presente tese, de modo a contemplar, parcialmente, os requisitos exigidos pelo Conselho Federal de Psicologia para sua aprovação no Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI).

No futuro, pretende-se ampliar as análises de modo a contemplar os estudos psicométricos que ainda precisam ser conduzidos com o instrumento, incluindo a análise dos itens, condução de mais um estudo de investigação da precisão e ampliação da amostra normativa, de modo que os critérios para interpretação dos resultados de um atleta possam ser corretamente estimados e a escala possa ser disponibilizada para uso profissional. Almeja-se que, após a finalização dos estudos citados, a Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros seja o primeiro instrumento específico para avaliação no contexto do esporte, aprovado pelo SATEPSI.

É importante ressaltar que algumas limitações e dificuldades se fizeram presentes ao longo do processo, como, por exemplo, a pandemia da COVID-19 pode ter influenciado para um alto número de negativa de instituições esportivas para poder realizar a coleta de dados. Ao todo, houve negativa de sete instituições para a participação na pesquisa. Além disso, ressalta-se que a predominância de participantes do futebol e o número restrito de participantes em determinadas regiões brasileiras podem ser outra limitação do trabalho. A predominância da modalidade futebol se deu devido à pesquisadora trabalhar com esta modalidade e conhecer profissionais de diferentes clubes do Brasil que auxiliaram na coleta de dados.

No entanto, acredita-se que os resultados aqui relatados apontam positivamente para a futura contribuição que o instrumento pode trazer para a psicologia aplicada ao contexto esportivo, especialmente aos profissionais que atuam nessa área e para os atletas que poderão ser avaliados de forma válida e precisa. Isso porque, acredita-se que o instrumento consiga contribuir para elaboração de intervenções dos psicólogos esportivos, permitindo que estas sejam mais eficazes para atender às demandas encontradas por esses profissionais. Além disso, cientificamente, o instrumento pode propiciar avanços, tanto na psicologia do esporte quanto para a área da avaliação psicológica e construção de instrumentos no Brasil.

Referências

- Afonso, R. M. & Enumo, S. R. F. (2015). *Construção e validação de instrumentos psicológicos para bailarinos adolescentes*. Anais do V Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação.
- Aguilar, A. C. (2018). *A influência da autonomia, da motivação, da autoeficácia e da cultura no desempenho do indivíduo: um estudo em países ibero-americanos no segmento de TI*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura]. Repositório Institucional FUMEC. <https://repositorio.fumec.br/handle/123456789/129>
- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16, 3061-3068. <https://www.scielo.org/article/csc/2011.v16n7/3061-3068/>
- Alhadabi, A. & Karpinski, A. C. (2020). Grit, self-efficacy, achievement orientation goals, and academic performance in university students. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 519–535. <https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1679202>
- Almeida, M. O., & Silva, R. D. F. (2009). Atividade motora adaptada e desenvolvimento motor: possibilidades através das artes marciais para deficientes visuais. *Movimento & Percepção*, 10(14), 222-239.
- Almeida, M., Sousa, M. R. M. G. C. & Loureiro, H. M. A. M. (2019). Eficácia de um programa educacional baseado no empowerment na percepção de autoeficácia em utentes com diabetes. *Revista de Enfermagem Referência*, (22), 33-41. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV19037>
- Ambiel, R. A. M. & Noronha, A. P. P. (2012). *Escala de Auto-eficácia para escolha profissional*. Manual Técnico. Casa do Psicólogo

- Ambiel, R. A. M., & Carvalho, L. F. (2017). Definições e papel das evidências de validade baseadas na estrutura interna em psicologia. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 85-100). Vetor.
- Amorim, D. A. (2022). Normatização. In J. C. Borsa, M. R. C. Lins & H. L. R. S. da Rosa (Orgs.). *Dicionário de avaliação psicológica* (pp. 76-78). Vetor.
- Anderson, K. O., Dowds, B. N., Pelletz, R. E., Edwards, W. T. & Peeters-Asdourian, C. (1995). Development and initial validation of a scale to measure self-efficacy beliefs in patients with chronic pain. *Pain*, 63(1), 77-83. [https://doi.org/10.1016/0304-3959\(95\)00021-J](https://doi.org/10.1016/0304-3959(95)00021-J)
- Andrade, J. M. D., & Valentini, F. (2018). Diretrizes para a Construção de Testes Psicológicos: a Resolução CFP nº 009/2018 em Destaque. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 28-39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208890>.
- Andrade, J. M., Lima, K. S., Gouveia, V. V., Sales, H. F. S., Melo, É. F. & Asfora, V. F. O. (2018). Adaptação e validação da escala de autoeficácia no uso de preservativo em uma amostra brasileira. *Psico*, 49(2), 167-177. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6676603>
- Angelo, L. F. (2019). Esporte de alto rendimento como escolha profissional. In K. Rubio & J. A. O. Camilo (Orgs.), *Psicologia Social do Esporte* (pp. 139-152). Laços.
- Anstiss, P. A., Meijen, C., & Marcora, S. M. (2018). The sources of self-efficacy in experienced and competitive endurance athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1-17. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2018.1549584>
- Araújo, M. & Moura, O. (2011). Estrutura factorial da general self-efficacy scale (escala de auto-eficácia geral) numa amostra de professores portugueses. *Laboratório de Psicologia*, 9(1), 95-105. <https://doi.org/10.14417/lp.638>
- Arruda, S. M. C. P. (2006). *Percepções da auto-eficácia nas atividades de vida diária e qualidade de vida de estudantes com baixa visão ou cegueira* [Tese de Doutorado.

- Universidade Estadual de Campinas]. Banco de dados da Universidade Estadual de Campinas. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/369960>
- Aydin, Y. C., & Uzuntiryaki, E. (2009). Development and psychometric evaluation of the High school chemistry self-efficacy scale. *Educational and Psychological Measurement, 69*(5), 868-880. <http://doi.org/10.1177/0013164409332213>.
- Azzi, R. G. & Polydoro, S. A. J. (2006). Auto-eficácia proposta por Albert Bandura: algumas discussões. In R. G. Azzi & S. A. J. Polydoro (Orgs.), *Auto-eficácia em diferentes contextos* (pp. 9-24). Alínea.
- Balbim, G. M., Thon, R. A., Ferreira, R. M., & Vieira, L. F. (2015). Análise da autoeficácia e perfeccionismo em árbitros de natação do Brasil. *Caderno de Educação Física e Esporte, 13*, 1-11. <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/13594/9590>
- Bandura, A. (1983) – Self-evaluative and self-efficacy mechanisms governing the motivational effects of goal systems. *Journal of Personality and Social Psychology, 45*(5), 1017–1028. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.5.1017>
- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy Mechanism in Human Agency. *American Psychologist, 37*(2), 122-147. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.2.122>
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought & action: a social cognitive theory*. Pearson Education Company.
- Bandura, A. (1989). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology, 25*(5), 729–735. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.25.5.729>
- Bandura, A. (1989b). *Multidimensional Scales of Perceived self-efficacy*. APA Psyc Tests. <http://doi.org/10.1037/t06802-000>.
- Bandura, A. (1991). Human agency: The rhetoric and the reality. *American Psychologist, 46*(2), 157-162. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.2.157>

- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: the exercise of control*. Freeman.
- Bandura, A. (2000). *Exercise of human agency through collective efficacy*. *Current directions in psychological science*, 9(3), 75-78. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.00064>.
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual review of psychology*, 52(1), 1-26. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.1>
- Bandura, A. (2005). The primacy of self-regulation in health promotion. *Applied Psychology*, 54(2), 245-254. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2005.00208.x>
- Bandura, A. (2006a). Toward a psychology of human agency. *Perspectives on psychological science*, 1(2), 164-180. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2006.00011.x>
- Bandura, A. (2006b). Going global with social cognitive theory: From prospect to paydirt. In S. I. Donaldson, D. E. Berger, & K. Pezdek (Eds.), *Applied psychology: new frontiers and rewarding careers* (pp. 53-70). Lawrence Erlbaum Associates
- Bandura, A. (2006c). Guide for constructing self-efficacy scales. In F. Pajares & T. Urdan (Orgs.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 307-337). EUA: Information Age Publishing
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In S. Polydoro, R. G. Azzi & A. Bandura (Orgs.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. (pp. 15-41). Artmed.
- Bandura, A. (2010). Self-efficacy. In I. Weiner & W. Craighead (Eds.), *The Corsini Encyclopedia of Psychology* (pp.1-3). John Willey & Sons. <https://doi.org/10.1002/9780470479216.corpsy0836>
- Bandura, A. (2011). A social cognitive perspective on positive psychology. *Revista de Psicología Social*, 26(1), 7-20. <https://doi.org/10.1174/021347411794078444>
- Bandura, A. (2012). On the functional properties of perceived self-efficacy revisited. *Journal of Management*, 38(1), 9-44. <https://doi.org/10.1177/0149206311410606>

- Bandura, A., & Schunk, D. H. (1981). Cultivating competence, self-efficacy, and intrinsic interest through proximal self-motivation. *Journal of personality and social psychology*, *41*(3), 586. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.41.3.586>
- Bandura, A., Adams, N. E. & Beyer, J. (1977). Cognitive processes mediating behavioral change. *Journal of Personality and Social Psychology*, *35*(3), 125–139. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.3.125>
- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (2001). Self-efficacy beliefs as shapers of children's aspirations and career trajectories. *Child development*, *72*(1), 187-206. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00273>
- Barella, M. B., Ruiz, L. C. N., Portes, J. R. M., Pesca, A. D., & Cruz, R. M. (2022). Fontes de autoeficácia em paratletas de rugby. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, *26*(284), 27-41. <https://doi.org/10.46642/efd.v26i284.1892>
- Bartholomew, J. B., Loukas, A., Jowers, E. M. & Allua, S. (2006). Validation of the physical activity self-efficacy scale: Testing measurement invariance between Hispanic and Caucasian children. *Journal of Physical activity and Health*, *3*(1), 70-78. <https://doi.org/10.1123/jpah.3.1.70>
- Béland, S., Cousineau, D., & Loye, N. (2017). Utiliser le coefficient omega de McDonald à la place de l'alpha de Cronbach. *Revue des sciences de l'éducation de McGill*, *52*(3), 791-804. <https://doi.org/10.7202/1050915ar>
- Berberian, A. A. (2022) Validade de Critério. In J. C. Borsa, M. R. C., & Lins & H. L. R. S. da Rosa (Orgs.), *Dicionário de avaliação psicológica* (pp. 143-144). Vetor.
- Bertoldi, R., Begossi, T. D., Schmitt, B. D., & Mazo, J. Z. (2018). Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. *Motricidade. Ribeira de Pena*, *14*(S1), 254-262. <http://hdl.handle.net/10183/185999>

- Betz, N. E., Klein, K. L., & Taylor, K. M. (1996). Evaluation of a short form of the Career Decision-Making Self-Efficacy Scale. *Journal of Career Assessment*, 4, 47-58. <https://doi.org/10.1177/106907279600400103>
- Bosscher, R. J., & Smit, J. H. (1998). Confirmatory factor analysis of the general self-efficacy scale. *Behaviour research and therapy*, 36(3), 339-343. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00025-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00025-4)
- Brafford, L. J. & Beck, K. H. (1991). Development and validation of a condom self-efficacy scale for college students. *Journal of American College Health*, 39(5), 219-225. <https://doi.org/10.1080/07448481.1991.9936238>
- Brandolin, F. & Barreto, M. A. (2020). Movimento Paralímpico: um breve panorama. In. B. B. Seron & F. Brandolin (Orgs.), *Experiências no esporte paralímpico: um passo a favor da inclusão* (pp. 12-35). Instituto Benjamin Constant.
- Brazuna, M. R., & Castro, E. M. D. (2001). A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*, 7(2), 115-123. <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>
- Brown, D. J. & Fletcher, D. (2017). Effects of psychological and psychosocial interventions on sport performance: a meta-analysis. *Sports Medicine*, 47, 77-99. <http://doi.org/10.1007/s40279-016-0552-7>
- Brown, S. D., Lent, R. W., & Gore, P. A., Jr. (2000). Self-rated abilities and self-efficacy beliefs: Are they empirically distinct? *Journal of Career Assessment*, 8, 223-237. [10.1177/106907270000800302](https://doi.org/10.1177/106907270000800302)
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for applied research*. Guilford.
- Bulfone, G., Vellone, E., Maurici, M., Macale, L. & Alvaro, R. (2020). Academic self-efficacy in Bachelor-level nursing students: Development and validation of a new

- instrument. *Journal of Advanced Nursing*, 76(1), 398-408.
<https://doi.org/10.1111/jan.14226>
- Butt, Z., Mughal, A. W., Adnan, M. A. J., & Saeed, N. (2018). Self-efficacy and sports: perception of PUNJAB university athletes. *The spark a HEC: Recognized Journal*, 2(1), 72-81. <http://journal.suit.edu.pk/index.php/spark/article/view/189/190>
- Bzuneck, J. A. (2017). Crenças de autoeficácia de professores: um fator motivacional crítico na educação inclusiva. *Revista Educação Especial*, 30(59), 697-707.
<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28427>
- Campani, D. B.; Krumel, V. F.; Schneider, W. A. (2010). *Judô para portadores de deficiência visual*. [Apresentação de artigo]. 9º Congresso Nacional da Rede Unida, Porto Alegre.
- Campos, C. (2017). *Eficácia percebida por atletas e treinador de judô paralímpico*. [Dissertação de mestrado não publicada. Universidade São Judas Tadeu].
- Campos, C. R., & Oliveira, C. M. (2019). Desenvolvimento de instrumentos psicológicos para população com deficiência. In C. R. Campos & T. C. Nakano (Orgs.). *Avaliação psicológica direcionada a populações específicas: técnicas, métodos e estratégias*. (Vol 2, pp. 7-27). Vetor.
- Campos, C. R. & Alves, R. J. R. (2019). Importância do esporte para o desenvolvimento psicossocial do atleta com deficiência. In E. M. Peixoto & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano* (pp. 110-124). Visau
- Campos, C. R., & Nakano, T. C. (2014). *Avaliação psicológica direcionada a populações específicas: técnicas, métodos e estratégias*. Vetor.
- Cantón, E., Sánchez, A. I., & Delcampo, D. P. (2019). Intervención clínica desde la psicología motivacional en una gimnasta joven de alta competición. *Horizonte Sanitario*, 18(3), 325-336. <http://dx.doi.org/10.19136/hs.a18n3.3184>

- Cardoso, H. F. & Baptista, M. N. (2018). Escala de Autoeficácia no Trabalho: Evidências de Validade e Precisão. *Avaliação Psicológica*, 17(2), 188-198. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1702.13946.04>
- Cardoso, H. F. & Baptista, M. N. (2019). Escala de autoeficácia no trabalho (EAE-T): construção e estudos psicométricos. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 3-18. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120102>
- Carmo, A. P. (2006). *Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba]. Banco de dados da Universidade Metodista. <http://portal.metodista.br/cienciameto/biblioteca-digital-de-teses-e-dissertacoes>
- Carneiro, F. H. S., Teixeira, M. R., Silva, D. S., Santos, M. R. D., & Mascarenhas, F. (2021). O financiamento federal do esporte de alto rendimento no Ciclo Olímpico e Paralímpico Rio 2016. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 43. <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e031919>
- Caruso, R., Pittella, F., Zaghini, F., Fida, R. & Sili, A. (2016). Development and validation of the nursing profession self-efficacy scale. *International Nursing Review*, 63(3), 455-464. <https://doi.org/10.1111/inr.12291>
- Carvalho, L. F., & Ambiel, R. A. M. (2017). Construção de instrumentos psicológicos. In B. F. Damasio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 39-56). Vetor.
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. & Teodoro, M. L. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*, 506-520. https://www.researchgate.net/publication/303284886_Traducao_e_validacao_de_conteudo_Uma_proposta_para_a_adaptacao_de_instrumentos

- Castro, D. S., Cerdas, D. A., Barrantes-Brais, K., Bonilla, P. U. & Ureña, B. S. (2018). Self-Efficacy, Precompetitive Anxiety and Self-Perception of Performance in Under 17 and Juvenile Soccer Players. *MHSalud*, 15(2), 36-54. <https://doi.org/10.15359/mhs.15-2.3>
- Chen, G., Gully, S. M., & Eden, D. (2001). Validation of a new general self-efficacy scale. *Organizational Research Methods*, 4(1), 62-83. <https://doi.org/10.1177/109442810141004>
- Chen, X., Qiu, N., Chen, C., Wang, D., Zhang, G., & Zhai, L. (2020). Self-efficacy and depression in boxers: a mediation model. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 791, 1-7. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00791>
- Cheung, S. K., & Sun, S. Y. (1999). Assessment of optimistic self-beliefs: further validation of the Chinese version of the General Self-Efficacy Scale. *Psychological Reports*, 85(3_suppl), 1221-1224. <https://doi.org/10.2466/pr0.1999.85.3f.1221>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for behavioral sciences*. Erlbaum.
- Conselho Federal de Psicologia (2018). *Resolução no. 9 de 25 de abril de 2018*. Conselho Federal de Psicologia.
- Cook, D. A., & Artino Jr, A. R. (2016). Motivation to learn: an overview of contemporary theories. *Medical Education*, 50(10), 997-1014. <https://doi.org/10.1111/medu.13074>
- Corbett, J., Barwood, M. J., Ouzounoglou, A., Thelwell, R., & Dicks, M. (2012). Influence of competition on performance and pacing during cycling exercise. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, 44(3), 509-515. <https://doi.org/10.1249/MSS.0b013e31823378b1>
- Correa, J. F. B. (2009). *Desenvolvimento e validação de um Questionário de Auto-eficácia Metacognitiva para atletas em nível universitário* [Dissertação de mestrado. Universidade Castelo Branco].

- Cortes, N. E. P. (2021). *Qualidade de vida no esporte como trabalho de atletas paralímpicos brasileiros* [Dissertação de doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpa Repositório Digital. <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28375>
- Crandall, A., Rahim, H. A. & Yount, K. M. (2015). Validation of the general self-efficacy scale among Qatari young women. *Eastern Mediterranean Health Journal*, 21(12), 891-896. http://eprints.mums.ac.ir/18802/1/EMHJ_21_12_2015.pdf#page=37
- Cunha, C. M., Almeida Neto, O. P., & Stackfleth, R. (2016). Principais métodos de avaliação psicométrica da validade de instrumentos de medida. *Revista de Atenção à Saúde*, 14(47), 75-83. <https://doi.org/10.13037/ras.vol14n47.3391>
- Dalmoro, M., & Vieira, K. M. (2013). Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? *Revista gestão organizacional*, 6(3). <https://doi.org/10.22277/rgo.v6i3.1386>
- Dancey, C. P., Reidy, J., & Rowe, R. (2017). *Estatística sem matemática para as ciências da saúde*. Penso.
- Dantas, M. A. & Azzi, R. G. (2015). Adaptação brasileira da escala de autoeficácia na tomada de decisão de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 149-160. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203046164006>
- De Freitas, L. J. F., Oliveira, J. I., Arruda, S. F., Oliveira, L. I., & Oliveira, S. F. M. (2021). Motivos para prática do atletismo paralímpico em adultos com deficiência física. *Motricidade*, 17(4). <https://doi.org/10.6063/motricidade.24043>
- Decy, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian psychology*, 49(3), 182-185. <https://doi.org/10.1037/a0012801>

- Dennis, C-L. (2006). The Breastfeeding self-efficacy scale: psychometric assessment of the short form. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 32, 734-744. <https://doi.org/10.1177/0884217503258459>
- Dennis, C-L., & Faux, S. (1999). Development and psychometric testing of the Breastfeeding self-efficacy scale. *Research in Nursing & Health*, 22, 399-409. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-240X\(199910\)22:5<399::AID-NUR6>3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-240X(199910)22:5<399::AID-NUR6>3.0.CO;2-4)
- Duarte, F. D. & Faria, L. (2016). Papel da motivação e da autoeficácia na escolha da especialidade médica. *Psicologia, educação e cultura*, 20(1), 293-303. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85265/2/141161.pdf>
- Duprez, V., Van Hooft, S. M., Dwarswaard, J., van Staa, A. L., Van Hecke, A. & Strating, M. M. H. (2016). The development and psychometric validation of the self-efficacy and performance in self-management support (SEPSS) Instrument. *Journal of Advanced Nursing*, 72(6), 1381– 1395. <http://doi.org/10.1111/jan.12918>
- Emilio, E. R. V., Polydoro, S. A. J., Pelissoni, A. M. S., & Dantas, M. A. (2020). Escala de Autoeficácia para Autorregulação da Escrita: Adaptação e Validação para Universitários. *Psico-USF*, 25(4), 33-44. <https://doi.org/10.1590/1413-8271202126nesp05>
- Erlen, J. A., Cha, E. S., Kim, K. H., Caruthers, D., & Sereika, S. M. (2010). The HIV medication taking self-efficacy scale: psychometric evaluation. *Journal of Advanced Nursing*, 66(11), 2560-2572. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2010.05400.x>
- Estevan, I., Álvarez, O., Falcó, C., & Castillo, I. (2014). Self-efficacy and performance of the roundhouse kick in taekwondo. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 9(2), 97-105. <http://dx.doi.org/10.18002/rama.v9i2.1323>
- Etter, J. F., Bergman, M. M., Humair, J. P. & Perneger, T. V. (2000). Development and validation of a scale measuring self-efficacy of current and former smokers. *Addiction*, 95(6), 901-913. <https://doi.org/10.1046/j.1360-0443.2000.9569017.x>

- Fajardo, C. C. (2021). Variáveis psicossociais e o estudo da autoeficácia e da motivação em atletas paralímpicos: uma revisão narrativa da literatura. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39919/1/TCC%20Clara%20Fajardo.pdf>.
- Feltz, D. L. & Lirgg, C. D. (2001). Self-efficacy beliefs of athletes, teams, and coaches. In R. N. Singer & H. A. Hausenblas (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp. 340-361). John Wiley & Sons.
- Ferreira, J. P., Gaspar, P. M., Campos, M. J., & Senra, C. M. (2011). Auto-eficácia, competência física e auto-estima em praticantes de basquetebol com e sem deficiência física. *Motricidade*, 7(1), 55-68. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2011000100007
- Ferreira, L., Lopes Vieira, J. L., Cheuczuk, F., Nickenig Vissoci, J. R., do Nascimento Junior, J. R., & Fiorese Vieira, L. (2015). Impacto da orientação às metas na percepção da eficácia coletiva no contexto do voleibol juvenil. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 15(2), 51-63. https://rped.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/2015-2/03.pdf
- Ferreira, M. A. C. (2008). *A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol* [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná]. <https://www.researchgate.net/profile/Marco-Ferreira-10/publication/26979563>
- Finotelli Júnior, Í. & Capitão, C. G. (2011). Evidências de validade da versão brasileira da Escala de Autoeficácia Sexual-Função Erétil. *Psico-USF*, 16(1), 45-55. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712011000100006>
- Fiorese, L., Mizoguchi, M. V., da Costa, L. A., Passos, P. C. B. & de Oliveira, L. P. (2022). Motivação no contexto esportivo: conceitos e evidências. In L. S. Fortes & L. Fiorese (Orgs.), *Psicologia do Esporte* (pp. 397-418). Ampla.

- Fleiss, J. L. (1981). The measurement of inter-rater agreement. In J. L. Fleiss (Org.), *Statistical methods for rates and proportions* (pp. 212-236). John Wiley & Sons Inc.
- Fonseca, M. G., Gontijo, C. H., & de Souza, J. C. S. (2015). O Tratamento Quantitativo e sua Potencialidade para a Construção de Testes Psicométricos em Pesquisas de Educação Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, 8(18), 770-783.
<https://desafioonline.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/869>
- Fouad, N. A. & Guillen, A. (2006). Outcome expectations: Looking to the past and potential future. *Journal of career assessment*, 14(1), 130-142.
<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1069072705281370>
- Franco, V. R., Valentini, F. & Iglesias, F. (2017). Introdução à análise fatorial confirmatória. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp.295-322). Vetor.
- Freitas, C. P. P. & Damásio, B. F. (2017). Evidências de validade com base nas relações com medidas externas: conceituação e problematização. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp.101-118). Vetor.
- Gaio, J. F. (2018). *Será a autoeficácia um mediador na relação entre vitimização e saúde mental na idade adulta?* [Tese de doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia]. Repositório Científico Lusófona.
<https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/9475>
- Gamboa, R. P., Beltrán, J. A., Acuña-Condori, S. P., & Poma-Santivañez, Y. (2021). Perceived self-efficacy geared toward education: systematic review. *Espirales Revista Multidisciplinaria de Investigación Científica*, 5(2), 32-45.
- García-Angulo, A., Ortega-Toro, E., Giménez-Egido, J. M., García-Angulo, F. J., & Palao, J. M. (2020). Short-term effect of competition rule changes on collective effectiveness and

- self-efficacy in youth football players. *Psychology of Sport and Exercise*, 49, 101688.
<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101688>
- Garcia, R. P., & Borsa, J. C. (2016). A prática da avaliação psicológica em contextos esportivos. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1549-1560. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-20>
- Garivani, F., Devin, H. F., & Farbood, D. (2016). Investigating the relationship between group emotional intelligence with collective self-efficacy and teamwork effectiveness. *Human & Social Studies*, 2, 133-144. <http://doi.org/10.1515/hssr-2016-0018>.
- Gaudron, P. (2011). A Psychometric Evaluation of the Career Decision Self-Efficacy Scale–Short Form Among French University Students. *Journal of Career Assessment*, 19(4), 420-430. <http://doi.org/10.1177/1069072711409713>.
- Geisinger, K. F. (2013). Reliability. In K. F. Geisinger (Ed.), *APA Handbook of Testing and Assessment in Psychology* (pp. 61-84). American Psychological Association.
- Gomes, S. S., Miranda, R., Bara Filho, M. G., & Brandão, M. R. F. (2012). O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Revista da Educação física/UEM*, 23, 379-387. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.17024>
- Gorla, J. I., & de Almeida, J. J. G. (2007). A Expressão de uma Atividade Esportiva: O desporto para cegos. *Conexões*, 5(1), 108-113.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637983>
- Gouvêa, F. C. (2003). Análise da auto-eficácia em atletas de modalidades individuais e coletivas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 2(2).
https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-2-2-2003/art4_edfis2n2.pdf

- Gruber-Baldini, A. L., Velozo, C., Romero, S. & Shulman, L. M. (2017). Validation of the PROMIS® measures of self-efficacy for managing chronic conditions. *Quality of Life Research*, 26(7), 1915-1924. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11136-017-1527-3>
- Guimond, A. B., Wilcox, M. A., & Lamorey, S. G. (2008). The early intervention parenting self-efficacy scale. *Journal of Early Intervention*, 30(4), 295-320. <http://doi.org/10.1177/10538151083.20814>.
- Guiramand, M. (2017). *Treinador e atleta: significados de uma relação na aprendizagem e desempenho esportivo de alto rendimento à luz da teoria de Buber* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório PUCRS. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11044/1/000487558-Texto%2BCompleto-0.pdf>
- Habeeb, C. M. (2020). The tripartite model of relational efficacy beliefs in sport: a scoping review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1–26. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2020.1815233>
- Hampson, R., & Jowett, S. (2014). Effects of coach leadership and coach–athlete relationship on collective efficacy. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 24(2), 454-460. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2012.01527.x>
- Hampton, M.M. & Newcomb, P. (2018). Self-efficacy and stress among informal caregivers of individual at end of life. *Journal of Hospice & Palliative Nursing*, 20(5), 471-477. <https://doi.org/10.1097/NJH.0000000000000464>
- Hepler, T.J. (2016). Can self-efficacy pave the way for successful decision-making in sport? *Journal of Sport Behavior*, 39(2), 147-159. <https://web.b.ebscohost.com/>

- Hernández-Padilla, J., Granero-Molina, J., Ruíz-Fernández, et al. (2020). Design and Psychometric Analysis of the COVID-19 Prevention, Recognition and Home-Management Self-Efficacy Scale. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(13), 4653. <https://doi.org/10.3390/ijerph17134653>.
- Hernández-Padilla, J., Suthers, F., Fernández-Sola, C., & Granero-Molina, J. (2016). Development and psychometric assessment of the Basic Resuscitation Skills Self-Efficacy Scale, *European Journal of Cardiovascular Nursing*, 15(3), e10–e18, <https://doi.org/10.1177/1474515114562130>
- Hernandez, J. A. E. (2011). João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3), 1027-1049. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844636017>
- Heyne, D., King, N., Tonge, B., Rollings, S., Pritchard, M., Young, D., & Myerson, N. (2014). The self-efficacy questionnaire for school situations: development and psychometric evaluation. *Behaviour Change*, 15(1), 31-40. <https://doi.org/10.1017/S081348390000588X>
- Honicke, T. & Broadbent, J. (2016). The influence of academic self-efficacy on academic performance: a systematic review. *Educational Research Review*, 17, 63-84. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2015.11.002>
- Hussain, S., & Khan, S. A. (2022). Self-efficacy of teachers: a review of the literature. *Jamshedpur Research Review*, 1(50), 110-116. <https://www.researchgate.net>
- Hutzler, Y., Meier, S., Reuker, S., & Zitomer, M. (2019). Attitudes and self-efficacy of physical education teachers toward inclusion of children with disabilities: a narrative review of international literature. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 24(3), 249-266. <https://doi.org/10.1080/17408989.2019.1571183>

- Iaochite, R. T. & Vieira, R. R. (2013). Autoeficácia de técnicos esportivos: um estudo exploratório. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 12(1), 79-94. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4700>.
- Iaochite, R. T., & Azzi, R. G. (2012). Escala de fontes de autoeficácia docente: Estudo exploratório com professores de educação física. *Psicologia Argumento*, 30(71), 659-669. <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.7472>
- Iaochite, R. T., da Costa Filho, R. A., Matos, M. M. & Sachimbombo, K. M. C. (2016). Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 45-54. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150201922>
- Inácio, A. L. M., Schelini, P. W. & Noronha, A. P. P. (2021). Avaliação da motivação para aprender com base na teoria da autodeterminação. *Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 455-462. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.21950.07>
- Ismayilova, K. & Klassen, R.M. (2019). Research and teaching self-efficacy of university faculty: relations with job satisfaction. *International Journal of Educational Research*, 98, 55-66. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2019.08.012>.
- ITC – International Test Commission (2001). International guidelines for test use. *International Journal of Testing*, 1(2), 93-114. https://doi.org/10.1207/S15327574IJT0102_1.
- Jacinto, J. D. J. S. S. (2017). *Variáveis psicológicas associadas à autoeficácia de desempenho em judocas*. [Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade federal do Maranhão]. Biblioteca Digital de Monografias. <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/3023>
- Jackson, B., Knapp, P. & Beauchamp, M. R. (2009). The coach-athlete relationship: A tripartite efficacy perspective. *The Sport Psychologist*, 23(2), 203-232. <https://doi.org/10.1123/tsp.23.2.203>

- Jackson, B., Knapp, P., & Beauchamp, M. R. (2008). Origins and consequences of tripartite efficacy beliefs within elite athlete dyads. *Journal of sport and exercise psychology, 30*(5), 512-540. <https://doi.org/10.1123/jsep.30.5.512>
- Jeffreys, M. R. (2000). Development and Psychometric Evaluation of the Transcultural Self-Efficacy Tool: A Synthesis of Findings. *Journal of Transcultural Nursing, 11*(2), 127-136. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/104365960001100207>
- Johnson, M. O., Neilands, T. B., Dilworth, S. E., Morin, S. F., Remien, R. H. & Chesney, M. A. (2007). The role of self-efficacy in HIV treatment adherence: validation of the HIV Treatment Adherence Self-Efficacy Scale (HIV-ASES). *Journal of behavioral medicine, 30*(5), 359-370. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10865-007-9118-3>
- Jowett, S. & Poczwadowski, A. (2007). Understanding the coach-athlete relationship. In S. Jowett & D. Lavalee (Orgs), *Social Psychology in Sport* (pp. 03-14). Human Kinetics.
- Jowett, S., & Shanmugam, V. (2016). Relational Coaching in Sport: Its psychological underpinnings and practical effectiveness. In R. Schinke, K. R. McGannon, & B. Smith (Eds.), *Routledge International Handbook of Sport Psychology*. Routledge.
- Jowett, S., Adie, J.W., Bartholomew, K.J., Yang, S.X., Gustafsson, H. & Lopez-Jiménez, A. (2017). Motivational processes in the coach-athlete relationship: A multi-cultural self-determination approach. *Psychology of Sport & Exercise, 32*, 143-152. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.06.004>
- Jowett, S., Shanmugam, V., & Caccoulis, S. (2012). Collective efficacy as a mediator of the association between interpersonal relationships and athlete satisfaction in team sports. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 10*(1), 66-78. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2012.645127>.

- Kanthack, T. F. D., Bigliassi, M., Vieira, L. F., & Altimari, L. R. (2014). Acute effect of motor imagery on basketball players' free throw performance and self-efficacy. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 16, 47-57. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2014v16n1p47>
- Kennedy, E., Murphy, G. T., Misener, R. M., & Alder, R. (2015). Development and psychometric assessment of the Nursing Competence Self-Efficacy Scale. *Journal of Nursing Education*. <http://doi.org/10.3928/01484834-2015916-02>.
- Keyes, C. L. M. & Lopez, S. J. (2002). Toward a science of mental health: positive directions in diagnosis and interventions. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 45-62). Oxford University.
- Kirk, B. A., Schutte, N. S., & Hine, D. W. (2008). Development and preliminary validation of an emotional self-efficacy scale. *Personality and Individual Differences*, 45(5), 432-436. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.06.010>.
- Knapp, P. & Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30, 54-64. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462008000600002>.
- Knight, A., (2020). Using self-assessment to build self-efficacy and intrinsic motivation in athletes: a mixed methods explanatory design on female adolescent volleyball players. *The Qualitative Report*, 25(2), 320-346.
- Kroll, T., Kehn, M., Ho, P.S., & Groah, S. (2007). The SCI Exercise Self-Efficacy Scale (ESES): development and psychometric properties. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 4(34). <https://doi.org/10.1186/1479-5868-4-34>
- Kyrillos, M. H. M. (2016). *Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia em atletas*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe]. Repositório Institucional UFS. <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/4966>

- Lago-Peñas, C., Fernández-Villarino, M. A., González-García, I., Sánchez-Fernández, P., & Sampaio, J. (2016). The impact of a good season start on team performance in elite handball. *Journal of Human Kinetics, 50*(1), 195-202. <https://doi.org/10.1515/hukin-2015-0156>.
- Lázaro, I. & Villamarín, F. (2007). Capacidad predictiva de La auto-eficacia individual y coletiva sobre el rendimiento em jugadoras de baloncesto. *Revista de Psicología del Deporte, 2*(2). <https://www.rpd-online.com/article/view/42>.
- Lazier-Leão, T. R. (2016). *Análise do nível de resiliência, auto-eficácia e motivação entre bailarinos alunos e profissionais*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá]. Repositório Institucional da Universidade de Maringá. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4563>.
- Lee, S., Kwon, S., & Ahn, J. (2021). The Effect of Modeling on Self-Efficacy and Flow State of Adolescent Athletes Through Role Models. *Frontiers in Psychology, 12*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661557>
- Leme, V. B., Coimbra, S., Gato, J., Fontaine, A. M. & Del Prette, Z. A. (2013). Confirmatory factor analysis of the generalized self-efficacy scale in Brazil and Portugal. *The Spanish journal of psychology, 16*. <https://doi.org/10.1017/sjp.2013.93>.
- Lent, R. W. & Lopez, F. G. (2002). Cognitive ties that bind: A tripartite view of efficacy beliefs in growth-promoting relationships. *Journal of social and Clinical Psychology, 21*(3), 256-286. <https://doi.org/10.1521/jscp.21.3.256.22535>.
- Lent, R. W., Hill, C. E. & Hoffman, M. A. (2003). Development and validation of the Counselor Activity Self-Efficacy Scales. *Journal of Counseling Psychology, 50*(1), 97. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.50.1.97>.
- Leonardi, T. J., Martins, M. C. S., Gonçalves, C. E. D. B., Paes, R. R., & Carvalho, H. J. G. M. D. (2019). Variações na performance tática e na autoeficácia de jovens meninas atletas de

- basquetebol. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 21, 1-9.
<https://doi.org/10.1590/1980-0037.2019v21e60180>.
- Liacos, A., McDonald, C.F., Mahal, A., et al. (2019). The Pulmonary Rehabilitation Adapted Index of Self-Efficacy (PRAISE) tool predicts reduction in sedentary time following pulmonary rehabilitation in people with chronic obstructive pulmonary disease (COPD). *Physiotherapy*, 105(1), 90–97. <https://doi.org/10.1016/j.physio.2018.07.009>
- Lima, E. M. R., Machado, A. A., Bagni, G., Beretta, V., & Barbosa, C. G. (2012). A influência da torcida na performance de jogadores de futsal: olhares da psicologia do esporte. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 11(4), 17-24.
- Lima, M. P., Signorelli, L., Del Huerto, M. L., Castro, T. G. D., Oliveira, M. Z. D., & Irigaray, T. Q. (2018). Locus de controle, personalidade, autoeficácia e aspectos emocionais em aspirantes a piloto. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(2), 157-167.
<http://dx.doi.org/1026707/1984-7270/2019v19n2p157>.
- Lima, T. J. S. D., & Souza, L. E. C. (2021). O papel da autoeficácia parental na saúde mental de mães de crianças com Síndrome da Zika Congênita. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 359-368. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.02222019>.
- Loiola, E., & Martins, M. D. C. (2019). Autoeficácia no trabalho e síndrome de burnout em profissionais de enfermagem. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 20(3), 813-823.
<http://dx.doi.org/10.15309/19psd200320>.
- Löve, J., Moore, C. D., & Hensing, G. (2012). Validation of the Swedish translation of the general self-efficacy scale. *Quality of Life Research*, 21(7), 1249-1253.
<http://dx.doi.org/10.1007/s11136-011-0030-5>.
- Lumpkin, A., Franco, D., Multon, K., & Achen, R. M. (2017). Sport management career decision-making self-efficacy. *College Student Journal*, 51(4), 539-549.
<https://psycnet.apa.org/record/2018-00761-010>.

- Luna, A., & Gondim, S. (2022). Escala de autoeficácia ocupacional frente ao adoecimento laboral. *Revista Psicologia em Pesquisa, 16*(2), 1-19. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31996>
- Luzzo, D. A. (1996). A psychometric evaluation of the Career Decision-Making self-efficacy scale. *Journal of Counseling & Development, 74*(2), 155-166. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1996.tb01865.x>
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. *Nursing research, 35*(6), 382-385. <https://doi.org/10.1097/00006199-198611000-00017>.
- Machado, J. C., Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2020). Relações entre autoestima, autoeficácia e percepções sobre a escola em adolescentes em conflito com a lei. *Revista da SPAGESP, 21*(1), 6-20. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7322111>.
- Machado, M. L. C. (2017). *Uso de escala de autoeficácia para análise da capacidade de puérperas para a amamentação* [Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://201.55.48.176/handle/tede/428>.
- Machado, T. A. (2013). *Validação da escala de autoavaliação do saque do voleibol*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná]. Banco de dados da Universidade Federal do Paraná. <http://www.pgedf.ufpr.br>.
- Machado, T. A. (2018). *Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento*. [Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná]. Banco de dados da Universidade Federal do Paraná. <http://www.pgedf.ufpr.br>.
- Machado, T. A., Balaguer, I., Paes, M. J., Fernandes, G. J. & Stefanello, J. M. F. (2019). Self-efficacy in volleyball: What has been evaluated? A systematic review. *Cuadernos de Psicología del Deporte, 19*(1), 76-94. <https://doi.org/10.6018/cpd.329401>.

- Machado, T. A., Paes, M. J., Berbetz, S. R., & Stefanello, J. M. F. (2014). Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. *Revista da Educação Física/UEM*, 25(2), 323-333. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i2.21685>.
- Machado, W. D. L., & Bandeira, D. R. (2015). Positive mental health scale: validation of the mental health continuum-short form. *Psico-USF*, 20, 259-274. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200207>.
- Machida-Kosuga, M., Schaubroeck, J.M., Goud, D., Ewing, M., & Feltz, D. L. (2016). What influences collegiate coaches' intentions to advance their leadership careers? The role of leader self-efficacy and outcome expectancies. *International Sport Coaching Journal*, 4(3), 265-278. <https://doi.org/10.1123/iscj.2016-0120>.
- Maciejewski, P. K., Prigerson, H. G., & Mazure, C. M. (2000). Self-efficacy as a mediator between stressful life events and depressive symptoms: Differences based on history of prior depression. *The British Journal of Psychiatry*, 176(4), 373-378. <https://doi.org/10.1192/bjp.176.4.373>.
- Marcos, F. M. L., Miguel, P. A. S., Oliva, D. S., & Calvo, T. G. (2010). Interactive effects of team cohesion on perceived efficacy in semi-professional sport. *Journal of sports science & medicine*, 9(2), 320. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3761725/>
- Marques, N. C. N. (2018). *Autoeficácia e motivação para hábitos saudáveis em usuários de serviços públicos de saúde em Dourados – MS* [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados]. Repositório UFGD. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1129>
- Martin, G. L. (2001). *Consultoria em psicologia do esporte: orientações práticas em análise do comportamento* (N. C. de Aguirre, Trad.). Instituto de Análise de Comportamento.

- Martinez, L. C. F., Magalhães, C. M. C., & Pedroso, J. S. (2018). Envelhecimento saudável e autoeficácia do idoso: revisão sistemática. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(2), 103-118. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6783800>.
- Matarese M, Clari M, De Marinis MG, et al. (2020). The Self-Care in Chronic Obstructive Pulmonary Disease Inventory: Development and Psychometric Evaluation. *Evaluation Health Prof.*, 43(1), 50–62. <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.1177/0163278719856660>.
- Matos, L. F. (2016). *Efeitos do autoinforme motivacional no desempenho do nado*. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal do Paraná.
- McHugh, M. L. (2012). Interrater reliability: the kappa statistic. *Biochemia médica*, 22(3), 276-282 <https://hrcak.srce.hr/89395>.
- Mello, M. T. & Winckler, C. (2012). *Esporte Paralímpico*. Atheneu.
- Menezes, A. (2020). A autoeficácia no processo de aprendizagem. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 176-186. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/51324>.
- Miguel, M. C. N. (2008). *Emoções pré-competitivas em atletas de basquetebol: uma análise fenomenológica na perspectiva da Psicologia do Esporte* [Dissertação de Mestrado]. Universidade São Judas Tadeu.
- Miller, J. W., Coombs, W. T., & Fuqua, D. R. (1999). An examination of psychometric properties of Bandura's multidimensional scales of perceived self-efficacy. *Counseling and Development*, 31(4), 186. <https://www.proquest.com/openview/ecf44bf50850e6f6ef10d098f5ad15ee/1?pq-origsite=gscholar&cbl=34423>
- Mognon, J. F. (2017). *Estudos psicométricos para a escala de autoeficácia para dirigir – versão 2 (EADIR-V2)*. [Tese de Doutorado. Universidade São Francisco]. <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/30949415057639923.pdf>

- Moreira, T. C., Ambiel, R. A. M., & Nunes, M. F. O. (2018). Escala de Fontes de Autoeficácia para Escolha Profissional: Construção e Estudos Psicométricos Iniciais. *Trends in Psychology*, 26(1), 47-60. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-03Pt>.
- Moreta-Herrera, R., Lara-Salazar, M., Camacho-Bonilla, P., & Sánchez-Guevera, S. (2019). Análisis factorial, fiabilidad y validez de la escala de autoeficacia general (EAG) en estudiantes ecuatorianos. *Psychology, Society, & Education*, 11(2), 193-204. <http://repositorio.ual.es/handle/10835/6930>.
- Morris, D. B., Usher, E. L. & Chen, J. A. (2017). Reconceptualizing the Sources of Teaching Self-Efficacy: a Critical Review of Emerging Literature. *Educational Psychology Review*, 29, 795–833. <https://doi.org/10.1007/s10648-016-9378-y>.
- Muniz, M. & Freitas, C. P. P. (2017). Padronização e normatização de instrumentos psicológicos. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp.57-84). Vetor.
- Murphy, C. A., Coover, D. & Owen, S. V. (1989). Development and validation of the computer self-efficacy scale. *Educational and Psychological measurement*, 49(4), 893-899. <https://doi.org/10.1177/001316448904900412>.
- Nader, J. M., Moreira, N. C., Carvalho, L. O. O., Rassi, A., Brito, A. F. P., & Silveira, M. M. M. (2020). Correlação entre autoeficácia em amamentação e depressão pós-parto. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(2), 3875-3888. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-210>.
- Nakano, T. C. (2019). Psicologia do Esporte em diferentes fases do desenvolvimento: revisão de pesquisas brasileiras. In E. M. Peixoto & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do Esporte e desenvolvimento humano* (pp. 21-44). Viseu.
- Nascimento Junior, J. R. A. D., Vissoci, J. R. N., Balbim, G. M., Moreira, C. R., Pelletier, L., & Vieira, L. F. (2014). Adaptação transcultural e análise das propriedades psicométricas

- da Sport Motivation Scale-II no contexto brasileiro. *Revista da Educação Física/UEM*, 25, 441-458. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i3.24855>.
- Nicholas, M. K., McGuire, B. E., Asghari, A. (2015). A 2-Item Short Form of the Pain Self-Efficacy Questionnaire: Development and Psychometric Evaluation of PSEQ-2. *The Journal of Pain*, 16(2), 153-163. <https://doi.org/10.1016/j.jpain.2014.11.002>
- Nielsen, I. L., & Moore, K. A. psychometric data on the mathematics self-efficacy scale. *Educational and Psychological Measurement*, 63(1), 128-138. <http://doi.org/10.1177/0013164402239321>.
- Nogueira, F. C. A. (2016). *Crença de autoeficácia e ansiedade em atletas de voleibol*. [Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora]. Repositório Institucional da UFJF. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1711>.
- Nogueira, F. C. D. A., Bara Filho, M. G., & Lourenço, L. M. (2019). Application of izof model for anxiety and self-efficacy in volleyball athletes: a case study. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 25(4), 338-343. <https://doi.org/10.1590/1517-869220192504211038>.
- Nunes, C. H. S. D. S., Primi, R., Nunes, M. F. O., Muniz, M., Da Cunha, T. F., & Couto, G. (2008). Teoria de Resposta ao Item para otimização de escalas tipo likert—um exemplo de aplicação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(25), 51-79. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459645445004>.
- Oliveira, M. C., da Silva, B. R., Garcia, R. G., Melo-Silva, L. L. & Teixeira, M. A. P. (2014). Escala de autoeficácia no aconselhamento de carreira: adaptação e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 13(3), 371-381. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335037824009>.
- Pace, A.E., Gomes, L. C., Bertolin, D.C., Loureiro, H.M.A.M, Bijl, J.V.D., & Shortridge-Baggett, L.M. (2017). Adaptation and validation of the Diabetes Management Self-

- Efficacy Scale to Brazilian Portuguese. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 25, e2861. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1543.2861>.
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 55-70). Artmed
- Paes, M. J. (2014). *Validação do Collective Efficacy Questionnaire for Sports (CEQS) para atletas brasileiros*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná]. Banco de dados da Universidade Federal do Paraná. <http://www.pgedf.ufpr.br>
- Pajares, F. (2003). Self-efficacy beliefs, motivation, and achievement in writing a review of the literature. *Reading and Writing Quarterly*, 19(2), 139-159. <https://doi.org/10.1080/10573560308222>
- Pajares, F. & Olaz, F. (2008). Teoria Social Cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In A. Bandura, R. Azzi & S. Polydoro (Orgs.), *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. (pp. 97-114). Artmed.
- Panadelo, E., Johnson, A., & Botella. (2017). Effects of self-assessment on self-regulated learning and self-efficacy: four meta-analysis. *Educational Research Review*, 22, 74-98. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2017.08.004>.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(3), 206-213. <http://mpet.ifam.edu.br/wp-content/uploads/2017/12/Principios-de-elaboracao-de-escalas-psicologicas.pdf>.
- Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(SPE), 992-999. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e práticas*. Artes Médicas.
- Peixoto, E. M. & Martins, G. H. (2021). Contribuições da análise fatorial confirmatória para a validade de instrumentos psicológicos. In C. Faiad, M. N. Baptista, & R. Primi (Orgs.), *Tutoriais em análise de dados aplicados à psicometria*. Vozes.

- Peixoto, E. M., & Ferreira-Rodrigues, C. F. (2019). Propriedades psicométricas dos testes psicológicos. In M. N. Baptista, M. Muniz, C. T. Reppold, C. H. S. da S. Nunes, L. F. Carvalho, R. Primi, A. P. P. Noronha, A. G. Seabra, S. M. Wechsler, C. S. Hutz & L. Pasquali (Orgs.), *Compêndio de Avaliação Psicológica* (pp. 29-39). Vozes.
- Perez, M. D. C. (2021). *Pra cego ver: desenvolvimento de simulações auditivas para o ensino de conceitos de eletromagnetismo de estudantes com deficiências visuais* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório PUCRS. repositorio.pucrs.br.
- Pesca, A. D. (2013). *Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas* [Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina]. Banco de dados da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107344>.
- Pesca, A. D., Frischknecht, G. & Peixoto, E. M. (2019). Avaliação psicológica no contexto do esporte. In M. N. Baptista, M. Muniz, C. T. Reppold, C. H. S. da S. Nunes, L. F. Carvalho, R. Primi, A. P. P. Noronha, A. G. Seabra, S. M. Wechsler, C. S. Hutz & L. Pasquali (Orgs.), *Compêndio de Avaliação Psicológica* (pp. 210-221). Vozes.
- Pesca, A. D., Szeneszi, D. S., Delben, P. B., Nunes, C., Raupp, F., & Cruz, R. M. (2018). Measuring coaching efficacy: a theoretical review. *Revista de psicología del deporte*, 27(4), 103-109. <https://ddd.uab.cat/record/187807>
- Reppold, C. T. & Noronha, A. P. P. (2018). Impacto dos 15 anos do Satepsi na avaliação psicológica brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(SPE), 6-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208638>
- Ribeiro, M. A. F. (2019). *Fatores preditores do desempenho académico: o caso da motivação, satisfação e autoeficácia* [Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa]. Repositório UCP. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/28245>.

- Ribeiro, M. F., Ribeiro, C., & Pereira, P. (2022). Fatores preditores do desempenho acadêmico: motivação, satisfação e autoeficácia. *Gestão E Desenvolvimento*, (30), 41-89. <https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2022.11319>.
- Rimm, H., & Jerusalém, M. (1999). Adaptation and validation of an Estonian version of the General Self-Efficacy Scale (ESES). *Anxiety, Stress, and Coping*, 12(3), 329-345. <https://doi.org/10.1080/10615809908250481>.
- Risser, J., Joacobson, T. A., & Kripalani, S. (2007). Development and Psychometric Evaluation of the Self-Efficacy for Appropriate Medication Use Scale (SEAMS) in Low-Literacy Patients with Chronic Disease. *Journal of Nursing Measurement*, 15(3), 203-219. <http://doi.org/10.1891/106137407783095757>.
- Rodrigues, A. I. C., Baião Junior, A. A., Mazzei, L. C., Fernandes, P. T. & Galatti, L. R. (2019). Motivação na perspectiva da teoria da autodeterminação: um estudo no jiu-jitsu brasileiro. In. E. M. Peixoto & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano* (pp. 195-210). Viséu.
- Rossi, T., Trevisol, A., dos Santos-Nunes, D., Dapieve-Patias, N. & Von Hohendorff, J. (2020). Autoeficácia geral percebida e motivação para aprender em adolescentes do Ensino Médio. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(1), 254-263. <http://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.1.12>
- Rubio, K. (2007). Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1). <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v1i1.9261>.
- Ryckman, R. M., Robbins, M. A., Thornton, B. & Cantrell, P. (1982). Development and validation of a physical self-efficacy scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(5), 891. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.5.891>.

- Salvador, A. P. & Ambiel, R. A. M. (2019). Adaptabilidade de carreira e autoeficácia ocupacional: relações com variáveis de carreira. *Avaliação Psicológica*, 18(3), 256-263. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1803.16853.05>.
- Samson, A. (2014). Sources of self-efficacy during marathon training: A qualitative, longitudinal investigation. *The Sport Psychologist*, 28(2), 164-175. <https://doi.org/10.1123/tsp.2013-0027>.
- Santo, A. A. E (2017). Em busca de uma boa forma de fazer psicologia do esporte: contribuições da gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 23(1), 45-54. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5921966>.
- Saville, P. D., & Bray, S. R. (2016). Athletes' perceptions of coaching behavior, relation-inferred self-efficacy (RISE), and self-efficacy in youth sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 28(1), 1-13. <https://doi.org/10.1080/10413200.2015.1052890>.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. (E., Kanner, Trans.). Pioneira Thomson Learning.
- Schunk, D. H. & DiBenedetto, M. K. (2016). Self-efficacy theory in education. In K. R. Wentzel, & D. B. Miele (Eds.), *Handbook of motivation at school* (pp. 34-54). Routledge Taylor & Francis Group. <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315773384.ch3>.
- Schunk, D. H. & DiBenedetto, M. K. (2019). Motivation and Social Cognitive Theory. *Contemporary Educational Psychology*, 60. <https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2019.101832>.
- Schunk, D. H. & Usher, E. L. (2012). Social Cognitive Theory and Motivation. In R. M. Ryan (Ed.), *The Oxford Handbook of Human Motivation*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399820.013.0002>.

- Schwarzer, R., Bäßler, J., Kwiatek, P., Schröder, K., & Zhang, J. X. (1997). The assessment of optimistic self-beliefs: comparison of the German, Spanish, and Chinese versions of the general self-efficacy scale. *Applied Psychology, 46*(1), 69-88. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01096.x>.
- Senna, V., de Lima, A. P., Cardoso, F. B. & Figueiredo, A. (2016). A relação entre a auto-eficácia metacognitiva e o golpe ground and pound em atletas de MMA. *ConScientiae Saúde, 15*(1), 9-14. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92946649001>.
- Sherer, M., Maddux, J. E., Mercandante, B., Prentice-Dunn, S., Jacobs, B., & Rogers, R. W. (1982). The self-efficacy scale: Construction and validation. *Psychological Reports, 51*(2), 663-671. <https://doi.org/10.2466/pr0.1982.51.2.663>.
- Shoji, K, Cieslak, E.S.R., Rogala, A., Benight, C.C., & Luszczynska, A. (2016). Associations between job burnout and self-efficacy: a meta-analysis. *Anxiety, Stress & Coping, 29*(4), 367-386. <https://doi.org/10.1080/10615806.2015.1058369>.
- Silva Júnior, D. I., Ferreira, M. C., Valentini, F. & Pereira, M. M. (2018). Evidências de validade de la escala de autoeficacia de profesores en muestras brasileñas. *Revista Psicologia Organizaciones e Trabalho, 18*(3), 405-411. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.3.13925>.
- Silva, A. M. B. D. (2016). *Uma proposta de avaliação e intervenção psicológica no enfrentamento da dor em bailarinos* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório Institucional PUC-Campinas. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15738>.
- Silva, A. M. B. D., Luz, T. S. R., Afonso, R. D. M., Araújo, M. F. D., Bittencourt, I. G., Carvalho, L. D. F., & Enumo, S. R. F. (2015). Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. *Avaliação Psicológica, 14*(1), 83-88. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712015000100010.

- Silva, A. M. B., Cavalheiro, M. F., Foch, G. F. L. & Enumo, S. R. F. (2014). Opinião dos profissionais de Psicologia do Esporte sobre os instrumentos de avaliação psicológica nesta área: um estudo-piloto. *Efdeportes (Revista Digital)*, 194, s.p. <https://www.efdeportes.com/efd194/psicologia-do-esporte-instrumentos-de-avaliacao.htm>
- Silva, A. M. B., Foch, G. F. L., Guimarães, C. A., & Enumo, S. R. F. (2014). Instrumentos aplicados em estudos brasileiros em psicologia do esporte. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5(2), 77-95. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2014v5n2p77>.
- Silva, P. R., Araújo, E. S. N., Andrade Caldeira, A. M., & Carvalho, G. S. (2012). Construção e validação de questionário para análise de concepções bioéticas. *Revista bioética*, 20(3), 490-501. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361533260014>.
- Silva, V. J. (2019). *Voleibol e a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva: um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias* [Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório UFU. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28342>
- Sireci, S. G., & Sukin, T. (2013). Test Validity. In K. F. Geisinger (Ed.), *APA Handbook of Testing and Assessment in Psychology* (pp. 61-84). American Psychological Association.
- Sireci, S., & Faulkner-Bond, M. (2014). Validity evidence based on test content. *Psicothema*, 26(1), 100-107. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72729538016>.
- Sivrikaya, M. H. (2019). The role of self-efficacy on performance of sports skills of football players. *Journal of Education and Training Studies*, 6(12), 75-79. <https://doi.org/10.11114/jets.v6i12a.3952>.
- Skaalvik E.M., Skaalvik S. (2017) Teacher Stress and Teacher Self-Efficacy: Relations and Consequences. In T. McIntyre, S. McIntyre, & D. Francis (Eds.), *Educator Stress:*

- Aligning Perspectives on Health, Safety and Well-Being (pp. 101-125). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-53053-6_5.
- Smith, H. M. & Betz, N. E. (2000). Development and validation of a scale of perceived social self-efficacy. *Journal of Career Assessment*, 8(3), 283-301. <https://doi.org/10.1177/106907270000800306>.
- Smith, L. M., Erceg-Hurn, D. M., McEvoy, P. M. & Lim, L. (2020). Self-efficacy in bipolar disorder: Development and validation of a self-report scale. *Journal of Affective Disorders*, 262, 108-117. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.10.026>.
- Snyder, M. & Stukas, A. A. (1999). *Interpersonal processes: The interplay of cognitive, motivational, and behavioral activities in social interaction*. *Annual Review of Psychology*, 50(1), 273-303. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.50.1.273>.
- Solberg, V. S., O'Brien, K., Villareal, P., Kennel, R. & Davis, B. (1993). Self-efficacy and Hispanic college students: Validation of the college self-efficacy instrument. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 15(1), 80-95. <https://doi.org/10.1177/07399863930151004>.
- Solberg, V. S., O'Brien, K., Villarreal, P., Kennel, R., & Davis, B. (1993). Self-efficacy and Hispanic college students: Validation of the College Self-Efficacy Instrument. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 15, 80-95.
- Souza, I. S. R. A. E. L. & Souza, M. A. D. (2004). Validação da escala de autoeficácia geral percebida. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, 26(1-2), 12-17.
- Souza, L. S. (2020). *Construção e validação de uma escala de autoeficácia docente para o uso de metodologias ativas de ensino e aprendizagem na educação superior em saúde* [Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste Paulista]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – UNIOESTE. <http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/handle/jspui/1245>.

- Stanford Patient Education Research Center (2011). *Self-Efficacy for Managing Chronic Disease 6-item Scale*. <http://patienteducation.stanford.edu/research/secd6.html>.
- Sudha, K. S., Shahnawaz, M. G., & Farhat, A. (2016). Leadership styles, leader's effectiveness, and well-being: Exploring collective efficacy as a mediator. *Vision, 20*(2), 111-120. <https://doi.org/10.1177/0972262916637260>.
- Te Velde, S. J., Lankhorst, K., Zwinkels, M., Verschuren, O., Takken, T., de Groot, J., & HAYS study group. (2018). Associations of sport participation with self-perception, exercise self-efficacy and quality of life among children and adolescents with a physical disability or chronic disease—a cross-sectional study. *Sports medicine-open, 4*(1), 38. <https://doi.org/10.1186/s40798-018-0152-1>.
- Teixeira, A., & Lins, S. (2018). Evaluando variables psicosociales y la identidad social de atletas paralímpicos brasileños. *Liberabit, 24*(1), 45-60. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2018.v24n1.04>.
- Thuler, A. C. D. M. C., & Wall, M. L. (2021). Construção e validação de escala de autoeficácia de gestantes na prevenção das síndromes hipertensivas da gravidez. *Cogitare Enfermagem, 26*. <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.75754>.
- Torkzadeh, G. & Van Dyke, T. P. (2001). Development and validation of an Internet self-efficacy scale. *Behaviour & Information Technology, 20*(4), 275-280. <https://doi.org/10.1080/01449290110050293>.
- Turan, M. B., Yoka, O., & Yoka, K. (2021). Exame de atitudes em relação ao esporte, autoeficácia geral e satisfação de vida de alunos surdos do ensino médio. *Revista on line de Política e Gestão Educacional, 25*(2), 1524-1544. <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/15497/11769>.

- Usher, E. L. & Pajares, F. (2008). Self-efficacy for self-regulated learning: A validation study. *Educational and Psychological Measurement*, 68(3), 443-463.
<https://doi.org/10.1177/0013164407308475>
- Usher, E. L. & Pajares, F. (2009). Sources of self-efficacy in mathematics: a validation study. *Contemporary Educational Psychology*, 34(1), 89-101.
<https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2008.09.002>
- Valiante, G., & Morris, D. B. (2013). The sources and maintenance of professional golfers' self-efficacy beliefs. *The Sport Psychologist*, 27(2), 130-142.
<https://doi.org/10.1123/tsp.27.2.130>.
- Vargas-Tonsing, T. M., & Guan, J. (2007). Athletes' preferences for informational and emotional pre-game speech content. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 2(2), 171-180. <https://doi.org/10.1260/174795407781394338>.
- Venditti Junior, R., Oliveira, V. & Morandim, L. C. C. (2022). Autoeficácia profissional de educação física nos esportes e no exercício, eficácia coletiva e agência humana em equipes esportivas. In. E. M. Peixoto & T. C. Nakano (Orgs.), *Métodos de avaliação em psicologia do esporte* (pp. 287-302). Vetor.
- Vieira, C. Y. N., dos Santos Ferreira, D., Barretti, D. L. M. & Carmo, E. C. (2018, 22-28 julho). *Influência da presença de adversários sobre as respostas da percepção subjetiva de esforço, percepções afetivas e autoficácia no ciclismo e a sua relação com a estratégia de prova*. 70ª Reunião Anual da SBPC, Maceió.
<http://www.sbpnet.org.br/livro/70ra/trabalhos/resumos>.
- Vieira, J. L. L., Ferreira, L., Cheuczuk, F., Flores, P. P., Vissoci, J. R. N., Rocha, F. F. D., Nascimento Junior, J. R. A. & Vieira, L. F. (2015). Impacto do relacionamento treinador-atleta sobre a eficácia coletiva de jovens atletas de voleibol. *Revista Brasileira de*

- Cineantropometria & Desempenho Humano*, 17(6), 650-660.
<https://doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n6p650>.
- Vieira, L. F., Teixeira, C. L., Vieira, J. L. L., & Oliveira Filho, A. (2011). Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 13, 183-188. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2011v13n3p183>
- Villani, D., Caputo, M., Balzarotti, S., & Riva, G. (2017). Enhancing self-efficacy through a blended training: A pilot study with basketball players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 15(2), 160-175.
<https://doi.org/10.1080/1612197X.2015.1079921>.
- Wang, Y. S., Tseng, T. H., Wang, Y. M. & Chu, C. W. (2019). Development and validation of an internet entrepreneurial self-efficacy scale. *Internet Research*, 30(2), 653-675.
<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/INTR-07-2018-0294/full/html>
- Weinberg, R. S., & Gold, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. (6st ed.). Artmed.
- Wickman, K., Nordlund, M., & Holm, C. (2018). The relationship between physical activity and self-efficacy in children with disabilities. *Sport in Society*, 21(1), 50-63.
<http://doi.org/10.1080/17430437.2016.1225925>.
- Williams, D. M., Dunsiger, S., Emerson, J. A., Dionne, L., Rhodes, R. E., & Beauchamp, M. R. (2020). Are self-efficacy measures confounded with motivation? An experimental test. *Psychology & Health*, 35(6), 685-700.
<https://doi.org/10.1080/08870446.2019.1683179>.
- Williams, D.M. & Rhodes, R.E. (2016). The confounded self-efficacy construct: conceptual analysis and recommendations for future research. *Health Psychology Review*, 10(2), 113-128. <http://doi.org/10.1080/17437199.2014.941998>.

- Xu, Z., & Du, J. (2021). A mental health informatics study on the mediating effect of the regulatory emotional self-efficacy. *Biosci. Eng*, *18*, 2775-2788.
- Yildirim, F. & Ilhan, I. Ö. (2010). The validity and reliability of the general self-efficacy scale-Turkish form. *Turk Psikiyatri Dergisi*, *21*(4), 1-7.
<http://www.turkpsikiyatri.com/PDF/C21S4/04.pdf>.
- Zimmerman BJ. (2000). Self-efficacy: an essential motive to learn. *Contemporary Educational Psychology*, *25*(1), 82-91. <https://doi.org/10.1006/ceps.1999.1016>.
- Zoljanahi, E., Mohammadi-Nezhad, M., Gilde, B. S., & Taheri, H. R. (2018). Investigating Sport Attributional Style, Sport Self-Efficacy, and Creativity in Elite Team Athletes. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, *12*(3).
<http://dx.doi.org/10.5812/ijpbs.7860>
- Zourbanos, N., Haznadar, A., Papaioannou, A., Tzioumakis, Y., Krommidas, C., & Hatzigeorgiadis, A. (2016). The relationships between athletes' perceptions of coach-created motivational climate, self-talk, and self-efficacy in youth soccer. *Journal of Applied Sport Psychology*, *28*(1), 97-112.
<https://doi.org/10.1080/10413200.2015.1074630>

Anexos

Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros

Carta de Autorização da Instituição

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (maiores de 18 anos)

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (menores de 18 anos)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de
18 anos – Estudo Piloto

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Juízes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas (maiores de 18 anos)

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas (menores de 18 anos)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores
de 18 anos

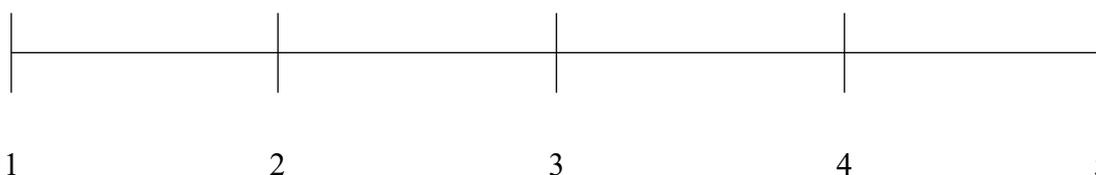
Parecer Consubstanciado do CEP

ANEXO 1

ESCALA DE AUTOEFICÁCIA PARA ATLETAS BRASILEIROS

Por favor, em uma escala de um a cinco, onde um significa “acredito que não posso fazer” e cinco representa “acredito que posso fazer”, avalie o quão você acredita ser capaz de fazer NESTE EXATO MOMENTO as afirmações a seguir.

Atenção: avalie o quanto você acredita ser capaz de fazer agora (posso fazer) e não o que você gostaria (tem vontade) que acontecesse.



“acredito que não
posso fazer”

“acredito que
posso fazer”

NESSE MOMENTO, VOCÊ SE SENTE CAPAZ DE...		SUA NOTA É...				
		1	2	3	4	5
1	Competir com motivação					
2	Encarar adversários que já venci anteriormente					
3	Executar, em competição, algumas técnicas que treinei pouco					
4	Aprender coisas novas quando vejo meus colegas treinando					
5	Fazer algo novo quando sou incentivado(a) pelos meus colegas de treino					

ANEXO 2

Carta de Autorização da Instituição

Prezado(a) Senhor(a) Responsável,

Por meio desse documento, gostaria de convidar a Instituição sob sua responsabilidade a participar da pesquisa que estou realizando em meu doutorado em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano. O objetivo dessa pesquisa é de construir e buscar evidências de validade de um instrumento que visa avaliar a autoeficácia esportiva de atletas brasileiros. O instrumento foi elaborado a partir de revisão de literatura da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura acerca dos principais aspectos envolvidos no constructo da autoeficácia, que pode ser definida como as crenças que os atletas têm em suas próprias capacidades. O instrumento, cujo nome é 'Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros', avalia o quanto o atleta se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

A pesquisa pressupõe a participação de atletas maiores de 14 anos, de ambos os sexos e que tenham experiências competitivas. Para os atletas em formação menores de idade, será solicitada a autorização de pais e/ou responsáveis para a participação, além do seu próprio consentimento. Será solicitado que o(a) atleta responda a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros. Esse instrumento é formado por 84 afirmações e o(a) atleta deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto acredita ser capaz de fazer o que essas afirmações dizem, no exato momento em que está respondendo ao instrumento.

Ao aceitar participar da pesquisa, o(a) atleta responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa a rotina de treino desse atleta. Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso obrigatório de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para uso dos participantes e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, o(a) atleta receberá um link que lhe dará acesso ao instrumento e, sua participação será *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la. Nesse caso, a pesquisadora solicitará, a instituição, um meio de contato com os atletas (e-mail ou telefone).

Asseguro que os dados da instituição e pessoais dos(as) atletas, bem como as suas respostas, serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes. Ofereço-me a dar uma palestra sobre o constructo para os participantes e colaboradores da instituição caso haja interesse. Ressalto que não haverá ônus financeiro ou ressarcimento pela participação dos(as) atletas nesta pesquisa.

A participação no estudo prevê riscos mínimos aos participantes, os quais poderão estar relacionados a fadiga durante a execução da atividade. Caso algum atleta experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, ele(a) será orientado a entrar em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga, a qual poderá oferecer um atendimento inicial verificando se ele você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso ainda

tenha interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo será submetido para avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas e somente será iniciado após a sua aprovação. Se você tiver dúvidas durante a condução da pesquisa, ou mesmo depois de ela ter se encerrado, poderá entrar em contato com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19)3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Esperamos contar com sua colaboração e estamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Ao concordar que a instituição participe da investigação junto à Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____ na
função de _____ da instituição _____
_____, autorizo a execução da pesquisa acima
citada, após ter sido esclarecido(a) sobre os objetivos desta.

Assinatura

Data: ___/___/____

ANEXO 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (maiores de 18 anos)

Caro(a) atleta,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a sua prática no esporte. A autoeficácia é definida como as crenças que você tem em suas próprias capacidades. O instrumento, cujo nome é ‘Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros’, avalia o quanto você se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

Caso aceite participar da pesquisa, você será convidado(a) a participar de uma reunião com a pesquisadora e demais atletas participantes da pesquisa, que terá, como objetivo, a leitura das frases que compõem a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros e, em seguida, o questionamento sobre eventuais dúvidas. Nessa reunião, também será pedido que você preencha a escala. Esse instrumento é formado por 84 afirmações e você deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto você acredita ser capaz de fazer o que essas afirmações dizem. Para sua participação, acredita-se que você deva levar em média 60 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, você responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa sua rotina de treino. Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para que você possa usar e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, você receberá um link que lhe dará acesso à reunião *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos aos participantes, podendo ocorrer alguma fadiga durante a execução da tarefa. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois

dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar em participar da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____
declaro que recebi todas as informações da pesquisa e aceito participar desta.

Data: ___/___/____

Assinatura

ANEXO 4

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas – Estudo Piloto (menores de 18 anos)

Caro(a) atleta,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a sua prática no esporte. A autoeficácia é definida como as crenças que você tem em suas próprias capacidades. O instrumento, cujo nome é ‘Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros’, avalia o quanto você se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

Se você tem entre 14 e 17 anos, seus pais e/ou responsáveis autorizarem e você concordar em participar dessa pesquisa, você será convidado(a) a participar de uma reunião com a pesquisadora e demais atletas participantes da pesquisa, que terá, como objetivo, a leitura das frases que compõem a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros e, em seguida, o questionamento sobre eventuais dúvidas. Nessa reunião, também será pedido que você preencha a escala. Esse instrumento é formado por 84 afirmações e você deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto você acredita ser capaz de fazer o que essas afirmações dizem. Para sua participação, acredita-se que você deva levar em média 60 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, você responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa sua rotina de treino. Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso obrigatório de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para que você possa usar e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, você receberá um link que lhe dará acesso à reunião *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos aos participantes, relacionados a fadiga durante a execução da tarefa. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se você pode ou não dar

continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar em participar da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos

Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas

carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, declaro que recebi todas as informações da pesquisa e aceito participar desta.

Assinatura

Data: ___/___/____

ANEXO 5

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de 18 anos – Estudo Piloto

Prezado(a)s pais e/ou responsáveis,

Seu filho(a) ou menor sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a prática esportiva. O instrumento, cujo nome é ‘Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros’, avalia o quanto seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

É fundamental que o participante tenha entre 14 e 17 anos, de ambos os sexos, seja atleta em formação com experiências em competições esportivas e, além de sua autorização para participar da presente pesquisa, aceite ser participante da pesquisa. A tarefa a ser desenvolvida envolve a participação de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade em uma reunião com a pesquisadora e demais participantes para conversarem sobre a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros. Nesta reunião, será solicitado que seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade avalie os itens do instrumento, informando à pesquisadora o que ele(a) compreende sobre o que está escrito em cada frase. Posteriormente, ele(a) responderá ao instrumento que é formado por 84 afirmações e seu(sua) filho(a) deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto ele(a) acredita ser capaz de fazer. O tempo estimado da reunião é de 60 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade será convidado a comparecer em uma reunião que acontecerá em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa a rotina de treino dele(a). Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso obrigatório de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para uso dos participantes e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade receberá um link que lhe dará acesso à reunião *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la.

A participação de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que a colaboração do(a) atleta poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que os dados pessoais de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos ao participante, relacionados a fadiga durante a execução da tarefa. Caso o participante experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se ele(a) pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante a participação de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar que seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário. Após essa autorização dos pais/responsáveis, os participantes receberão outro documento, chamado “Termo de Assentimento” (TALE), com conteúdo similar ao aqui apresentado e deverão concordar com a participação. Somente participarão da pesquisa aqueles cujos pais/responsáveis assinarem o documento aqui apresentado e os menores assinarem o TALE.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____
declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo meu(minha) filho(a) ou menor sob
minha responsabilidade a participar desta.

Nome do(a) filho(a): _____

Assinatura

Data: ___/___/____

ANEXO 6

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes

Prezado(a) Senhor(a) Avaliador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar de minha pesquisa de doutorado em Psicologia, desenvolvida na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano, cujo objetivo visa a construção de uma escala de avaliação da autoeficácia esportiva de atletas brasileiros. Dentre os estudos que envolvem a busca por evidências de validade de conteúdo para os itens criados, a análise de juízes se mostra essencial. Portanto, gostaria de convidá-lo a participar dessa etapa.

O instrumento foi elaborado a partir de revisão de literatura da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura acerca dos principais aspectos envolvidos no constructo da Autoeficácia. A partir de tal análise, separou-se quatro grandes dimensões, sendo as fontes de autoeficácia: experiências diretas de domínio, experiências vicárias, persuasão verbal, estados físicos e emocionais.

Caso aceite participar, sua tarefa envolverá a análise do conteúdo dos itens, tomando como base as definições das quatro dimensões. Você deverá ler cada frase, identificando, na sua opinião, qual dessas quatro dimensões ela representa. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, nível de escolaridade, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa. O formulário a ser preenchido será enviado por e-mail, sendo iniciado pela apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Somente poderão participar aqueles que clicarem na opção “li e concordo com os termos da pesquisa” sendo que, somente após esse passo, o acesso a tarefa será liberado.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidas em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos ao participante, os quais podem estar relacionados à fadiga durante a execução da tarefa possa ocorrer. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco

A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar em colaborar em realizar a análise dos itens da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros, por favor, clique no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____,
declaro estar ciente dos termos da pesquisa descrita nesse documento. Aceito participar como juiz na análise dos itens e dou meu consentimento para que as informações prestadas por mim sejam utilizadas no estudo de construção da Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros.

() li e concordo com os termos da pesquisa

ANEXO 7

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Atletas (maiores de 18 anos)

Caro(a) atleta,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a sua prática no esporte. A autoeficácia é definida como as crenças que você tem em suas próprias capacidades. O instrumento, cujo nome é 'Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros', avalia o quanto você se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

Caso aceite participar da pesquisa, você será convidado(a) a responder a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros. Esse instrumento é formado por 81 afirmações e você deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto você acredita ser capaz de fazer o que essas afirmações dizem. Para responder as 81 frases, acredita-se que você deva levar em média 30 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, você responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa sua rotina de treino. Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para que você possa usar e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, você receberá um link que lhe dará acesso ao instrumento e, sua participação será *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la. Neste caso, você poderá responder no momento que julgar mais adequado dentro de sua rotina.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos aos participantes, podendo ocorrer alguma fadiga durante a execução da tarefa. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina

de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar em participar da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____
declaro que recebi todas as informações da pesquisa e aceito participar desta.

Assinatura

Data: ___/___/____

ANEXO 8

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Atletas (menores de 18 anos)

Caro(a) atleta,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a sua prática no esporte. A autoeficácia é definida como as crenças que você tem em suas próprias capacidades. O instrumento, cujo nome é ‘Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros’, avalia o quanto você se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

Se você tem entre 14 e 17 anos, seus pais e/ou responsáveis autorizarem e você concordar em participar dessa pesquisa, você será convidado(a) a responder a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros. Esse instrumento é formado por 81 afirmações e você deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto você acredita ser capaz de fazer o que essas afirmações dizem, no exato momento em que está respondendo. Para responder as 81 frases, acredita-se que você deva levar em média 30 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, você responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa sua rotina de treino. Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso obrigatório de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para que você possa usar e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, você receberá um link que lhe dará acesso ao instrumento e, sua participação será *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la. Neste caso, você pode responder ao instrumento quando julgar ser o melhor momento dentro de sua rotina.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos aos participantes, relacionados a fadiga durante a execução da tarefa. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar em participar da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, declaro que recebi todas as informações da pesquisa e aceito participar desta.

Assinatura

Data: ___/___/____

ANEXO 9

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e/ou responsáveis por atletas menores de 18 anos

Prezado(a)s pais e/ou responsáveis,

Seu filho(a) ou menor sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo construir um instrumento que seja capaz de avaliar a autoeficácia esportiva durante a prática esportiva. O instrumento, cujo nome é ‘Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros’, avalia o quanto seu(sua) filho(a) se percebe capaz de cumprir com a sua rotina de treinos e competições.

É fundamental que o participante tenha entre 14 e 17 anos, de ambos os sexos, seja atleta em formação com experiências em competições esportivas e, além de sua autorização para participar da presente pesquisa, aceite ser participante da pesquisa. A tarefa a ser desenvolvida envolve a resposta a Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros. Esse instrumento é formado por 81 afirmações e seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade deve, em uma escala de 1 a 5, avaliar o quanto ele(a) acredita ser capaz de fazer. Para responder as 81 frases, o tempo estimado é de 30 minutos. Alguns dados sociodemográficos (sexo, idade, modalidade esportiva, nível de escolaridade, tempo de prática esportiva, dentre outros) serão perguntados para podermos conhecer os participantes da pesquisa.

Aceitando participar da pesquisa, seu(sua) filho(a), ou menor sob sua responsabilidade, responderá à escala em um momento de coleta de dados combinado previamente de modo que não comprometa a rotina de treino dele(a). Devido ao momento de pandemia do COVID-19, enfatiza-se que, para realizar a coleta de dados, todos os procedimentos sugeridos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) serão adotados, como o uso obrigatório de máscara e distanciamento social, além de ser fornecido álcool em gel para uso dos participantes e o ambiente de coleta ser um local arejado. Caso não seja possível, ainda devido à pandemia, realizar a coleta de dados presencialmente, seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade receberá um link que lhe dará acesso ao instrumento e, sua participação será *on-line*, sendo necessário apenas o acesso à internet para realizá-la. Nesse caso, o(a) atleta poderá responder quando julgar ser o melhor momento dentro de sua rotina.

A participação de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que a colaboração do(a) atleta poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que os dados pessoais de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade, bem como as suas respostas serão mantidos em sigilo, podendo os resultados desse estudo serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa atividade envolve riscos mínimos ao participante, relacionados a fadiga durante a execução da tarefa. Caso o participante experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a

pesquisadora, que é psicóloga e poderá oferecer um atendimento inicial verificando se ele(a) pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante a participação de seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Carolina de Campos, pelo telefone (11)93361-8824. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP – horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00.

Se concordar que seu(sua) filho(a) ou menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa, por favor, assine e date a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário. Caso a resposta ocorra de forma online, você receberá um link e, caso concorde em participar, deve clicar no botão “li e concordo com os termos da pesquisa”. Uma via do documento será enviada ao e-mail cadastrado, para consulta, se necessário. Após essa autorização dos pais/responsáveis, os participantes receberão outro documento, chamado “Termo de Assentimento” (TALE), com conteúdo similar ao aqui apresentado e deverão concordar com a participação. Somente participarão da pesquisa aqueles cujos pais/responsáveis assinarem o documento aqui apresentado e os menores assinarem o TALE.

Desde já agradeço sua colaboração.

Carolina de Campos
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
carolinadecampos1@gmail.com

Eu _____, RG _____
declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo meu(minha) filho(a) ou menor sob
minha responsabilidade a participar desta.

Nome do(a) filho(a): _____

Assinatura

Data: ___/___/____



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Construção e investigação de evidências de validade de uma Escala de Autoeficácia Esportiva para Atletas Brasileiros

Pesquisador: CAROLINA DE CAMPOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47846921.0.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.816.458

Apresentação do Projeto:

A autoeficácia é compreendida como a crença que o indivíduo tem sobre suas capacidades pessoais. No contexto esportivo, esta crença é fundamental para que o atleta se mantenha motivado e persistente no programa exaustivo de treinos e aprimore as habilidades para ter um bom desempenho. A presente pesquisa terá como objetivo desenvolver e estimar evidências de validade de uma escala para investigar autoeficácia em atletas brasileiros. A revisão da literatura sobre o tema foi realizada e apontou a ausência de instrumentos validados para a população brasileira que investiguem a autoeficácia esportiva em diferentes modalidades. A partir desse cenário, quatro estudos foram planejados: (1) desenvolvimento do instrumento, (2) busca de evidências de validade de conteúdo com a ajuda de juízes especialistas e estudo piloto para investigar a adequação dos itens ao público-alvo, (3) investigação de evidências de validade com base em sua estrutura fatorial; (4) investigação de evidências de validade com base em variáveis externas. Os participantes serão atletas de alto rendimento (paratletas e atletas sem deficiência), de diferentes modalidades (individual e coletiva), com idade mínima de 14 anos, que pratiquem o esporte há pelo menos três anos e tenham participado de pelo menos uma competição de nível regional. A coleta de dados será feita em pelo menos três regiões brasileiras para cobrir diferentes realidades de treinamento e competições. Espera-se que a escala apresente resultados favoráveis e que a continuidade dos estudos voltados para a investigação de suas qualidades psicométricas possa possibilitar sua disponibilização para uso profissional no futuro.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Continuação do Parecer: 4.816.458

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desenvolver e verificar as evidências de validade das propriedades psicométricas de uma Escala de Autoeficácia para Atletas Brasileiros.

Objetivo Secundário:

- Construir o instrumento baseado na literatura sobre autoeficácia;
- Investigar evidências de validade de conteúdo do instrumento por meio da análise de juízes e sua adequação ao público-alvo em um estudo piloto;
- Verificar as evidências de validade com base na estrutura interna;
- Investigar evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas (validade convergente).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O único risco mínimo previsto se relaciona a possibilidade de cansaço físico e/ou mental durante a execução da tarefa. Caso o participante encontre-se estafado durante o processo, a pesquisadora poderá fazer o primeiro acolhimento com ele, uma vez que é psicóloga e, caso seja necessário, a pesquisadora o encaminhara para um processo terapêutico, fornecendo-lhe todo o suporte necessário para a manutenção de sua saúde mental.

Benefícios:

Os participantes que sentirem necessidade e/ou interesse terão acesso a sua avaliação em qualquer momento da pesquisa, inclusive após sua finalização. Acredita-se que esse acesso propiciara uma autorreflexão e autoconhecimento sobre suas crenças de autoeficácia esportiva.

Os benefícios envolvem a possibilidade de autoconhecimento ao terem que ler cada uma das situações e refletir como elas se aplicam a sua realidade esportiva. Do mesmo modo, uma devolutiva para os clubes será oferecida, de forma coletiva, bem como a possibilidade de assistirem uma palestra de orientação sobre a importância do cuidado com aspectos psicológicos dos atletas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo se mostra pertinente e promissor em termos do seu valor científico. A metodologia é

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Continuação do Parecer: 4.816.458

adequada aos objetivos. O projeto transparece rigor e cuidado. Os compromissos éticos foram adequadamente indicados. O projeto prevê quatro estudos. O primeiro consiste na elaboração do instrumento. O segundo corresponde a um piloto. Prevê a aplicação presencial e coletiva do instrumento descrevendo os cuidados sanitários em atenção à pandemia da COVID 19. Apresenta-se a alternativa de realizar a aplicação em ambiente virtual mediante login individual. Também se prevê a participação de cinco juízes, psicólogos experientes no processo de desenvolvimento de instrumentos. Para a elaboração do terceiro estudo, serão convidados 420 participantes recrutados a partir do contato com instituições esportivas (clubes e associações). Para a realização do estudo 4, participarão 210 atletas, sendo a amostra do Estudo 3, selecionada por conveniência dentre os respondentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados adequadamente preenchidos e assinados, a saber: as versões do TCLE para juízes, para pais ou responsáveis, para participantes maiores de 18 anos e do TALE, autorização para a realização da pesquisa pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais e pela Sociedade Esportiva Palmeiras. Constam, também, o cronograma, declaração de infraestrutura, orçamento e folha de rosto.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que a pesquisadora atendeu adequadamente todas as pendências apontadas anteriormente pelo CEP, o projeto encontra-se aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Continuação do Parecer: 4.816.458

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1764920.pdf	25/06/2021 09:46:40		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_CEP_finalizado_r-etificado.pdf	25/06/2021 09:46:06	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_10_TCLE_pais.pdf	08/06/2021 19:28:18	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_9_TALE_atleta_menor_de_18_anos.pdf	08/06/2021 19:28:11	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_8_TCLE_atleta_maior_de_18_anos.pdf	08/06/2021 19:28:02	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_7_TCLE_para_pais_piloto.pdf	08/06/2021 19:27:54	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_6_TALE_para_atleta_menor_de_18_anos_piloto.pdf	08/06/2021 19:27:44	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_5_TCLE_para_atleta_maior_de_18_anos_piloto.pdf	08/06/2021 19:27:31	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_4_TCLE_para_Juizes.pdf	08/06/2021 19:27:17	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
Outros	Autorizacao_da_Instituicao_CBDV.pdf	08/06/2021 19:26:42	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
Outros	Autorizacao_da_Instituicao_SEP.pdf	08/06/2021 19:26:08	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
Orçamento	Declaracao_de_custos.pdf	08/06/2021 19:22:26	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_infraestrutura.pdf	08/06/2021 19:21:45	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/06/2021 19:20:22	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Continuação do Parecer: 4.816.458

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_completa.pdf	08/06/2021 19:14:27	CAROLINA DE CAMPOS	Aceito
----------------	-----------------------------	------------------------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 30 de Junho de 2021

**Assinado por:
Mário Edvin GreTERS
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br